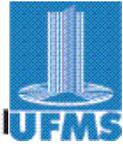




Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



MIRIAN ALVES CARVALHO

**MARCAS DIATÉCNICAS EM DICIONÁRIOS DO PNLD TIPO 4: um
estudo metalexigráfico**

TRÊS LAGOAS-MS

09 de maio de 2025



Serviço Público Federal
Ministério da Educação

Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



MIRIAN ALVES CARVALHO

**MARCAS DIATÉCNICAS EM DICIONÁRIOS DO PNLD TIPO 4: um
estudo metalexigráfico**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do *campus* de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, área de concentração: Estudos linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Renato Rodrigues-Pereira.

TRES LAGOAS-MS

09 de maio de 2025

Mirian Alves Carvalho

MARCAS DIATÉCNICAS EM DICIONÁRIOS DO PNLD TIPO 4: um estudo
metalexigráfico

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do *campus* de Três Lagoas, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, área de concentração: Estudos linguísticos.

Orientador: Prof. Dr. Renato Rodrigues-Pereira.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Renato Rodrigues-Pereira – UFMS (orientador)

Profa. Dra. Cleci Regina Bevilacqua – UFRGS (titular externo)

Profa. Dra. Aparecida Negri Isquerdo – UFMS (titular interno)

Profa. Dra. Ana Claudia Castiglioni – UFNT (suplente externo)

Profa. Dra. Elizabete Aparecida Marques (suplente interno)

Três Lagoas-MS, 09 de maio de 2025

A Deus, por me abençoar com sabedoria e luz para guiar meus passos.

AGRADECIMENTOS

Gratidão e realização são às palavras que expressam este momento em minha vida. Agradeço primeiramente a Deus, por me conceder sonhar, proporcionando-me sabedoria e força para realizá-lo. Agradeço também a Nossa Senhora, por ser a mãezinha a me interceder e auxiliar, quando necessário, em todos os momentos da minha vida.

Nestes anos de mestrado, precisei de muito esforço, dedicação, comprometimento e determinação para chegar até aqui. Para isso, muitas pessoas foram essenciais nesse processo e quero deixar aqui todo o meu agradecimento.

À minha mãe, Cleonice, por seu apoio, amor, acalento e por ser meu exemplo de mulher. Obrigada por suas palavras de carinho quando precisei, por seu colo em todos os momentos necessários, por permitir realizar esse sonho e por todos os ensinamentos que me fizeram chegar até aqui. Saiba que a senhora é meu exemplo. Te amo infinitamente!

Ao meu pai, Antônio, por todo o seu apoio e amor. O senhor é o primeiro a me apoiar em meus estudos e na vida, nunca medindo esforços para me ver realizando-os. Saiba que isso é muito importante para mim. Amo você!

À minha irmã, Natalia, por sempre fazer tudo por mim, por me incentivar e por cada palavra de conforto. Além do apoio acadêmico, sua presença em minha vida sempre foi um porto seguro. Sua amizade e companheirismo tornaram esta jornada mais leve.

Ao meu querido sobrinho e afilhado, Aquiles, por seus abraços quando precisei e por seus sorrisos que fizeram esta trajetória mais linda.

Ao meu namorado, André, que desde a graduação sempre está ao meu lado me apoiando, me aconselhando, e dando todo amor e carinho quando necessário. Você é, para mim, meu melhor amigo e o meu amor, com quem divido as maiores alegrias e supero os desafios, sempre com seu companheirismo. Sou muito grata por ter você ao meu lado em cada passo.

À minha amiga, Ingryd, por sua amizade desde criança que nos mantém inseparáveis. Obrigada por cada conversa que tantas vezes nos proporcionou risadas inesquecíveis, e que tornou esta trajetória mais leve.

À todas as minhas companheiras da pós-graduação, em especial Bruna Aparecida, Julia Estéfane e Mariana dos Santos. Vocês transformaram esses dois anos em momentos mais leves com nossas pausas para o café cheias de risadas, nossos grupos de estudos onde aprendíamos juntas e nossas conversas que iam além do acadêmico, criando amizade que levarei para a vida.

A todos os colegas e integrantes do NEL- Núcleo de Estudos do Léxico-UFMS/CPTL.

Ao meu orientador por todo cuidado e paciência que sempre teve comigo desde a época da graduação, por isso quero agradecer por todos os seus ensinamentos, que foram além da teoria e que continuam me preparando para os desafios acadêmicos, pela dedicação ao meu desenvolvimento acadêmico, e pelo tempo e atenção que sempre me ofereceu. Quero enfatizar a honra que é tê-lo como meu orientador, pois além de ser um profissional excepcional é um ser humano incrível, paciente e sempre preocupado com o próximo. Obrigada por todos os momentos compartilhados, sejam eles em sala de aula, em reuniões, em orientações, bem como aqueles momentos de descontrações nas viagens.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Câmpus de Três Lagoas. Foram muito importantes todas as aulas, os textos, as discussões vivenciadas em sala de aula. Agradeço por todo o conhecimento que nos transmitiram.

À minha banca de qualificação Prof.^a Dra. Aparecida Negri Isquerdo e Prof.^a Dra. Cleci Bevilacqua, por fazerem importantes contribuições para esta pesquisa. Foi uma hora tê-las em minha banca.

À CAPES, pela concessão da bolsa de estudo durante o meu mestrado.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente colaboraram com este trabalho, meus sinceros agradecimentos a todos.

"Se você não tivesse capacidade, Deus não te daria a oportunidade. Seus medos você já conhece, experimente suas coragens"

- Santa Teresinha do Menino Jesus¹

¹ Pensamento popularmente associado à Santa Teresinha, em consonância com os princípios de sua doutrina "Pequena Via".

CARVALHO, Mirian Alves. **Marcas Diatécnicas em Dicionários do PNLD Tipo 4: um estudo metalexigráfico.** (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2025. 154 p.

RESUMO

As marcas diatécnicas costumam estar presentes em diversos dicionários, demarcando áreas de uso especializado. Na tradição lexicográfica, esse tipo de registro, geralmente, é apresentado por meio de abreviações que estão registradas antes da definição. Fajardo (1997), Garriga Escribano (2003) e Carevic' (2018) consideram que essas marcas costumam não estar registradas de forma adequada nas obras lexicográficas, principalmente nos dicionários pedagógicos. Considerando tais apontamentos, definimos como objetivo geral analisar o tratamento lexicográfico dado às marcas diatécnicas em três dicionário do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) do tipo 4: *Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa* (2011), *Dicionário Houaiss Conciso* (1ª edição, 2011) e *Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara* (1ª edição, 2011), com vistas a identificar potencialidades e fragilidades relacionadas ao registro dessas informações nas obras, considerando, para tanto, o contexto didático no Ensino Médio. Como objetivos específicos, estabelecemos: i) revisar o conceito de marcas diatécnicas no âmbito da Lexicografia, levando em conta as suas particularidades em comparação às outras marcas de uso; ii) discorrer sobre os princípios da Lexicografia Pedagógica e a possibilidade de ajustes no registro das marcas diatécnicas em dicionários direcionados ao Ensino Médio; iii) examinar o registro de informações sobre termos usados em disciplinas do Ensino Médio, analisando, desse modo, todas as partes que compõem um dicionário escolar. Para alcançar os objetivos desta pesquisa, além de nos orientarmos por princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), buscamos responder às seguintes perguntas: i) as marcas diatécnicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? ii) o tratamento lexicográfico referente às marcas diatécnicas nos dicionários do PNLD tipo 4 atendem às necessidades dos alunos do Ensino Médio? iii) haveria a necessidade de pensar em parâmetros lexicográficos mais didáticos para o registro desse tipo de informação em dicionários escolares? Orientou ainda nossa pesquisa a hipótese de que as marcas diatécnicas não recebem a atenção devida em todas as áreas do conhecimento, o que sugere um olhar mais atento para esse tipo de registro em dicionários pedagógicos. Os resultados das análises demonstram que não são todas as unidades léxicas em função também de termos que recebem o registro de uma marcação que indique sua área especializada nesses dicionários, o que nos instigou à proposição de parâmetros organizacionais didáticos das marcas diatécnicas em dicionários. Por fim, esperamos que esta dissertação contribua para o desenvolvimento das pesquisas na área da Lexicografia, com foco para LEXPED.

Palavras-chave: Lexicográfica Pedagógica; Marcas de uso; Marcas Diatécnicas; Dicionários Pedagógicos.

CARVALHO, Mirian Alves. **Marcas Diatécnicas em Dicionários do PNLD Tipo 4: um estudo metalexigráfico.** (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2025. 154 p.

ABSTRACT

Diatechnical marks are often present in monolingual dictionary of Portuguese language, demarcating areas of specialized use. In the lexicographical tradition, this type of record is generally presented through abbreviations that are recorded before the definition. Fajardo (1997), Garriga Escribano (2003) and Carevic' (2018) consider out that these marks are often not adequately registered in lexicographical works, especially in pedagogical dictionaries. Considering these notes, we defined as a general objective to analyze the lexicographic treatment given to diatechnic marks in three dictionaries of the National Textbook Program (PNLD) of type 4: *Novíssimo Aulete* contemporary dictionary of the Portuguese Language (2011), *Dicionário Houaiss Conciso* (1st edition, 2011) and *Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara* (1st edition, 2011), with a view to identifying potentialities and weaknesses related to the recording of this information in the works, considering, for this purpose, the didactic context in High School. As specific objectives, we established: i) to review the concept of diatechnic marks within the scope of Lexicography, taking into account their particularities in comparison to other marks of use; ii) to discuss the principles of Pedagogical Lexicography and the possibility of adjustments in the registration of diatechnic marks in dictionaries aimed at High School; iii) to examine the registration of information on terms used in High School subjects, analyzing, for this purpose, all the parts that make up a school dictionary. To achieve the objectives of this research, in addition to being guided by theoretical and methodological principles of Pedagogical Lexicography (LEXPED), we sought to answer the following questions: i) are diatechnic marks recorded in the lexicographic works chosen for the research? ii) does the lexicographic treatment of diatechnic marks in PNLD type 4 dictionaries meet the needs of high school students? iii) would there be a need to think of more didactic lexicographic parameters for recording this type of information in school dictionaries? Our research is also guided by the hypothesis that diatechnical marks do not receive due attention in all areas of knowledge, which suggests a closer look at this type of record in pedagogical dictionaries. The results of the analyses demonstrate that not all lexical units, also due to terms, are marked with a marker indicating their specialized area in these dictionaries, which prompted us to propose didactic organizational parameters for diatechnical marks in dictionaries. Finally, we hope this dissertation contributes to the development of research in the field of lexicography, with a focus on LEXPED.

Keywords: Pedagogical Lexicography; Usage Marks; Diatechnical Mark; Pedagogical Dictionaries.

CARVALHO, Mirian Alves. **Marcas Diatécnicas em Dicionários do PNLD Tipo 4: um estudo metalexigráfico.** (Dissertação de Mestrado). Três Lagoas: Câmpus de Três Lagoas da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2025. 154 p.

RESUMEN

Las marcas diatécnicas suelen estar presentes en los diccionarios monolingües de la lengua portuguesa y delimitan áreas de uso especializado. En la tradición lexicográfica, este tipo de registro se presenta generalmente a través de abreviaturas que se registran antes de la definición. Fajardo (1997), Garriga Escribano (2003) y Carevic' (2018) consideran que estas marcas muchas veces no quedan adecuadamente registradas en las obras lexicográficas, especialmente en los diccionarios pedagógicos. Considerando tales apuntes, definimos como objetivo general analizar el tratamiento lexicográfico dado a las marcas diatécnicas en tres diccionarios del Programa Nacional de Libros Didácticos (PNLD) del tipo 4: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa Novíssimo Aulete (2011), Dicionário Houaiss Conciso (1ª edición, 2011) y Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara (1ª edición, 2011), con el objetivo de identificar fortalezas y debilidades relacionadas con el registro de esta información en las obras, considerando, para ello, el contexto didáctico en la enseñanza secundaria. Como objetivos específicos, nos propusimos: i) revisar el concepto de marcas diatécnicas en el ámbito de la Lexicografía, teniendo en cuenta sus particularidades en comparación con otras marcas de uso; ii) discutir los principios de la Lexicografía Pedagógica y la posibilidad de ajustes en el registro de marcas diatécnicas en diccionarios dirigidos a la enseñanza secundaria; iii) examinar el registro de información sobre términos utilizados en las asignaturas de enseñanza media, analizando, para ello, todas las partes que componen un diccionario escolar. Para alcanzar los objetivos de esta investigación, además de guiarnos por los principios teóricos y metodológicos de la Lexicografía Pedagógica (LEXPED), buscamos responder a las siguientes preguntas: i) ¿se registran marcas diatécnicas en las obras lexicográficas elegidas para la investigación? ii) ¿el tratamiento lexicográfico de las marcas diatécnicas en los diccionarios PNLD tipo 4 satisface las necesidades de los estudiantes de enseñanza media? iii) ¿sería necesario pensar en parámetros lexicográficos más didácticos para registrar este tipo de información en los diccionarios escolares? Nuestra investigación también se guía por la hipótesis de que las marcas diatécnicas no reciben la debida atención en todas las áreas del conocimiento, lo que sugiere una mirada más cercana a este tipo de registro en los diccionarios pedagógicos. Los resultados de los análisis demuestran que no todas las unidades léxicas, también debido a los términos, están marcadas con un marcador que indica su área especializada en estos diccionarios, lo que nos impulsó a proponer parámetros didácticos de organización para las marcas diatécnicas en los diccionarios. Finalmente, esperamos que esta tesis contribuya al desarrollo de la investigación en el campo de la lexicografía, con especial atención a LEXPED.

Palabras clave: Lexicografía Pedagógica; Marcas de uso; Marca Diatécnica; Diccionarios pedagógicos.

LISTA DE SIGLAS

- AILA** Association Internationale de Linguistique Appliquée
- Arit.** Aritmética
- Art. Pl.** Artes Plástica
- AUL** Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa
- Biol.** Biologia
- BNCC** Base Nacional Comum Curricular
- DLPEB** Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara
- DUP** Dicionário de usos do Português do Brasil
- Esp.** Esporte
- Fil.** ou **Filos.** Filosofia
- Fís.** Física
- Fisl.** Fisiologia
- Gen.** Genética
- Geog. Pol.** Geografia Política
- Geom.** Geometria
- Gram.** Gramática
- Hist.** História
- HOUC** Dicionário Houaiss Conciso
- L1** Língua Materna
- L2** Língua Estrangeira
- LA** Linguística Aplicada
- LEXPED** Lexicografia Pedagógica
- Ling.** Linguística
- Mat.** Matemática
- Med.** Medicina
- MDT** Marca Diatécnica
- PNLD** Programa Nacional do Livro e do Material Didático
- Quím.** Química
- Soc.** Sociologia
- UL** Unidade Léxica
- VOLP** Vocabulário Ortográfico da Língua portuguesa

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Considerações acerca da ampliação do léxico	22
Quadro 2 - Tipos de dicionários e suas especificidades	23
Quadro 3 - Fatores que auxiliam no ensino do vocabulário na BNCC	26
Quadro 4 - Fatores que definem a progressão das aprendizagens e habilidades na BNCC para o Ensino Médio.....	26
Quadro 5 - Princípios fundamentais, inovações e obstáculos da LEXPED	32
Quadro 6 - Disciplinas que fazem parte da Linguística Aplicada.	36
Quadro 7 - Informações contidas em um verbete segundo Porto Dapena (2002).....	51
Quadro 8 - Informações contidas em um verbete segundo Haensch (1982).....	52
Quadro 9 - Marcas gramaticais e marcas de transição semântica.	58
Quadro 11 - Características das marcas diacrônica, diatópica, diastrática, diatécnica e diafásica	68
Quadro 12 – Modelo de verbete da marcação dupla.....	69
Quadro 13 – Exemplo de verbete com marcação dupla.....	69
Quadro 14 – Tipos de entorno	70
Quadro 15 - Presença da marca datécnica na <i>Front Matter</i> do DLPEB	81
Quadro 16 - Disciplinas obrigatórias do Ensino Médio.....	81
Quadro 17 - Termos selecionados para as áreas	82
Quadro 18 – Organização das informações dos termos <i>vanguarda</i> e <i>impressionismo</i> – Arte	83
Quadro 19 – Presença das marcas diatécnicas na <i>Front Matter</i> dos dicionários	86
Quadro 20 - Termos <i>vanguarda</i> e <i>impressionismo</i> – Arte.....	90
Quadro 21 - Termos <i>homeostase</i> e <i>mutação</i> – Biologia.....	91
Quadro 22 - Termos <i>basquete</i> e <i>vôlei</i> – Educação Física.....	93
Quadro 23 - Termos <i>ética</i> e <i>moral</i> – Filosofia	96
Quadro 24 - Termos <i>termodinâmica</i> e <i>escala</i> – Física.....	98
Quadro 25 - Termos <i>território</i> e <i>geopolítica</i> – Geografia	101
Quadro 26 - Termos <i>absolutismo</i> e <i>feudalismo</i> – História	103
Quadro 27 - Termos <i>coesão</i> e <i>regência</i> – Língua Portuguesa.....	105
Quadro 28 - Termos <i>denominador</i> e <i>escaleno</i> – Matemática.....	107
Quadro 29 - Termos <i>hidrocarboneto</i> e <i>oxidação</i> – Química.....	109
Quadro 30 - Termos <i>ideologia</i> e <i>sociedade</i> – Sociologia.....	111
Quadro 31 - Potencialidades e fragilidades dos termos analisados.....	115

Quadro 32 - Gráfico quantitativo das marcas diatélicas	119
---	-----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Modelo Hierárquico	20
Figura 2 - Organograma das características da Linguística Aplicada	34
Figura 3 - Organograma da estrutura da obra lexicográfica.....	40
Figura 4 - Organograma <i>Outside Matter</i> em Lexicografia.....	41
Figura 5 - Esquema de organização do verbete.....	49
Figura 6 - Organograma das Marcas Diassistemáticas.....	59
Figura 7 - Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa.....	75
Figura 8 - Dicionário Houaiss Conciso.	77
Figura 9 - Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara.....	78
Figura 10 - Exemplo da <i>Front Matter</i> do dicionário DLPEB	87
Figura 11 - Exemplo da <i>Front Matter</i> do dicionário AUL	88
Figura 12 - Exemplo da <i>Front Matter</i> do dicionário HOUC.....	89
Figura 13 - Guia de uso	126

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	LÉXICO E DICIONÁRIO: PRINCÍPIOS TEÓRICOS.....	16
2.1	O Léxico	16
2.2	Aquisição da Competência Léxica	18
2.3	A Lexicografia	27
2.4	A Lexicografia Pedagógica.....	30
2.4.1	A Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada	33
2.5	Estrutura lexicográfica.....	39
2.5.1	Front Matter	41
2.5.2	<i>Word List</i> e Macroestrutura.....	43
2.5.3	Back Matter	55
2.6	Marcas de uso	56
2.6.1	Marcas temporais (diacrônicas).....	60
2.6.2	Marcas espaciais (diatópicas)	60
2.6.3	Marcas formais (diafásica)	63
2.6.4	Marcas de estrato social (diatrática).....	63
2.6.5	Marcas diatópicas.....	65
2.6.6	Marcação dupla.....	69
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	74
3.1	Critérios para a escolha das obras analisadas	74
3.2	Critérios para a análise da <i>Front Matter</i> dos dicionários	80
3.3	Critérios para seleção das áreas	81
3.4	Critérios para seleção dos termos	81
3.5	Critérios para a análise dos termos	83
4	APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS	86
4.1	Análise da <i>Front Matter</i>	86
4.2	Análise dos termos da área de Arte	90
4.3	Análise dos termos da área de Biologia	91
4.4	Análise dos termos da área de Educação Física	93
4.5	Análise dos termos da área de Filosofia	96
4.6	Análise dos termos da área de Física.....	98
4.7	Análise dos termos da área de Geografia	101
4.8	Análise dos termos da área de História	103
4.9	Análise dos termos da área de Língua Portuguesa	105
4.10	Análise dos termos da área de Matemática	107

4.11	Análise dos termos da área de Química.....	109
4.12	Análise dos termos da área de Sociologia	111
4.13	Considerações sobre os dados	114
4.14	Considerações gerais sobre as análises.....	119
5	PROPOSTA DE PARÂMETROS LEXICOGRÁFICOS PARA O REGISTRO DAS MARCAS DIATÉCNICAS EM DICIONÁRIOS PEDAGÓGICOS.....	123
5.1	Princípios e proposta para o registro da Front Matter	124
5.2	Orientação de registro das Marcas Diatécnicas na microestrutura.....	128
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	135
	REFERÊNCIAS.....	139

1 INTRODUÇÃO

Por meio do léxico compreendemos lugares, discursos, objetos, tal como temos a possibilidade de criarmos os efeitos de sentidos almejados. Assim como as cores, o léxico de uma língua é possuidor de diferentes nuances, de modo que, a depender da realidade circundante, ele adquire tonalidades mais rudes, mais suaves, mais rebuscadas, sempre em conformidade com as intenções comunicativas de quem utiliza o de forma competente. Ele representa, na realidade, os anseios, as intenções, as emoções e as necessidades da sociedade de que faz parte (Rodrigues-Pereira; Nascimento, 2022, p. 239).

O léxico de uma língua é responsável por descrever e definir quaisquer aspectos que uma comunidade linguística pretende nomear. À vista disso, ele constitui um amplo sistema de significação, composto por unidades léxicas (UL), que, por sua vez, são utilizadas “para se referir a um, dois ou mais significantes que juntos, em um discurso, possuam unidade de sentido” (Rodrigues-Pereira; Zacarias; Nadin, 2019, p. 8).

As UL podem ser classificadas em dois tipos: lexias simples e lexias complexas. As lexias simples são as constituintes por uma unidade, por exemplo: escada, garrafa, caneta, cantar etc. As lexias complexas, da sua parte, são formadas por mais de uma unidade, por exemplo: porta-retratos, fim de semana, sala de estar etc. Biderman argumenta que elas são “unidades lexicais que, no plano da escrita, são grafadas como uma sequência de unidades, embora correspondam a um único referente no plano da língua” (Biderman, 1996, p. 33).

As UL simples e complexas permitem ao homem se relacionar em sociedade. Para compreendermos o léxico de uma língua, diversas ciências o têm como objeto de estudo, como: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia etc. Para esta pesquisa, aprofundamo-nos na Lexicografia e uma de suas vertentes, a Lexicografia Pedagógica (LEXPED), assunto sobre o qual discorreremos mais adiante.

A Lexicografia é a ciência que tem como um de seus objetivos registrar em dicionários, por meio do léxico, aspectos linguísticos e extralinguísticos de uma ou mais línguas, conforme as características sociais, linguísticas, culturais, ideológicas de uma comunidade. Nota-se que seu foco é direcionado à descrição do léxico e à elaboração de dicionários de línguas. Segundo Borba (2003), a Lexicografia é vista por dois aspectos, de forma que:

[...] (i) como técnica de montagem de dicionários, ocupa-se de critérios para a seleção de nomenclaturas ou conjuntos de entradas, de sistemas definitórios, de estruturas de verbetes, de critérios para remissões, para registro de variantes etc.; (ii) como teoria, procura estabelecer um conjunto de princípios que permitam descrever o léxico (total ou parcial) de uma língua, desenvolvendo

uma metalinguagem para manipular e apresentar as informações pertinentes (Borba, 2003, p. 15).

Além de descrever o léxico de uma língua, podendo ser o léxico total ou parcial, as pesquisas no contexto dessa ciência se ocupam também da organização e estruturação de todo o conjunto lexical em dicionários. Nesse enquadre, as obras lexicográficas são organizadas de acordo com as necessidades do público-alvo, como no caso da LEXPED que se dedica à produção de dicionários escolares para atender às necessidades dos estudantes.

A LEXPED, vertente da Lexicografia, tem como um dos seus objetivos organizar as UL em obras lexicográficas de língua materna e/ou estrangeira, ajustando o dicionário de acordo com as necessidades dos futuros consulentes. Nesse contexto, averigua se essa ferramenta é adequada a determinado público-aprendiz de língua. Zavaglia e Nadin (2018), ao discorrerem sobre os objetivos de estudo dessa vertente, incluem os seguintes aspectos:

[...] a escolha e definição de um público específico, no caso, o aprendiz de língua, e de um escopo próprio, qual seja, a aprendizagem de uma língua, seja ela materna ou estrangeira. Seus objetos de estudo abarcam, principalmente, a análise crítica, a elaboração e o uso dos dicionários ditos pedagógicos (Zavaglia; Nadin, 2018, p. 1921).

Ao verificar os objetos de estudo da LEXPED, nota-se que o dicionário pedagógico é o foco desse ramo da Lexicografia, e, conseqüentemente, elaborar obras para aprendizes é um dos seus principais propósitos. Algumas das obras lexicográficas costumam ser ferramentas didáticas, que têm como objetivo auxiliar o consulente no ensino/aprendizagem de língua, esclarecendo, por exemplo, os sentidos que ele não conhece, dentro e fora da sala de aula.

Nesse enquadre, o dicionário resulta muito importante no ensino do vocabulário de uma língua tanto materna quanto não materna, destacando-se por ser uma das ferramentas didáticas muito úteis nesse processo de aprendizagem. Leffa (2000), ao discutir a respeito do ensino do vocabulário e explicar que nesse processo há uma oscilação entre os aspectos internos e externos de ensino, esclarece:

O ensino do vocabulário, tanto na aprendizagem da língua estrangeira, como da língua materna, oscila entre o interno e o externo. De um lado, temos o ensino com ênfase no material que deve ser preparado e oferecido ao aluno. São os aspectos externos, valorizando o input. Nessa área, destacam-se os estudos sobre frequência, dicionários de aprendizagem, linguística de corpus e uma tipologia específica de exercícios. De outro lado, temos o ensino com ênfase no que o aluno deve fazer para adquirir e ampliar o vocabulário. São os aspectos internos, valorizando as estratégias. Destacam-se aí a questão da

profundidade de processamento, a necessidade de respeitar os estilos de aprendizagem etc. (Leffa, 2000, p. 25).

Observe, pois, que a preparação adequada do material didático a ser utilizado se faz necessária, para que as atividades de ensino e de aprendizagem aconteçam de forma mais efetiva. Nota-se que o ensino e desenvolvimento do léxico de uma língua em termos pedagógicos necessita ser trabalhado em conjunto com diversas ferramentas de ensino, por exemplo, materiais que auxiliam na aprendizagem, com exercícios que possibilitam a ampliação do vocabulário do consulente. Por isso, o professor deve se atentar aos seguintes aspectos ao selecionar os materiais para o estudante desenvolver o vocabulário: “(1) seleção do vocabulário a ser aprendido; (2) seleção dos textos a serem estudados; e (3) seleção das estratégias a serem empregadas” (Leffa, 2000, p. 41). Como se percebe, o texto e o vocabulário caminham juntos no processo de aquisição do léxico e, por esse motivo, o docente deve se atentar à seleção das UL, visto que, é a partir dessa seleção que o consulente conhecerá novas UL, compreendendo novos sentidos e os seus usos linguísticos e extralinguísticos.

Ao refletir sobre o ensino/aprendizagem do vocabulário de uma língua, nota-se que o docente precisa se atentar à escolha das UL para que o aluno obtenha êxito no desenvolvimento de sua competência léxica, como explica Miguel García (2005):

[...] O planejamento léxico que o professor desenvolve em sala de aula deve levar em consideração tal proposta epistemológica e, por isso, deve selecionar o tipo de unidades léxicas mais adequadas para desenvolver cada um dos subcomponentes integrantes da competência léxica: palavras, colocações, locuções etc. (Miguel García, 2005, p. 2, tradução nossa)².

Percebe-se, pois, que desenvolver a competência léxica é fundamental para alcançar a competência comunicativa em um idioma, principalmente, se for em uma segunda língua, visto que uma língua estrangeira (L2) possui palavras e expressões novas que não fazem parte do vocabulário da língua materna (L1), ou primeira língua, do consulente. Por essa razão, o professor deve se atentar às escolhas das UL, já que “as unidades léxicas se concebem como uma fonte produtiva de informação para os alunos, que facilitam a produção, a compreensão, a reflexão analítica sobre a forma e significado” (Morante Vallejo, 2005, p. 32, tradução nossa)³.

² La planificación léxica que el profesor desarrolla en el aula debe tomar en consideración dicha propuesta epistemológica y, por ello, debe seleccionar el tipo de unidades léxicas más adecuadas para desarrollar cada uno de los subcomponentes integrantes de la competencia léxica: palabras, colaciones, locuciones etc. (Miguel García, 2005, p. 2).

³ “las unidades léxicas se conciben como una fuente productiva de información para los alumnos, que facilitan la producción, la comprensión y la reflexión analítica sobre la forma y significado” (Morante Vallejo, 2005, p. 32).

Quando está ocorrendo o desenvolvimento do léxico em uma L2, o estudante começa a relacionar a forma com o significado de uma UL, e esse processo é denominado por Morante Vallejo (2005, p. 45, tradução nossa) como “processo de etiquetagem e empacotamento”⁴. Segundo a autora, o processo de etiquetagem consiste em criar uma conexão entre conceito, signo e forma, a fim de se fazer um agrupamento de forma-referente. Por conseguinte, o processo de empacotamento refere-se ao processo de descobrir quais conceitos podem ser agrupados sob o mesmo rótulo, como, por exemplo, os sentidos derivados e figurados. Em paralelo a esses processos, o léxico de cada indivíduo se reorganiza à medida que relaciona as UL novas com as que já conhecem, formando uma rede semântica.

Oster (2009), por sua vez, indica três maneiras que costumam ajudar para essa relação ocorrer:

- i) Estabelecimento de múltiplas conexões com outras palavras;
- ii) Estruturação de informação (estabelecendo distintos tipos de relações);
- iii) Envolvimento de vários sentidos (ver, ouvir etc.) ou formatos de apresentação da informação (texto, imagens) (Oster, 2009, p. 40, tradução nossa)⁵.

O estabelecimento dessas relações pode ocorrer de forma dinâmica e, para isso, faz-se necessário que o docente trabalhe com materiais que proporcionem essas aprendizagens. O dicionário, nesse contexto didático, pode ser um valioso recurso para a aquisição do vocabulário. Por esse motivo, é importante que esteja presente nas escolas e seja utilizado nas aulas de L1 e L2. Sousa, Carvalho e Pontes (2019, p. 99) argumentam que “na escola, os dicionários escolares estão presentes, muitas vezes, nas aulas de línguas, materna e estrangeira, embora eles possam ser material didático nas outras disciplinas, dada a grande quantidade de termos científicos que alguns trazem em sua nomenclatura”. Sobre esse aspecto, destacamos que os dicionários possuem um vasto repertório de UL, que, na maioria das vezes, registram o uso de alguma especificidade da língua, denominadas marcas de uso.

As marcas de uso são informações presentes em obras lexicográficas responsáveis por caracterizar especificidades de uso de uma UL de determinada língua. Elas distinguem-se em relação à variação da língua no tempo, espaço social, situação linguística etc. e, conforme Porto Dapena (2002), são intituladas como: *diacrônicas*, *diatópicas*, *diafásica*, *diatráticas*,

⁴ “los procesos de etiquetado y empaquetado” (Morante Vallejo, 2005, p. 45).

⁵ i) Se establecen múltiples conexiones con otras palabras;

ii) Se estructura la información (estableciendo distintos tipos de relaciones);

iii) Se involucran varios sentidos (ver, oír etc.) o formatos de presentación de la información (texto, imágenes) (Oster, 2009, p. 40).

diatécnicas. Cada uma delas é responsável por registrar uma variação que está presente no lema, correspondendo a um uso específico dele.

Neste trabalho, dedicamo-nos às marcas diatécnicas (MDT), que podem ser denominadas como: marcas terminológicas, marcas técnicas ou tecnicismos, que são responsáveis por destacar as UL que pertencem a uma área de conhecimento específico, a exemplo da linguagem médica, a dos advogados, a dos linguistas etc., áreas que abrangem os contextos especializados. Para tanto, analisamos se os dicionários incluem essa marca e, se incluem, como elas estão presentes nessas obras lexicográficas.

Ao verificar se há informações para o registro das MDT na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), notamos que no Ensino Médio não estão conceituados o vocabulário técnico e as marcas de uso nas Ciências Humanas e nem nas Linguagens, apenas há informações do uso do vocabulário terminológico em disciplinas da área das Ciências da Natureza e da Matemática, a saber:

Diante da diversidade dos usos e da divulgação do conhecimento científico e tecnológico na sociedade contemporânea, torna-se fundamental a apropriação, por parte dos estudantes, de linguagens específicas da área das Ciências da Natureza e suas Tecnologias. Aprender tais linguagens, por meio de seus códigos, símbolos, nomenclaturas e gêneros textuais, é parte do processo de letramento científico necessário a todo cidadão. O Ensino Médio deve, portanto, promover a compreensão e a apropriação desse modo de “se expressar” próprio das Ciências da Natureza pelos estudantes. Isso significa, por exemplo, garantir: o uso pertinente da terminologia científica de processos e conceitos (como dissolução, oxidação, polarização, magnetização, adaptação, sustentabilidade, evolução e outros); a identificação e a utilização de unidades de medida adequadas para diferentes grandezas; ou, ainda, o envolvimento em processos de leitura, comunicação e divulgação do conhecimento científico (Brasil, 2018, p. 551-552).

Nas áreas das ciências Humanas, ciências Biológicas e ciências Exatas, o conhecimento científico e técnico também é fundamental para que o aluno compreenda todos os processos e conceitos. Na disciplina de Matemática do Ensino Médio, a título de exemplo, o conhecimento do vocabulário técnico resulta essencial para entender a linguagem específica da matemática e verificar a correção das atividades e suas soluções. Como podemos verificar a seguir:

[...] na Matemática, o uso dos registros de representação e das diferentes linguagens é, muitas vezes, necessário para a compreensão, a resolução e a comunicação de resultados de uma atividade. Por esse motivo, espera-se que os estudantes conheçam diversos registros de representação e possam mobilizá-los para modelar situações diversas por meio da linguagem específica da matemática – verificando que os recursos dessa linguagem são mais apropriados e seguros na busca de soluções e respostas – e, ao mesmo

tempo, promover o desenvolvimento de seu próprio raciocínio (Brasil, 2018, p. 529).

Com base nas análises preliminares no âmbito deste trabalho, à época das disciplinas na pós-graduação, sob a orientação do Prof. Dr. Renato Rodrigues Pereira, verificamos que as marcas técnicas pareciam ser pouco aprofundadas em trabalhos científicos, o que nos instigou a seguir com o tema. Justifica-se este tipo de análise à medida que possibilitaremos um olhar metalexigráfico para o caso e, com isso, proporcionaremos a difusão da averiguação das MDT em obras lexicográficas, contribuindo para uma evolução dos registros técnicos em dicionários pedagógicos. Assim, esperamos que, com este estudo, a MDT sejam melhor consideradas e analisadas, evoluindo nas pesquisas científicas e na prática de elaboração dos dicionários.

Considerando todo o contexto apresentado, toda a investigação foi orientada pelas seguintes perguntas norteadoras:

1. As marcas diatécnicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa?
2. O tratamento lexicográfico referente às marcas diatécnicas nos dicionários do PNLD tipo 4 atendem às necessidades dos alunos do Ensino Médio?
3. Haveria a necessidade de pensar em parâmetros lexicográficos mais didáticos para o registro desse tipo de informação em dicionários escolares?

Com base nas perguntas norteadora, estabelecemos os seguintes objetivos para esta dissertação.

Geral:

Analisar o tratamento lexicográfico dado às MDT em três dicionários do Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) do tipo 4: Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa (2011), Dicionário Houaiss Conciso (1ª edição, 2011), Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara (1ª edição, 2011), com vistas a identificar potencialidades e fragilidades relacionadas ao contexto didático no Ensino Médio.

Específicos:

- I. Revisar o conceito de marcas diatécnicas no âmbito da Lexicografia, considerando suas particularidades em comparação às outras marcas de uso.
- II. Discorrer sobre os princípios da Lexicografia Pedagógica e a possibilidade de ajustes no registro das marcas diatécnicas em dicionários direcionados ao Ensino Médio.

III. Examinar o registro de informações sobre termos usados em disciplinas do Ensino Médio, considerando, para tanto, todas as partes que compõem um dicionário escolar.

Orienta ainda nossa pesquisa a hipótese de que as MDT não recebem a atenção devida em todas as áreas do conhecimento, o que sugere um olhar mais atento para esse tipo de registro em dicionários pedagógicos.

Para melhor compreensão de como o trabalho foi estruturado e com o intuito de alcançar os objetivos, as questões norteadoras e a hipótese, estruturamos a dissertação da seguinte maneira:

Na primeira seção, intitulada *Léxico e dicionários: princípios teóricos*, abordamos as questões pertinentes em torno do léxico. Em seguida, versamos sobre o que é Lexicografia, desde seu surgimento, até o surgimento da LEXPED. Por conseguinte, na subseção Lexicografia Pedagógica, discutimos o que é a LEXPED e o seu surgimento, assim como apresentamos também seus princípios fundamentais, as inovações que essa vertente procura alcançar e seus respectivos obstáculos.

Ainda nesta seção, embasamo-nos em autores como Humberto Hernández (1989), Azorín-Fernández (2003) e Krieger (2020) para esclarecermos a relação entre a LEXPED e a Linguística Aplicada. Na sequência, discutimos como a estrutura lexicográfica do dicionário é composta, dividindo a hiperestrutura em subseções e discorrendo sobre as três principais partes da obra: a *Front Matter*; a *Word List* (macroestrutura), o verbete e sua microestrutura, e a *Back Matter*⁶.

Para finalizar a primeira seção da dissertação, discutimos a questão das marcas de uso presentes nos dicionários, discorrendo a respeito do sistema de marcação em que elas aparecem, quais as principais marcas e o que cada uma é responsável por tratar. Além de dissertar sobre cada uma delas, dedicamo-nos principalmente à marca diatécnica, que é o foco deste trabalho.

Na segunda seção, *Procedimentos Metodológicos*, apresentamos e discutimos os procedimentos utilizados para este estudo. Nessa seção, detalhamos os seguintes critérios: i) critérios para a escola das obras analisadas; ii) critérios para a análise da *Front Matter*; iii) critérios para seleção das áreas e dos termos; iv) critérios para a análise dos termos; v) critérios para a elaboração e aplicação do questionário; e vi) critérios para a análise dos dados.

Na terceira seção, intitulada *Apresentação e Análise dos Dados*, expomos as análises das MDT, de acordo com os objetivos estabelecidos para esta pesquisa. Por fim, nas

⁶ Os respectivos termos podem ser utilizados em português, como: páginas que antecedem a macroestrutura para *front matter*; a macroestrutura, para a *word list*; o verbete e sua microestrutura; e as páginas finais para a *back matter*. Mas, para este trabalho, preferimos utilizar os termos em inglês.

considerações finais, são apresentadas breves reflexões sobre o objeto de pesquisa e os resultados alcançados até a fase atual do trabalho, bem como apresentamos, nas referências, a bibliografia consultada durante a realização da pesquisa.

2 LÉXICO E DICIONÁRIO: PRINCÍPIOS TEÓRICOS

[...] se alguém tiver que escolher entre um dicionário para ler um texto na língua estrangeira, certamente escolherá o dicionário. Língua não é só léxico, mas o léxico é o elemento que melhor a caracteriza e a distingue das outras (Leffa, 2000, p. 19).

Nesta primeira seção, concentramos nossa atenção nos princípios teóricos que envolvem o léxico e o dicionário. Para isso, iniciamos nossas reflexões partindo do léxico, observando o processo de categorização das línguas e a constituição do sistema linguístico. Em seguida, ressaltamos a importância da aquisição da competência léxica no desenvolvimento da L1 ou L2. A partir disso, discorreremos sobre a Lexicografia e a Lexicografia Pedagógica, áreas que abarcam nosso objeto de estudo. Após a subseção dedicada à Lexicografia Pedagógica, inserimos uma subseção que estabelece uma relação da Lexicografia Pedagógica com a Linguística Aplicada, destacando os aspectos em comum entre as duas áreas. Seguidamente, focalizamos a composição da estrutura lexicográfica: a *Front Matter*, a *Word List* (Macroestrutura), o *Verbetes* e sua *Microestrutura*, e a *Back Matter*. Em seguida, explicamos as marcas de uso, sua denominação e o tratamento dado pelos dicionários. A partir daí, discorreremos sobre as cinco marcas de uso individualmente, com foco na marca diatécnica, nosso objeto de estudo. Por fim, na última subseção, centralizamos nossa atenção na marcação dupla e como sua constituída nos verbetes.

2.1 O Léxico

O léxico é responsável pelos processos de caracterização, significação e nomeação de quaisquer coisas que o homem pretende denominar. Por ser um sistema aberto, ele permite que o indivíduo reúna suas próprias experiências e relacione-as com a realidade circundante.

A categorização do léxico é específica em cada sujeito, pois vai depender da realidade social do falante, tendo em vista que cada indivíduo possui o seu nível sociocultural e histórico, assim, compreende-se o sistema léxico como a união linguística e histórico-social de determinada comunidade linguística. Além disso, é necessário entender que, a depender do lugar, existirão UL próprias. Por exemplo: em comunidades linguísticas das cidades de Bataguassu, Paranaíba, Três Lagoas, Inocência, Cassilândia e Água Clara, do estado do Mato Grosso do Sul, são utilizadas UL como *Biola*, *Biroca*, *Biloca* e *Burca* que nomeiam o mesmo referente que *Bolinha de Gude*. Essa categorização própria do léxico depende da língua em

questão, incluindo a cultura, seu processo de cognição da realidade, seu processo histórico e as experiências da sociedade.

Constatamos o exposto na posição de Biderman (1998) acerca do processo de nomeação:

A atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extralinguísticos é específica da espécie humana. Nomear resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do meio ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendido pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (Biderman, 1998, p. 88).

A categorização do léxico pode ser entendida como um processo de classificação. O ser humano, ao se deparar com uma determinada UL, tende a associá-la a uma resposta, ou seja, a uma ou mais categorias relacionadas. Isso é possível por meio da categorização, visto que, esse processo é o resultado da soma das experiências sociais, culturais, históricas e de outras naturezas de uma comunidade linguística. À vista disso, o sistema léxico registra a somatória das experiências de uma sociedade, como explica Biderman (2001):

O léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. Abrange todo o universo conceptual dessa língua. Qualquer sistema léxico é a somatória de toda a experiência acumulada de uma sociedade e do acervo de sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua (Biderman, 2001, p. 179).

Conforme discorrido anteriormente, o sistema da língua reúne um conjunto de UL, e para integrar uma UL a esse conjunto, é necessário fazer o uso do léxico de determinada língua, sistema em que estão incluídas as unidades linguísticas e as denominações dos aspectos não linguísticos, como o conceito dos gestos, das observações etc. Uma vez que o homem, ao se relacionar em sociedade, utiliza, além de outras formas de comunicações, o meio da associação de palavras a conceito. Isso permite realizar as melhores escolhas lexicais para determinada comunicação. Considerando às informações acima, Biderman (1981) esclarece:

O léxico pode ser considerado como tesouro vocabular de uma determinada língua. Ele inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguístico e não-linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado (Biderman, 1981, p. 138).

As UL simples e complexas são essenciais no desenvolvimento do processo comunicativo, pois elas se refletem na escrita, na fala, e, conseqüentemente, no vocabulário de estudantes ou de quem almeja ser mais bem compreendido em sociedade. Ademais, faz-se necessário conhecer a estrutura interna do léxico, “hoje uma percepção mais clara dos diversos tipos de conhecimento associados às UL, que vão da sua forma (oral e escrita), à sua estrutura interna, flexão e às relações com palavras da mesma família” (Correia, 2008, p. 4).

Para entendermos da melhor forma como o léxico é constituído e como o utilizamos, existem ciências que têm como objeto de estudo o léxico, a saber: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia etc., porém, cada área com sua especificidade para com esse objeto de estudo.

A seguir, considerando o nosso objeto de estudo, discorreremos sobre a aquisição da competência léxica para o desenvolvimento da L1 ou L2.

2.2 Aquisição da Competência Léxica

O desenvolvimento lexical é primordial para a aquisição de uma língua, seja ela L1 ou L2, desse modo, é possível conhecer novas UL e aumentar o vocabulário. O dicionário é uma ferramenta essencial nesse processo, visto que auxilia nas descobertas de novas expressões, na busca dos sentidos que uma UL possui, no aprimoramento da compreensão e produção textual etc. Considerando esses aspectos, o Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) 2012 reconhece a importância dos dicionários para o aprendizado e oferece obras lexicográficas adaptadas a cada etapa de ensino, garantindo que os estudantes tenham acesso a recursos adequados para suas necessidades.

Como exposto anteriormente, a aquisição da competência léxica é um dos pilares fundamentais para o desenvolvimento da aprendizagem de uma L1 ou L2. Por meio dela, pode ser possível aprender novas expressões, a estrutura interna de uma UL, as regras que a envolve etc. Assim, os consulentes são capazes de conhecer novas UL, e, ao utilizá-las, aumentam cada vez mais o vocabulário.

Leffa (2000) pontua duas formas de aprendizagem para desenvolver a competência léxica. Para o autor:

O desenvolvimento da competência lexical é também uma área onde se percebe com clareza a distinção entre *aprendizagem incidental* – definida como aquisição natural, não planejada – e *aprendizagem intencional* – definida como desenvolvimento formal e planejado. Essa diferença fica ainda maior quando se compara o que acontece no desenvolvimento do léxico na língua materna com o que acontece no desenvolvimento lexical na L2 (Leffa, 2000, p. 35).

Com base no excerto acima, nota-se a primeira aprendizagem consiste na aquisição natural, normalmente realizada na L1, através do *input* oral contextualizado, como quando uma criança aprende novas UL com a família. Essa aprendizagem também pode acontecer na L2, por exemplo – quando um indivíduo é exposto à língua de maneira natural, como ao viver em outro país. Visto isso, percebe-se que a aprendizagem incidental pode ocorrer tanto na L1 quanto na L2, embora seja mais comum na L1.

Por sua vez, a aprendizagem intencional é planejada e conduzida pelo professor. O docente estabelece o contato inicial do aluno com a L2, apresentando as primeiras UL, por meio de um plano de aula elaborado pelo professor. Diferentemente da aprendizagem incidental, a intencional exige um esforço consciente do aluno, que deve prestar atenção tanto ao significado quanto à forma das novas UL e expressões, uma vez que esse processo não ocorre de forma natural.

Por meio do exposto, percebe-se que, enquanto a aprendizagem incidental é espontânea, a aprendizagem intencional é realizada de forma planejada e guiada pelo professor. Apesar dessas diferenças, ambas as formas de aprendizagem compartilham o princípio de utilizar o contexto para adquirir novas UL.

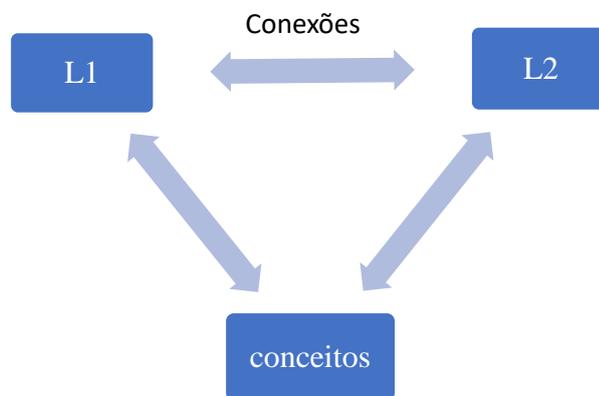
Binon e Verlinde (2000) pontuam e esclarecem três fases importantes para o desenvolvimento da competência léxica, são elas:

1. *a apresentação* de uma nova palavra ou de uma nova unidade lexical, a elucidação de significados feita com a ajuda de diferentes técnicas de semantização: a contextualização, a definição, a sinonímia, a paráfrase, a exemplificação, a tradução.
2. *a memorização*: a integração através de exercícios lexicológicos, por exemplo.
3. *a reativação*: para reutilização e a transferência de diversas situações de comunicação (Binon e Verlinde, 2000, p. 131).

Ao verificar o desenrolar da competência léxica, percebe-se que há maneiras empregadas, por um indivíduo, para que as UL sejam fixadas em seu campo lexical. Binon e Verlinde (2000) apontam que o primeiro passo é conhecer uma nova expressão, isso é feito por técnica de semantização, ou seja, entendê-la por sua definição, por seu contexto – recurso bastante utilizado para compreensão do significado – etc., são meios utilizados para que haja compreensão da nova UL. Em seguida, a memorização que será realizada por meio de exercícios de fixação, ou seja, por meio da repetição dos exercícios o processo de memorização costuma ter êxito. Por fim, é possível ser feita a reativação, ou seja, é o momento de reutilizar as UL em diversas situações comunicativas.

Esse processo pode ser utilizado tanto na L1 quanto na L2. Entretanto, na L2, a interferência da L1 é comum, levando os alunos a fazerem associações excessivas entre as línguas. Nesses casos, o professor pode criar atividades específicas para ajudar os alunos a identificarem e superar as dificuldades causadas pela interferência da L1, como a comparação entre as duas línguas, o uso de materiais autênticos e a prática da língua-alvo em diferentes contextos. Para entender essa relação, Morante Vallejo (2005) utiliza o modelo hierárquico de Altarriba e Mathis (1997) para exemplificar:

Figura 1 - Modelo Hierárquico



Fonte: Altarriba e Mathis (1997: 552) *apud* Morante Vallejo (2005, p. 55).

No processo de obter a competência lexical de uma L2, alguns discentes costumam relacionar a L1 com L2 para compreender um conceito, fazer isso é algo incerto, visto que determinadas UL podem ter sentidos iguais em determinadas línguas, mas em outras não, podendo gerar ambiguidade ao entender a definição de uma UL. Por isso, os professores costumam pedir para que os alunos não criem conexões entre as línguas, desvinculando-as. Ao desassociar a L1 da L2, de acordo com Morante Vallejo (2005), os alunos podem aprender as seguintes formas do vocabulário de determinada língua:

- Uma forma desconhecida e um significado novo. Essa unidade léxica pode ter uma forma única ou pode ser um componente de um grupo de unidades que compartilham a mesma forma (por exemplo: *dar* no sentido de 'transferir' e *dar* no sentido de 'bater' compartilham a mesma forma, mas têm o significado totalmente diferentes). O significado corresponderá a um conceito familiar ou pode necessitar a formação de um conceito novo ou de uma combinação desconhecida dos conceitos;
- Um novo significado para uma forma que já conhece, ou seja, aprender uma unidade léxica expressada por uma forma à qual já foi atribuído mais de um significado;
- Um novo significado para uma combinação de formas já conhecidas, isto é, aprender palavras compostas e expressões idiomáticas;

- Relações semânticas entre unidades léxicas em termos de sinônimos, antônimos, hiponímia, metonímia etc.;
- Relações morfológicas entre unidades léxicas;
- Usos corretos de unidades léxicas ao nível gramatical;
- As colocações usuais;
- O uso apropriado nos níveis do discurso e pragmático (Morante Vallejo, 2005, p. 66, tradução nossa).⁷

O consulente pode conseguir aprender as novas formas, os significados e as expressões de uma língua, se puder focalizar toda a sua atenção em determinada língua e em todos os aspectos que a envolve. Dessa forma, quando desenvolvemos a competência léxica, logo pensamos no dicionário como um potencial instrumento didático, que auxilia o discente a compreender específicas UL, conforme ressalta Pontes (2009, p. 25) “O didatismo do dicionário faz que este seja um instrumento pedagógico da maior importância, desde que cumpra convenientemente suas funções, entre tantas, a de auxiliar o aluno no desenvolver de habilidades de leitura escrita e comunicação oral”.

O dicionário cumpre um papel essencial no ensino/aprendizagem do vocabulário, principalmente, de L1 e L2. Por meio dele, o consulente pode verificar a gramática, forma gráfica e sonora, etimologia, significação, exemplos de uso, marcas de uso etc. Assim, ele serve de apoio, como material didático, no processo de aquisição ou aprendizagem do léxico, se utilizá-lo de forma correta.

Na educação básica, o ensino de vocabulário, muitas vezes, limita-se à apresentação de listas de palavras e à exploração de seus diferentes significados. Essa abordagem, embora importante, não é suficiente para desenvolver a competência lexical de forma completa. Para um desenvolvimento mais aprofundado, é fundamental diversificar as atividades, incluindo a exploração das UL em contextos reais de uso, a construção de significado e a relação entre as UL. Xatara, Souza e Moraes (2008), vendo tal situação do léxico nas escolas, propuseram

-
- ⁷ Aprender una forma desconocida y un significado nuevo. Esta unidad léxica puede tener una forma única o puede ser un componente de un grupo de unidades que comparten la misma forma (por ejemplo, dar en el sentido de ‘transferir’ y dar en el sentido de ‘golpear’ comparten forma, pero tiene un significado totalmente distinto). El significado corresponderá a un concepto familiar o puede necesitar la formación de un concepto nuevo o de una combinación desconocida de conceptos;
 - Aprender un nuevo significado para una forma que ya se conoce, es decir, aprender una unidad léxica expresada por una forma a la cual se ha asignado ya más de un significado;
 - Aprender un nuevo significado para una combinación de formas ya conocidas, es decir, aprender compuestos y expresiones idiomáticas;
 - Aprender relaciones semánticas entre unidades léxicas;
 - Aprender usos correctos de unidades léxicas al nivel gramatical;
 - Aprender las colocaciones usuales;
 - Aprender el uso apropiado en los niveles del discurso y pragmático.

algumas considerações sobre a ampliação vocabular para os alunos. Sintetizamos essas informações no quadro 1:

Quadro 1 - Considerações acerca da ampliação do léxico

a) A apresentação do dicionário como um instrumento de ajuda e a diferenciação entre alguns tipos de dicionários caracterizar-se-iam como atitudes para chamar atenção à importância, riqueza e multifuncionalidade das obras de referência.
b) A também parece fundamental que os professores saibam oferecer subsídios para que os alunos e a própria escola escolham e adquiram um bom dicionário.
c) A busca nos dicionários – que normalmente não deveria ser tão rápida quanto o consulente comum deseja – por sinônimos de palavras desconhecidas em um texto, deveria ser melhor orientada com ênfase nas várias acepções contidas na maior parte dos verbetes e na observação dos exemplos, para se chegar a escolha do significado mais adequado para aquele determinado contexto.
d) A própria expressão oral do professor, enriquecida pelo uso constante de paráfrases ao dar explicações e expor conceito poderiam oferecer ao alunado uma maior dimensão da capacidade oratória a ser conquistada como uma variante de seu restrito vocabulário utilizado na oralidade.
e) A escolha de textos diversificados e de diferentes épocas históricas seria importante também para marcar o caráter dinâmico da língua, que se modifica com o tempo; esse seria um momento oportuno para falar dos arcaísmos e palavras em desuso, até como curiosidades.
f) A exploração terminológica de vários conceitos, mesmo gramaticais, deveria ser anterior à exploração de seus comportamentos na língua.

Fonte: Xatara, Souza e Moraes (2008, p. 25-27)

O ensino do vocabulário e o dicionário precisam ser trabalhados juntos, visto que a obra lexicográfica é um instrumento essencial para que o aluno possa verificar as diversas informações nele registradas. Por isso, os docentes devem estar preparados para ajudar o aluno em diversos aspectos, como escolher um bom dicionário; verificar as acepções contidas em um verbete; explorar, por parte do professor, os textos diversificados, para que o aluno possa entender a variação linguística que ocorre na língua etc. Ao utilizar essa obra lexicográfica com recorrência, o aluno reconhecerá o caráter didático da obra, com as suas potencialidades, e passará a recorrê-lo quando houver dúvidas.

Pensando na relação entre ensino do léxico e o dicionário, o PNL D de 2012 criou a seguinte proposta lexicográfica:

[...] na medida em que professores e alunos, em consequência das atividades que desenvolvem, criam demandas de ensino e aprendizagem que não se confundem com as de outros públicos, os dicionários mais indicados para o uso escolar serão aqueles cuja proposta lexicográfica não só se mostra compatível com essas atividades como é pensada para propiciar o seu desenvolvimento; e, entre eles, são ainda mais adequados os que foram concebidos e elaborados para atender a essas demandas específicas. Como

uma dessas demandas é exatamente a da adaptação do que se quer ensinar/aprender ao nível de ensino e aprendizagem visado, podemos acreditar que os dicionários orientados para faixas específicas serão mais eficazes em seus propósitos escolares (Brasil, 2012, p. 18).

Percebe-se que para um dicionário ser adequado, ele precisa ser criado e elaborado para atender as exigências específicas de determinado consulente, por exemplo: pensar em como o dicionário da etapa de ensino do consulente pode atendê-lo em sua aprendizagem, é importante que o plano de aula seja adaptado a isso. Considerando esses aspectos, o PNL2012 elaborou obras lexicográficas que atendem as demandas dos alunos a depender da sua etapa de ensino. No quadro 2, explicitamos os tipos de dicionários para cada etapa de ensino e suas especificidades:

Quadro 2 - Tipos de dicionários e suas especificidades

Tipos de dicionários	Etapa de ensino	Caracterização
Dicionários de Tipo 1	1º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • Mínimo de 500 e máximo de 1.000 verbetes; • Proposta lexicográfica adequada às demandas do processo de alfabetização inicial.
Dicionários de Tipo 2	2º ao 5º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • Mínimo de 3.000 e máximo de 15.000 verbetes; • Proposta lexicográfica adequada a alunos em fase de consolidação do domínio tanto da escrita da organização e da linguagem típicas do gênero dicionário.
Dicionários de Tipo 3	6º ao 9º ano do Ensino Fundamental	<ul style="list-style-type: none"> • Mínimo de 19.000 e máximo de 35.000 verbetes; • Proposta lexicográfica orientada pelas características de um dicionário padrão de uso escolar, porém adequada a alunos dos últimos anos do ensino fundamental.
Dicionários de Tipo 4	1º ao 3º ano do Ensino Médio	<ul style="list-style-type: none"> • Mínimo de 40.000 e máximo de 100.000 verbetes; • Proposta lexicográficas própria de um dicionário padrão, porém às demandas escolares do

		ensino médio, inclusive o profissionalizante.
--	--	---

Fonte: Brasil, 2012, p. 19

De acordo com o quadro 2, verifica-se que os dicionários de determinado tipo diferem dos demais em relação aos seus diferentes tipos de informações. Por conseguinte, o PNLD apresenta os tipos de informações que os dicionários devem conter para que seja possível diferenciá-los: a quantidade de UL que registram; o tratamento lexicográfico que dão às explicações de sentidos; a estrutura do verbete; e a organização geral. A depender do consulente, a obra lexicográfica oferecerá ao aluno informações específicas para sua faixa-etária. Por isso, é fundamental que as escolas utilizem os dicionários estipulados para cada nível, seguindo as orientações do PNLD, que baseia sua seleção nas diretrizes na Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Ao tratar do PNLD, devemos discorrer também sobre a BNCC, visto que a implementação do PNLD está diretamente relacionada à BNCC, uma vez que esta é um documento normativo que define quais são as aprendizagens fundamentais que todos os consulentes devem desenvolver durante a Educação Básica. Ela tem como objetivo geral “[...] ajudar a superar a fragmentação das políticas educacionais, ensejar o fortalecimento do regime de colaboração entre as três esferas de governo e seja balizadora da qualidade da educação” (Brasil, 2018, p. 08). Assim, ela assegura que os agentes educacionais, as redes e as escolas garantam um patamar comum de aprendizagens a todos os estudantes.

Na Educação Básica, as aprendizagens definidas pela BNCC devem assegurar aos estudantes o desenvolvimento das competências gerais, no âmbito pedagógico. A competência é definida como “[...] a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho” (Brasil, 2018, p. 8).

As competências da BNCC estabelecem as habilidades, atitudes e valores que devem ser desenvolvidas, durante a Educação Básica, nas disciplinas. Para tanto, é necessário mobilizar, por meio de atitudes, os conhecimentos e habilidades, tanto de professores quanto de alunos, para os desenvolvimentos dos estudantes e para a formação de cidadãos responsáveis com o seu papel na sociedade.

As competências estabelecidas pela BNCC ajudam a desenvolver eixos que são utilizados na Educação Básica, como o Eixo da Oralidade, da Escrita, da Leitura, dos Conhecimentos Linguísticos e da dimensão Intercultural. Ao tratar da aquisição lexical, o Eixo dos Conhecimentos Linguísticos é o único, dentre os demais eixos, que se articula com a oralidade, a escrita e a leitura:

O Eixo Conhecimentos Linguísticos consolida-se pelas práticas de uso, análise e reflexão sobre a língua, sempre de modo contextualizado, articulado e a serviço das práticas de oralidade, leitura e escrita. O estudo do léxico e da gramática, envolvendo formas e tempos verbais, estruturas frasais e conectores discursivos, entre outros. [...] Para além da definição do que é certo e do que é errado, essas descobertas devem propiciar reflexões sobre noções como “adequado”, “padrão”, “variação linguística” e “inteligibilidade”, levando o estudante a pensar sobre os usos da língua. [...] devem também explorar relações da semelhança e diferença entre a língua inglesa, a língua portuguesa e outras línguas que porventura os alunos também conheçam (Brasil, 2018, p. 245).

O Eixo “Conhecimentos Linguísticos” se relaciona com o desenvolvimento lexical, refletindo-se nas práticas de uso, na análise linguística, no conhecimento de novas formas de expressões. Dessa forma, o estudante é levado a refletir sobre o uso da língua, ou seja, a variação linguística e a adequação do uso das UL em diferentes contextos. Tendo em vista, que esse eixo tem como objetos de conhecimentos “a construção de repertório lexical; a pronúncia; a polissemia, a formação de palavras; prefixos e sufixos” (Brasil, 2018, p. 250-258).

Ao relacionar o eixo percorrido anteriormente com o eixo da Escrita, o discente terá a tarefa de procurar UL que expresse a ideia desejada e que se adeque ao texto, buscando sinônimos para articulá-lo. Essa tarefa contribui para aquisição do léxico, conforme apresentado por Brasil (2018):

Encontrar outros tempos e espaços para contemplar a escrita literária, considerando ferramentas e ambientes digitais, além de outros formatos – oficinas de criação, laboratórios ou projetos de escritas literárias, comunidades de escritores etc. Trata-se de ligar com um fazer poético que, conforme já explicitado, é uma forma de produção lenta e que demanda seleções de conteúdos e de recursos linguísticos variados. Assim sendo, essas escolhas podem funcionar como processo de autoconhecimento, no ir e vir da busca das palavras certas para revelar uma ideia, um sentimento e uma emoção, na experimentação de uma forma de composição, de uma sintaxe e de um léxico (Brasil, 2018, p. 524).

As atividades de escrita auxiliam o aluno no processo de aquisição de autonomia, assim ele pode buscar novas UL que expressem o sentido ou a ideia que o texto busca. A independência durante esse processo facilita o trabalho do aluno no momento de procurar novas expressões. Desse modo, o consulente poderá ter êxito na aquisição do léxico e o dicionário pode ser utilizado como uma ferramenta que auxiliará o consulente em suas dúvidas, por isso a necessidade de o aluno ser letrado lexicograficamente.

A BNCC apresenta alguns fatores que contribuem para o desenvolvimento progressivo das atividades de leitura e, por consequência, o ensino do vocabulário desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio. Essa evolução se dá por meio dos aspectos detalhados no quadro 3:

Quadro 3 - Fatores que auxiliam no ensino do vocabulário na BNCC

O ensino do vocabulário, do Ensino Fundamental até o Ensino Médio, se expressa pela articulação:
<ul style="list-style-type: none"> • Da diversidade dos gêneros textuais escolhidos e das práticas consideradas em cada campo;
<ul style="list-style-type: none"> • Da complexidade textual que se concretiza pela temática, estruturação sintática, vocabulário, recursos estilísticos utilizados, orquestração de vozes e linguagens presentes no texto;
<ul style="list-style-type: none"> • Do uso de habilidades de leitura que exigem processos mentais necessário e progressivamente mais demandantes, passando de processos de recuperação de informação (identificação, reconhecimento, organização) a processos de compreensão (comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência) e de reflexão sobre o texto (justificação, análise, articulação, apreciação e valorações estéticas, éticas políticas e ideológicas);
<ul style="list-style-type: none"> • Da consideração da cultura digital e das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC);
<ul style="list-style-type: none"> • Da consideração da diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas, a literatura infantil e juvenil, o cânone, o culto, o popular, a cultura de massa, a cultura das mídias, as culturas juvenis etc., de forma a garantir ampliação de repertório, além de interação e trato com o diferente.

Fonte: Brasil, 2018, p. 75.

Conforme verificado no quadro 3, o ensino do vocabulário se expressa pela articulação de diferentes modos. A diversidade de gênero expõe os alunos a diferentes estilos linguísticos e amplia seu repertório lexical. Ao desenvolverem habilidades de leitura, os estudantes são incentivados a pensar criticamente sobre os textos, aprofundando sua compreensão e refletindo sobre as informações apresentadas. As tecnologias digitais, por sua vez, oferecem diversos textos e ferramentas que facilitam a pesquisa e a aprendizagem de novas UL. Esses recursos, tanto em sala de aula quanto fora dela, contribuem significativamente para o desenvolvimento da competência lexical.

A BNCC de Língua Portuguesa, ao chegar no Ensino Médio, estabelece uma progressão nas aprendizagens e habilidades. Para que essa progressão ocorra, alguns fatores são fundamentais, como os apresentados no quadro 4:

Quadro 4 - Fatores que definem a progressão das aprendizagens e habilidades na BNCC para o Ensino Médio.

<ul style="list-style-type: none"> • A complexidade das práticas de linguagens e dos fenômenos sociais que repercutem nos usos da linguagem (como a pós-verdade e o efeito bolha);

<ul style="list-style-type: none"> • A consolidação do domínio de gêneros do discurso/gêneros textuais já contemplados anteriormente e a ampliação do repertório de gêneros, sobretudo dos que supõem um grau maior de análise, síntese e reflexão;
<ul style="list-style-type: none"> • O aumento da complexidade dos textos lidos e produzidos em termos de temáticas, estruturação, sintática, vocabulário, recursos estilísticos, orquestração de vozes e semioses;
<ul style="list-style-type: none"> • O foco maior nas habilidades envolvidas na reflexão sobre textos e práticas (análises, avaliação, apreciação ética, estética e política, valoração, validação crítica, demonstração etc.), já que as habilidades requeridas por processos de recuperação de informação (identificação, reconhecimento, organização) e por processos de compreensão (comparação, distinção, estabelecimento de relações e inferência) já foram desenvolvidas no Ensino Fundamental;
<ul style="list-style-type: none"> • A atenção maior nas habilidades envolvidas na produção de textos multissemióticos mais analíticos, críticos, propositivos e criativos, abarcando sínteses mais complexas, produzidos em contextos que suponham apuração de fatos, curadoria, levantamentos e pesquisas e que possam ser vinculados de forma significativa aos contextos de estudos/construção de conhecimentos em diferentes áreas e produções da cultura digital e à discussão e proposição de ações e projetos de relevância pessoal e para comunidade;
<ul style="list-style-type: none"> • O incremento da consideração das práticas da cultura digital e das culturas juvenis, por meio do aprofundamento das análises de suas práticas e produções culturais em circulação, de uma maior incorporação de critérios técnicos e estéticos na análise e autoria das produções e vivências mais intensas de processos de produção colaborativos;
<ul style="list-style-type: none"> • A ampliação de repertório, considerando a diversidade cultural, de maneira a abranger produções e formas de expressão diversas – literatura juvenil, literatura periférico-marginal, o culto, o clássico, o popular, cultura de massa, cultura das mídias, culturas juvenis etc. – e em suas múltiplas repercussões que envolvem adaptações, remediações, estilizações, paródias, HQs, minisséries, filmes, videominutos, <i>games</i> etc.;
<ul style="list-style-type: none"> • A inclusão de obras da tradição literária brasileira e de suas referências ocidentais – em especial da literatura portuguesa –, assim como obras mais complexas da literatura contemporânea e das literaturas indígena, africana e latino-americana.

Fonte: Brasil, 2018, p. 499-500.

A articulação dos fatores apresentados no quadro 4 é necessária para que os estudantes desenvolvam a leitura e, conseqüentemente, a competência léxica. Portanto, verifica-se a importância da BNCC para o desenvolvimento dessa competência, tanto na disciplina Língua Portuguesa quanto nas demais disciplinas, desde os anos iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio.

Na subseção 2.3, centramos nossa atenção na área da Lexicografia para demonstrar como ela dedica-se ao léxico.

2.3 A Lexicografia

A Lexicografia é considerada “a ciência dos dicionários” (Biderman, 2001, p. 17). Ela tem o seu foco voltado para a significação das palavras, ou seja, os sentidos que uma palavra

possui, a depender da comunidade linguística, e, por conseguinte, para o registro dessas UL em obras lexicográficas. Essa área pode ser tida como arte e técnica de produzir dicionários⁸.

Podemos dizer que a Lexicografia é vista como arte pela forma como dispõe de meios e habilidades para produzir determinadas obras lexicográficas, conforme evidência Krieger (2020, p. 16-17) “o significado de *arte* corresponde a uma habilidade ou disposição de executar uma atividade prática ou desenvolver um conteúdo teórico [...]. Configura-se aí a face aplicada da lexicografia”. Ela também pode ser denominada como técnica, visto que possui critérios para selecionar, coletar e estudar as UL de determinada língua, ou mais de uma língua, organizando-as em dicionários.

Como discorrido anteriormente, o trabalho lexicográfico é muito antigo e surgiu entre os latinos, com os glossários medievais que se concentravam em dirimir erros linguísticos e em auxiliar na compreensão de textos da antiguidade e da Bíblia. Naquele período, os dicionários não eram produzidos da forma como se faz atualmente.

A área teve seu início de fato no século XVI, já nos tempos modernos, segundo Biderman (1984a). As obras lexicográficas que estavam sendo produzidas na Europa, nesse século, eram os dicionários bilíngues de Nebrija. Elas surgiram porque o homem precisava de instrumentos que possibilitassem a comunicação com outras nações europeias, como destaca Biderman:

[...] Além da consciência adquirida da distância entre o latim e as línguas vernáculas do seu tempo, o homem renascentista precisava de outros instrumentos de intercâmbio linguístico num mundo que se abria para um novo diálogo e trocas entre as jovens nações europeias. Assim, multiplicam-se os dicionários bilíngues na Espanha, na França, na Itália, em Portugal, bem como as gramáticas de cada uma das línguas que se tornaram oficiais para as nações-estado da Europa no século XVI (Biderman, 1984a, p. 2).

Em contrapartida, o dicionário monolíngue surgiu e se desenvolveu ao longo do século XVII, com a necessidade de registrar o idioma local e evitar que as palavras desaparecessem, preservando, desse modo, o seu uso em um contexto de surgimento de novas línguas devido aos povos e à unificação e surgimento das nações, como a Espanha e a Itália. As obras monolíngues também são denominadas como dicionário padrão, pelo motivo de abrangerem um conjunto de palavras de uma língua assim como por registrarem às UL de uma comunidade linguística, como determina Krieger (2020):

⁸ Alguns autores que versam sobre esse assunto são: Rodrigues-Pereira e Zavaglia (2023), Fernández-Sevilla (1974), Werner (1982), Biderman (1984a; 1984b; 2001), Humberto Hernández (1989), Lara (1990; 1997; 2004), Azorín-Fernández (2003), Krieger (2006; 2010; 2020) e Wiegand (1984).

[...], o dicionário chamado padrão passou a constituir-se no paradigma linguístico, por excelência, das regras do dizer e, mais ainda, do bem dizer de uma comunidade linguística. O dicionário assume, portanto, um papel normativo, o que também responde pela sua importância nas sociedades organizadas (Krieger, 2020, p. 15).

Conforme já mencionado, a Lexicografia iniciou-se, de fato, na Europa durante o século XVI, com o objetivo de dicionarizar o sistema léxico de uma língua. Contudo, no Brasil, essa área só se estabeleceu no século XX e, a partir de então, desenvolveu a função de registrar o léxico da língua brasileira. Segundo Krieger; Müller; Garcia; Batista (2006), o Brasil não possuía uma política linguística, porém, com a chegada dos dicionários, a realidade linguística no país começou a ser notada. Assim, surgiram as primeiras obras lexicográficas, mencionadas a seguir:

- Pequeno dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (1938);
 - Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa (Laudelino Freire, 1939-1944);
 - Dicionário da Língua Portuguesa (Antenor Nascentes, 1961-1967);
 - Novo Dicionário da Língua Portuguesa (Aurelio Buarque de Holanda Ferreira, 1975).
- Estes foram os primeiros dicionários publicados no Brasil. Temos também os dicionários publicados por Portugal e Brasil:
- Novo Dicionário da Língua Portuguesa de Cândido Figueiredo (1926);
 - Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa Caldas Aulete (1958) (Krieger *et al.*, 2006, p.176).

Observa-se que as obras lexicográficas têm o papel de repertoriar às UL e dicionarizá-las. Ao levantar a questão de dicionarizar o léxico de uma língua, percebe-se que não é uma tarefa fácil, visto que a língua é dinâmica e heterogênea, isto é, ela apresentará variações a depender da época em que está inserido, podendo ser a variação diacrônica, a diatópica, a variação diafásica, a diastrática e/ou a diatécnica. Para ser possível lexicografar⁹ as unidades, é necessário um vasto campo de investigação lexicográfica, com estudos metalexográficos, reflexões e análises voltadas aos dicionários. O lexicógrafo tem a função, em primeiro lugar, de organizar e reunir as expressões e as palavras da língua; em seguida, deve organizá-las de forma criteriosa, como destaca Krieger:

[...] a tarefa de dicionarizar o léxico com todas as informações que lhe são agregadas resultam na produção de um texto, cujos padrões organizacionais obedecem a um código peculiar que articula sob as formas clássicas da

⁹ *Lexicografar* significa “ações do ato de fazer, refletir, empreitar, envidar, nomenclaturar, macroestruturar, microestruturar, ou seja, dicionarizar” (Rodrigues-Pereira e Costa, 2020, p. 7)

macroestrutura o registro da nomenclatura e da microestrutura constitutiva do verbete (Krieger, 2020, p. 24).

Com base nas informações acima, conclui-se que, desde o seu início, a Lexicografia tem evoluído e tornado o dicionário em uma obra valorizada e orientada a determinado usuário. Pensando nos usuários destinados à escola, foi estabelecida uma vertente nessa área, que tem como objeto principal de estudo obras lexicográficas destinadas aos alunos de diferentes idades que se encontram em contextos de aprendizagem de línguas. A essa subárea, denominada como LEXPED, assunto sobre o qual discorreremos na próxima seção.

2.4 A Lexicografia Pedagógica

A LEXPED é uma vertente da Lexicografia. A Lexicografia, como discorrido anteriormente, é uma área responsável por elaborar dicionários de uma ou mais línguas no geral; por sua vez, a LEXPED, além de organizar às UL em obras lexicográficas, também é atribuída a função de verificar se o dicionário atenderá os futuros consulentes, dessa forma, o seu objetivo é a construção de dicionários pedagógico. Assim, é encarregada por elaborar dicionários para aprendizes de línguas estrangeiras ou maternas, preocupando-se com o ensino e a aprendizagem de professores e alunos.

Devido à LEXPED ser voltada para o aspecto pedagógico, pelo fato de os dicionários escolares serem utilizados em contextos de ensino e aprendizagem de línguas, muitas pessoas confundem esse “pedagógico” com a “pedagogia”, como pontua Welker (2008, p 19): “não se deve confundir lexicografia pedagógica com pedagogia – ou didática – do uso de dicionários”, tendo em vista que a LEXPED está relacionada com a elaboração e uso de dicionários escolares, enquanto a pedagogia é referente aos métodos do ensino em geral.

Antes do surgimento da LEXPED, os dicionários de línguas, principalmente os bilíngues, eram insatisfatórios para o ensino e aprendizagem de língua, pois não eram adequados às necessidades e ao nível dos consulentes. Dessa forma, os dicionários, tanto bilíngues como monolíngues, proporcionavam aos estudantes de línguas estrangeiras informações insuficientes para aprendizagem, como destaca Molina García (2006):

Os dicionários monolíngues existentes eram aqueles que haviam sido elaborados para um nativo da língua e não para um estudante dela [...]. Quanto aos dicionários bilíngues, tentavam dar uma solução rápida (mas não

totalmente eficaz) com a tradução de um item léxico de uma língua para outra (Molina García, 2006, p. 12, tradução nossa)¹⁰.

Os dicionários, naquela época, eram elaborados igualmente para os estudantes de língua estrangeira e materna. Vendo tal situação, os professores Harold E. Palmer, Michael P. West e Albert S. Hornby, considerados precursores da Lexicografia Pedagógica, decidiram mudar o rumo do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras. No início do século XX, houve avanços na pesquisa lexical, pois os autores desenvolveram um movimento que ficou conhecido como: Movimento de Controle de Vocabulário¹¹. Esse processo foi fundamental para o desenvolvimento do dicionário monolíngue para aprendizes de línguas.

Por meio do movimento, eles criaram uma lista de vocabulário com UL retiradas do léxico global, com o intuito de serem utilizadas no dia a dia. Segundo Molina García (2006, p. 15, tradução nossa) “a origem deste movimento é claramente pedagógica: era necessário facilitar o processo de aprendizagem de uma língua estrangeira, extraíndo do léxico global aquelas unidades que pudessem ser consideradas essenciais para a comunicação diária”¹².

Alguns autores empregam diferentes denominações ao dicionário como objeto de ensino, por exemplo, Molina García (2006, p. 15) utiliza “dicionários monolíngues”, enquanto Welker (2008, p. 15) emprega a denominação “learners’ dictionaries”. Nota-se que os dois autores nomeiam de distintas maneiras os dicionários destinados aos aprendizes de línguas.

Para que a obra lexicográfica se torne produtiva dentro de uma sala de aula, é necessário que, além de ter uma boa relação entre dicionário e ensino, seja adequada a determinado consulente; haja harmonia entre o conteúdo e a obra lexicográfica; e utilize uma metodologia eficaz para obter os resultados esperados. Conforme salientam Krieger e Müller (2018):

O desenvolvimento dessas relações fundamenta-se na motivação primeira da Lexicografia Pedagógica: tornar o uso do dicionário produtivo e orientado para o ensino de línguas. Em decorrência, além da qualidade, a adequação da obra a ser trabalhada com os alunos e o projeto didático do professor precisam estar em harmonia (Krieger; Müller, 2018, p. 1951).

Para essa união ocorrer de maneira adequada, as obras lexicográficas devem estar alinhadas com o aprendiz em questão, atendendo às suas necessidades de maneira clara e sendo

¹⁰ Los diccionarios monolingües existentes eran aquellos que habían sido diseñados para un nativo de la lengua y no para un estudiante de la misma [...]. En cuanto a los diccionarios bilingües, intentaban dar una solución rápida (pero no por ello totalmente eficaz) con la traducción de un término en la lengua por otro en otra lengua (Molina García, 2006, p. 12).

¹¹ The Vocabulary Control Movement.

¹² El origen de este movimiento es claramente pedagógico: era preciso facilitar el proceso de aprendizaje de una lengua extranjera del léxico global aquellas unidades que pudieran ser consideradas esenciales para la comunicación diaria (Molina García, 2006, p. 15).

de fácil uso. Rodrigues-Pereira, Zacarias e Nadin (2023, p. 17), sobre esse assunto, se posicionam explicando que “não há como negar a relevante contribuição das obras lexicográficas, desenhadas e elaboradas para um tipo específico de aprendiz, como material didático complementar ao ensino e à aprendizagem”.

Vemos que é importante os dicionários estarem relacionados ao nível do usuário, e serem utilizados como recurso didático dentro da sala de aula, de forma que os consulentes o usufruam em todas as suas possibilidades de uso, junto com os outros recursos didáticos disponíveis. Para tanto, alunos e professores precisam ter conhecimento dessa ferramenta didática e isso só é possível se houver o desenvolvimento do letramento lexicográfico de ambas as partes, professores e alunos.

O conceito de letramento lexicográfico, segundo Vargas (2019), consiste em:

Estar relacionado às práticas pedagógicas que visam propiciar adequada formação lexicográfica dos alunos [...] essa formação lexicográfica, tal como o letramento, propicia aos estudantes apropriarem-se da obra lexicográfica, de modo a perceberem-na não apenas como um livro de consulta esporádicas sobre as definições ou equivalentes das palavras, mas como um objeto intermediador das práticas sociais da linguagem. [...] Ser letrados lexicograficamente é conhecer todas as possibilidades e potencialidades da obra lexicográfica (Vargas 2019, p. 1936).

O letramento lexicográfico possibilita, tanto ao estudante quanto ao professor, utilizar a obra de maneira adequada, favorecendo o intermédio com os demais materiais didáticos e, conseqüentemente, com o conhecimento que vá adquirir. É por meio do letramento lexicográfico que o consulente compreenderá todas as possibilidades que uma obra lexicográfica tem a oferecer.

Entre os princípios da LEXPED estão: atender as necessidades dos usuários; realizar inovações para satisfazer tais necessidade e estabelecer / promover habilidades para que o aprendiz aproveite ao máximo as informações oferecidas na obra. Para que o lexicógrafo alcance tais princípio, é necessário estabelecer os objetivos / funções da obra, considerando as necessidades de seu usuário e o produto a ser elaborado. Considerando tais aspectos, Molina García (2006) trata dos princípios gerais da LEXPED, sintetizados no quadro 5 por Rodrigues-Pereira, Nadin e Zacarias (2023), vejamos:

Quadro 5- Princípios fundamentais, inovações e obstáculos da LEXPED

Princípios fundamentais	Inovações estruturais e do conteúdo	Obstáculos
<ul style="list-style-type: none"> • Ajuste das informações lexicográficas às necessidades dos usuários. • Proposição inovações lexicográficas para atender a essas necessidades. • Trabalho em conjunto entre o Lexicógrafo e o professor de línguas. • Desenvolvimento das habilidades de referência do usuário para que possa tirar o máximo de proveito do dicionário. 	<ul style="list-style-type: none"> • Melhoria nos mecanismos de busca para encontrar a informação na macro e na microestrutura. • Melhoria na informação gramatical. • Avanço na apresentação da informação semântica-vocabulário controlado e uso de corpus. • Desenvolvimento notável no que diz respeito à informação pragmática. • Desenvolvimento da habilidade de referência (letramento lexicográfico) – <i>reference skills</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> • Concepção de que o dicionário somente proporciona significado. • Falta de instrução no manuseio dos dicionários no geral. • A não inclusão das habilidades de referência na maioria dos planos educativos. • A influência da Abordagem Comunicativo no ensino, desvalorizando a autoridade do dicionário e fomentando o uso do contexto para averiguar os significados das palavras desconhecidas.

Fonte: Rodrigues-Pereira, Nadin e Zacarias (2023, p. 19), com base em Molina García (2006).

Considerando esses princípios, vemos que, para elaborar obras lexicográficas, os lexicógrafos devem olhar para além do léxico. Eles precisam trabalhar em conjunto com o professor, para que consigam satisfazer às necessidades dos alunos, que são os principais usuários da obra lexicográfica e, assim, possam usufruir de toda a potencialidade que o dicionário, enquanto material didático, tem a oferecer. Como evidenciado, a LEXPED se preocupa com o ensino/aprendizagem dos estudantes e, por isso, organiza às obras lexicográficas para atender às necessidades dos consulentes. Dessa forma, a Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada (LA) têm uma relação, tendo em vista que a LA é uma área interdisciplinar. Diante disso, na próxima subseção discorreremos a respeito da LEXPED e da LA.

2.4.1 A Lexicografia Pedagógica e a Linguística Aplicada

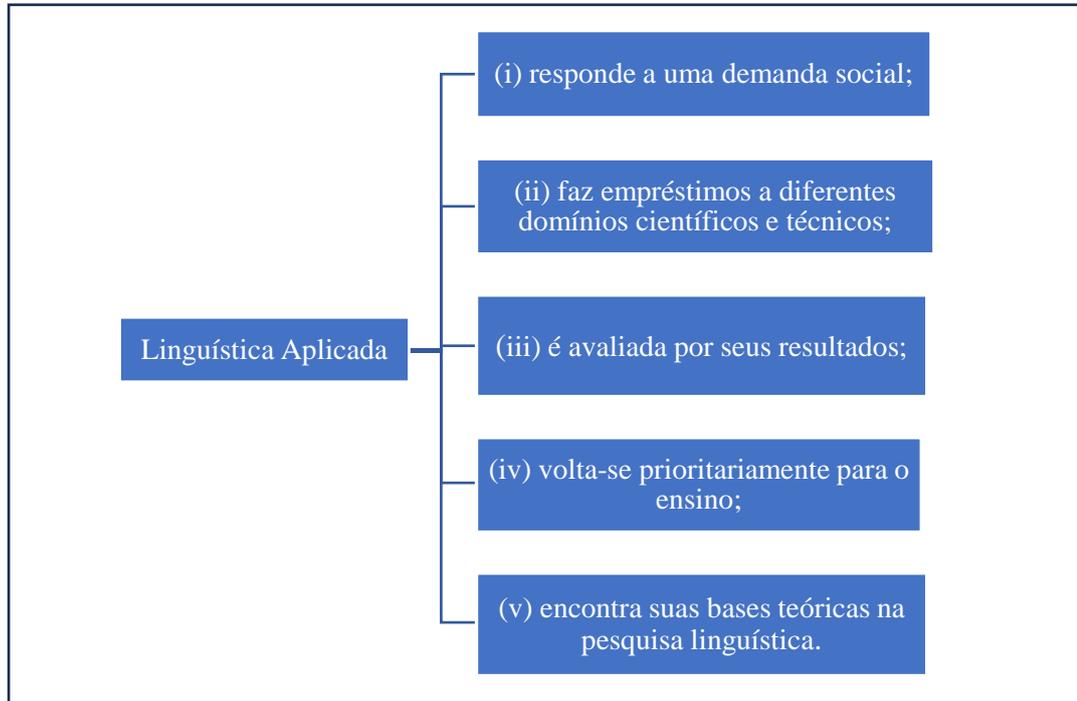
Conforme demonstrado nos estudos dos autores Humberto Hernández (1989) Azorín-Fernández (2003) e Krieger (2020), a Linguística Aplicada (LA) é uma ciência que se ocupa em verificar os problemas do uso da linguagem e da comunicação e, ao identificar essas adversidades, a área levanta soluções para que possam ser amenizadas. Os autores Rocha e

Daher verificaram no *site* Association Internationale de Linguistique Appliquée (AILA) que a definição da área está expressa da seguinte forma:

A Linguística Aplicada é um campo interdisciplinar de pesquisa e prática lidando com problemas práticos da língua e comunicação, os quais podem ser identificados, analisados ou solucionados aplicando-se teorias, métodos e resultados de trabalhos disponibilizados pela Linguística, ou desenvolvendo-se novos arcabouços teóricos e metodológicos em Linguística para trabalhar com esses problemas (AILA, 2013 *apud* Rocha; Daher, 2015, p. 128).

Nota-se que essa vertente da Linguística se ocupa dos problemas sociais, lidando com as adversidades que surgem no meio social e aplicando seus métodos ou desenvolvendo novos para resolvê-los. Por esse motivo, ela é considerada interdisciplinar. Diante dessas especificidades da área, Rocha e Daher recorrem a D. Maingueneau, na sua obra *Aborder la linguistique* de 1996, para discorrer sobre três características que sustentam a LA. Ao dispor dessas características, os autores acrescentam duas outras, são elas:

Figura 2- Organograma das características da Linguística Aplicada



Fonte: Elaborado com base em Rocha e Daher (2015, p. 113-114).

Como observado no organograma apresentado com a Figura 1, a LA possui características que a tornam interdisciplinar. Uma de suas particularidades está relacionada ao

ensino e à aprendizagem de línguas, tanto materna quanto estrangeira. Considerando essas informações, o autor Humberto Hernández estabelece a Lexicografia como uma área situada nessa vertente da Linguística: “[...] a Lexicografia é uma disciplina da Linguística Aplicada que se encarrega dos problemas teóricos e práticos que ocorrem na elaboração de dicionários” (Humberto Hernández, 1989, p. 8, tradução nossa)¹³

Por sua vez, Krieger ressalta o reconhecimento da Lexicografia como um ramo da LA:

[...] a indissociabilidade entre metodologia científica e produção de dicionários, entremeadada de conhecimentos da ciência da linguagem, abriu caminho que levou o reconhecimento internacional da Lexicografia como um ramo da Linguística e, particularmente, da Linguística Aplicada (Krieger, 2020, p. 23).

A Lexicografia tem como objetivo a elaboração de dicionários de determinada língua, organizando sua estrutura e nomenclatura da melhor forma. Por isso, ela é um ramo da LA, visto que a LA tem como objetivo a proposição de soluções para os problemas da linguagem:

[...] o objetivo último da linguística aplicada é a proposição de soluções aos variados problemas que surgem na práxis linguística. Este fato explicaria o motivo de a linguística aplicada estar composta por várias subáreas, com interesses e metodologias particulares; apesar de terem em comum, como já dissemos, a orientação a uma busca de solução aos problemas reais originais onde há interação das línguas com o contexto social, isto é, com as necessidades dos falantes. Portanto, podemos dizer que o fator que diferencia as duas grandes áreas ou ramos da linguística – a saber: a teórica e a aplicada – é a finalidade da pesquisa. No âmbito da linguística aplicada, a finalidade resolutiva inerente a este domínio das ciências da linguagem impõe que o conhecimento transcenda e modifique a realidade que é objeto de investigação (Azorín-Fernández, 2003, p. 36-37, tradução nossa)¹⁴.

Ao analisar o objetivo dessa área, compreende-se que o adjetivo “aplicado/aplicada” empregado à Linguística se refere ao uso, direcionando sua atenção para os problemas de linguagem no meio social, conforme mencionado por Almeida Filho (2020, p. 20): “a LA é voltada para problemas de linguagem encontrada no mundo real e modos de resolvê-los com

¹³ “[...] La Lexicografía es la disciplina de la lingüística aplicada que se encarga de los problemas teóricos y prácticos que plantea la elaboración de diccionarios” (Humberto Hernández, 1989, p. 8).

¹⁴ “[...] la meta última de la lingüística aplicada es la propuesta a los variados problemas que surgen en la praxis lingüística. Este hecho explicaría que la lingüística aplicada esté compuesta por varias subdisciplinas, con intereses y metodologías particulares; aunque tengan en común, como ya se dicho, la orientación hacia la búsqueda y el hallazgo de vías de solución a los problemas reales originados allí donde las lenguas interaccionan con el entorno social, esto es, con las necesidades de los hablantes. Podemos decir, en suma, que el factor que diferencia las dos grandes demarcaciones o ramas de la lingüística – a saber: la teórica y la aplicada – es la finalidad de la investigación. en el ámbito de la lingüística aplicada, la finalidad resolutiva inherente a este dominio de las ciencias del lenguaje impone que el conocimiento trascienda y modifique la realidad objeto de la investigación” (Azorín-Fernández, 2003, p. 36-37).

base em conhecimentos da linguística e suas ferramentas”. Essa área também se preocupa em levantar soluções que possam amenizar ou resolver essas questões.

A princípio, vimos que a LA é uma ciência que proporciona métodos e instrumentos para a investigação, e se interessa pelo contexto no qual a linguagem está sendo utilizada. Ela concilia o campo prático e teórico da área, já que tem como objetivo resolver problemas em relação à utilização da linguagem em determinada comunidade, no ensino e na aprendizagem. Por isso, é de caráter educativo e interdisciplinar.

A sua interdisciplinaridade é referente “a resolução dos problemas relacionados ao uso das línguas – sejam elas quais forem –, a linguística acaba necessitando da ajuda de outras disciplinas mais ou menos afins” (Azorín-Fernández, 2003, p. 37, tradução nossa)¹⁵. Dessa forma, verifica-se que a interdisciplinaridade da área está relacionada ao auxílio de outras disciplinas na busca de resolução dos problemas.

Como averiguado anteriormente, a LA é interdisciplinar pelo motivo de incluir outras disciplinas, como ressalta Santos Gargallo (2017, p. 11) “[...] o caráter multifacetado e multidimensional dos problemas do qual se ocupa torna indispensável a adoção das contribuições de outras disciplinas”¹⁶.

Nesse contexto, Almeida Filho (2020) situa algumas disciplinas que fazem parte da LA:

Quadro 6- Disciplinas que fazem parte da Linguística Aplicada.

Áreas	Conceitos
Ensino de Línguas	A disciplina Formação, Aquisição e Ensino de Línguas (FAELin) caracteriza-se por se tratar da operação de quatro materialidades: os planos de cursos, materiais, aulas e avaliação, nessa ordem, visando à aquisição de uma competência comunicativa que inclui a nova cultura e os processos formativos dos agentes (aprendizes, professor e terceiros).
Tradução ¹⁷	Tradução consiste basicamente na transposição de sentidos de uma língua de partida para outra de chegada em contextos variados que permitem equivalências de sentidos e seu impacto na comunicação.
Lexicografia	Lexicografia consiste na construção sistemática e usos na prática de instrumentos lexicais como dicionários e glossários destinados para a consulta de usuários, pessoas comuns ou à comunicação entre especialistas.

¹⁵ “la resolución de los problemas relacionados con el uso de las lenguas – sean estos cualesquiera que sean -, la lingüística acaba necesitando el concurso de otras disciplinas más o menos afines” (Azorín-Fernández, 2003, p. 37).

¹⁶ “[...] el carácter multifacético y poliédrico de los problemas de que se ocupa hace imprescindible la adopción de las aportaciones de otras disciplinas” (Santos Gargallo, 2017, p. 11).

¹⁷ Esse conceito de tradução exposto pelo autor é uma visão antiga. No entanto, temos autores que definem tradução com uma visão mais ampla, são eles: Humblé (2005), Rios e Xatara (2009), Guidotti (2017), entre outros.

Secretariado/LEA	Secretariado Executivo Bilíngue e LEA se caracterizam por ser um campo aplicado da Linguagem, no qual se desenvolvem competências para gerir e assessorar o trabalho empresarial e/ou institucional nas suas demandas específicas.
Patologias da Linguagem e Comunicação	Patologias da Comunicação se caracteriza por ser uma disciplina de natureza aplicada que tem como objeto a relação entre linguagem, cérebro e cognição, focalizando alterações e dificuldades na comunicação verbal.
Relações Mediadas por Linguagem	Relações Sociais Mediadas por Linguagem é o campo aplicado da Linguagem no qual se estudam e aplicam conhecimentos sobre a construção e gestão de relações pessoais e/ou profissionais via linguagem.

Fonte: Almeida Filho (2020, p. 29-30).

Com o quadro 2, verificam-se, conforme o autor, as disciplinas que fazem parte da área aplicada. As disciplinas apresentadas são inter-relacionadas por resolver problemas do campo da linguagem, cada uma com uma especificidade diferente e atuando em um âmbito da língua. Observa-se que o objeto de estudo de cada disciplina é:

- Ensino de Língua - a aquisição da competência comunicativa de uma língua, incluindo a sua cultura e a participação de professores e alunos;
- Tradução - a transferência de sentido dos textos produzidos em determinada língua a outra língua;
- Secretariado/LEA - a gerência das demandas dos trabalhos empresarial e/ou institucional;
- Patologias da Linguagem e Comunicação - consistem na relação na alteração e dificuldades da comunicação, relacionando linguagem, cérebro e cognição;
- Relações Mediadas por Linguagem – é a aplicação de conhecimento das relações pessoas e/ou profissionais pela linguagem.
- Lexicografia - é uma dessas disciplinas e a sua subárea, a LEXPED também está vinculada a essa ciência, visto que, tanto a Lexicografia como a LEXPED têm o mesmo objeto de estudo – a coleta e a representação da linguagem em uso em obras de referência.

A linguagem em uso estabelecida nessas duas áreas está diretamente relacionada na organização dos dicionários de determinada língua. Visto isso, constata-se que ambas as áreas têm como objeto de estudo a seleção do léxico e a elaboração de dicionários. Assim, a Lexicografia e a LEXPED se inter-relacionam pelo motivo de querer entregar uma obra lexicográfica que atenda às necessidades dos consulentes; à vista disso, a LA relaciona-se com

essas áreas por querer resolver os problemas no uso da linguagem, voltando-se à vertente do ensino e à aprendizagem de línguas. Rocha e Daher (2015) discorrem a respeito dos interesses da LA:

[...] Um traço característico das pesquisas na área é o interesse por problemas de diferentes ordens: ensino de línguas, tradução, confecção de dicionários, singularidades das relações de serviço (atendimento em guichê, relação entre profissionais e clientes) [...] Há de se reconhecer, a esse respeito, a existência de problemas sociais que requerem uma solução, e a hipótese que se faz é que a linguística aplicada tem sua parcela de contribuição a oferecer (Rocha e Daher, 2015, p. 114).

Azorín-Fernández (2003) também apresenta características que fazem a Lexicografia um ramo da LA:

1. Assim, em primeiro lugar, a lexicografia surge e se desenvolve como um campo de conhecimento voltado para uma finalidade prática: a criação de repertórios lexicais.
2. Em segundo lugar, a lexicografia pode ser vista como um âmbito interdisciplinar toda vez que para cumprir o seu objetivo requer a participação de outras especialidades linguísticas e não linguísticas.
3. Em terceiro lugar, nas últimas décadas do século XX, a lexicografia desenvolveu um corpus de conhecimento teórico, fruto da recepção dos avanços da teoria linguística e de abordagens próprias relativamente ao seu objeto de estudo (Azorín-Fernández, 2003, p. 38, tradução nossa)¹⁸.

Com base nas informações acima, conclui-se que o propósito da LA é o ensino de línguas e a busca por soluções para sanar esses problemas. Por isso ela é interdisciplinar. Dessa maneira, pode-se situar a LEXPED como uma das áreas que recebem contribuições da LA, uma vez que se preocupa em amenizar as dificuldades que os alunos têm em relação ao uso do dicionário, com foco para o uso da língua. Ressalta-se, nesse enquadre, que é de suma importância escolher o dicionário mais adequado a determinado perfil de aluno e utilizá-lo da melhor forma em conjunto com o material didático. Para tanto, é fundamental que conheçamos a tipologia de dicionários presentes na sociedade, assunto sobre o qual discorreremos na próxima subseção.

¹⁸ “1. Así, en primer lugar, la lexicografía surge y se desarrolla como una parcela del conocimiento abocada a una finalidad práctica: la confección de repertorios léxicos.

2. En segundo lugar, la lexicografía puede verse como un ámbito interdisciplinario toda vez que para llevar a cabo su objetivo necesita el concurso de otras especialidades lingüísticas y no lingüísticas.

3. En tercer lugar, en las ultimas décadas del siglo XX, la lexicografía ha desarrollado un corpus de conocimientos teóricos, fruto de la recepción de los avances de la teoría lingüística y de sus propios planteamientos a propósito de su objeto de estudio” (Azorín-Fernández, 2003, p. 38).

2.5 Estrutura lexicográfica

Parte da estrutura de um dicionário, como no caso da macroestrutura, é composta por um conjunto de materiais lexicais. Assim, torna-se indispensável compreender como esse conjunto lexical será organizado na macroestrutura da obra. Considerando que cada obra se enquadra em um tipo de dicionário, com público-alvo e finalidades específicas, é necessário compreender como a estrutura lexicográfica é constituída, assim, o entendimento da macro e da microestrutura é fundamental. Diante disso, vamos nos embasar nos fundamentos de Castillo Carballo (2003), Fuentes Morán (1997), Haensch (1982), Hartmann (2001), Porto Dapena (2002) e Welker (2004).

O conceito de “estrutura” não é algo novo na linguística, conforme demonstra Hartmann (2001) em seus estudos. Na Lexicografia, especificamente, esse termo é utilizado para referir às partes que compõem o dicionário, como estão relacionadas umas às outras, sendo possível organizar as informações para que o consulente tenha êxito em suas pesquisas.

Cada dicionário tem sua especificidade, o que leva à macroestrutura e à microestrutura, base fundamental da obra, a adquirir características próprias e, a depender de sua tipologia. Porto Dapena (2002), sobre o assunto, afirma que:

[...] A arquitetura ou macroestrutura [dicionário] vem, segundo isso, a consistir na imensa maioria dos casos – em comparação a outras obras científicas, estruturadas em partes, capítulos, parágrafos etc. – em um conjunto de verbetes sem outra conexão entre si que a de pura ordem alfabética. O conteúdo e organização de um verbete, que é o que constitui a microestrutura do dicionário, varia de uma obra para outra, pois depende, logicamente, do tipo de dicionário a que corresponde esse verbete (Porto Dapena, 2002, p. 182, tradução nossa).¹⁹

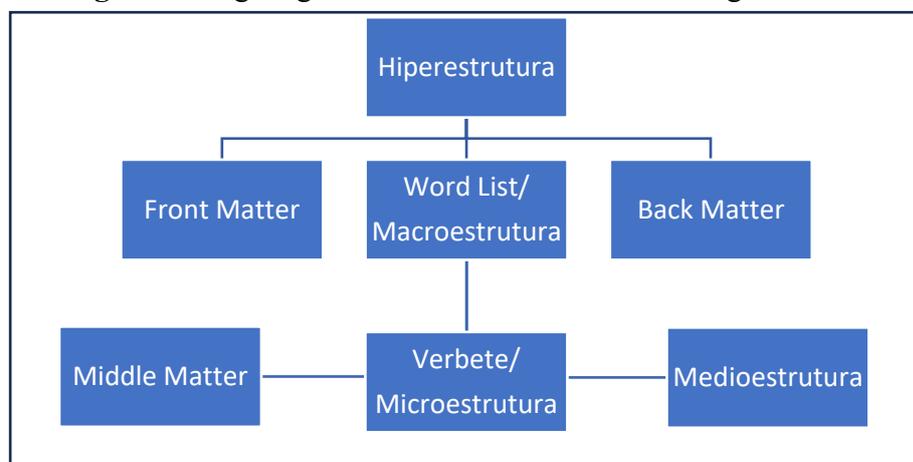
Para ocorrer a estruturação das UL, a nomenclatura e a macroestrutura têm papéis fundamentais, visto que a nomenclatura equivale ao conjunto total de lemas que compõem a macroestrutura de um dicionário, que, por sua vez, é organizada em ordem semasiológica ou onomasiologia e em conformidade com o modelo de verbete pré-estabelecido. A microestrutura é entendida como a estrutura que se ocupa em ordenar as informações que cada verbete possui. Em meio a ela, temos a *medioestrutura* que, segundo Fuentes Morán (1997, p. 45, tradução

¹⁹ “La arquitectura o macroestructura de éste viene, según eso, a consistir en la inmensa mayoría de los casos – frente a otras obras científicas, estructuradas en partes, capítulos, párrafos, e etc. – en un conjunto de artículos sin otra conexión entre sí que la del puro orden alfabético. El contenido y organización de un artículo lexicográfico, que es lo que constituye la microestructura del diccionario, varía de unas obras a otras, pues depende, lógicamente, del tipo de diccionario a que corresponda ese artículo” (Porto Dapena, 2002, p. 182).

nossa), trata-se da “estrutura polissêmica que subjaz a agrupação de esclarecimentos dos significados relativos de uma unidade polissêmica em um dicionário monolíngue”²⁰.

Com o intuito de assimilar conceitos inerentes à toda a estrutura lexicográfica, recorreremos a Rodrigues-Pereira (2020), que utiliza as contribuições de Fuentes Morán (1997), Haensch (2001), Hartmann (2001), Porto Dapena (2002) e Pereira (2018) para criar um organograma seguido de sua explicação, no qual está disposta uma visão ampla da estrutura de uma obra lexicográfica:

Figura 3- Organograma da estrutura da obra lexicográfica



Fonte: Rodrigues-Pereira (2020, p. 143).

Com base no organograma acima, podemos visualizar como é constituída a *hiperestrutura* de uma obra. Wiegand (1998a *apud* Fuentes Morán, 1997, p. 46) esclarece o conceito do termo “‘Hiperestrutura’ se concebe como aquela estrutura hierárquica superior a que se agrupam e ordenam globalmente os componentes básicos do dicionário”. Portanto, ela é responsável por agrupar todos os constituintes do dicionário e é dividida em três partes: *Front Matter*, *Word List* e *Back Matter*.

Resumidamente, a *Front Matter* é composta pelas páginas que antecedem à macroestrutura. Nela estão contidas informações importantes, como o prefácio, introdução, guia de uso etc., que o usuário deve saber antes de verificar a macroestrutura e a microestrutura.

A *Word List*, segundo Rodrigues-Pereira (2020, p. 143), “corresponde ao conjunto de unidades lexicais registradas na obra lexicográfica em questão”. Essa parte é equivalente ao conjunto de UL existente no dicionário e pode ser denominada como nomenclatura, visto que

²⁰ “[...] aquella estructura polisémica que subyace a la agrupación de aclaraciones de significado relativas a una unidad polisémica en un diccionario monolingüe” (Fuentes Morán, 1997, p. 45).

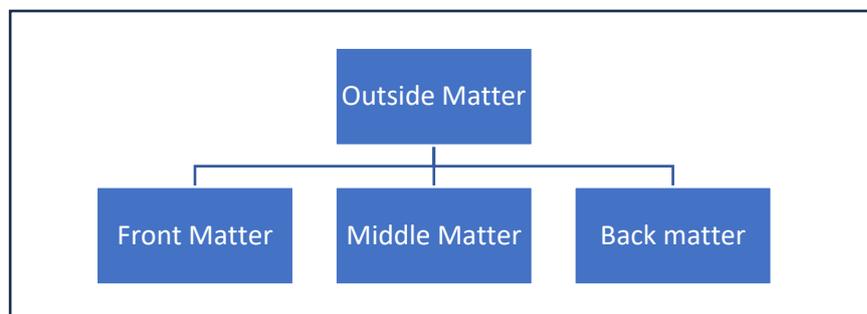
a nomenclatura é o conjunto de lemas do dicionário; e a união desses lemas condiz à macroestrutura organizada em ordem semasiológica ou onomasiológica.

Por fim, a *Back Matter* é formada pelas páginas seguintes à macroestrutura. Nela estão incluídas informações adicionais que podem ser úteis para o consulente, como os apêndices gramaticais (tabelas de verbos, de flexão nominal e verbal, listas de prefixos e sufixos etc.), apêndices de informações gerais (listas de nomes próprios, nomes de lugares, unidades de medida, símbolos etc.), materiais didáticos ou complementares e entre outras informações. É necessário destacar que tanto a *Front Matter* quanto a *Back Matter* variam de um dicionário para o outro, a depender da tipologia da obra, os objetivos do autor em relação ao público-alvo indicado.

Hartmann (2001, p. 57 – 59) explica que tudo aquilo que não faz parte da macro, nem da microestrutura, constitui a *Outside Matter*. Dessa forma, a *Outside Matter* é composta pela *Front Matter*; a *Middle Matter*; e, por fim, a *Back Matter*.

Rodrigues-Pereira (2020), sobre o assunto e de acordo com Hartmann (2001), explica a *Outside Matter* a partir do seguinte organograma:

Figura 4- Organograma *Outside Matter* em Lexicografia



Fonte: Rodrigues-Pereira (2020, p. 145).

Conforme as informações apresentadas, podemos observar como as partes de uma obra lexicográfica são estruturadas. A seguir, discorreremos de forma mais substanciada, sobre as três principais partes da obra: a *Front Matter*, a *Word List* (macroestrutura), o verbete e sua microestrutura, e *Back Matter*.

2.5.1 Front Matter

Como mencionado anteriormente, a *Front Matter* é constituída pelas páginas que antecedem à macroestrutura. Nelas, estão inseridas todas as informações que os consulentes carecem de saber para compreender o dicionário em sua totalidade. Por esse motivo, os elementos nesta parte podem variar, dependendo da tipologia do dicionário em questão.

Haensch (1982, p. 458, tradução nossa) a denomina como “A parte introdutória²¹” e discorre sobre o que deve conter.

Para o autor, nas primeiras páginas, é preciso conter um prólogo ou prefácio, no qual são expostas a finalidade do dicionário, o grupo para o qual ele é destinado, as fontes utilizadas, informações do ano, lugar, editora etc. É preciso mencionar o autor ou autores, e todos que fizeram parte da equipe. A introdução propriamente dita oferece ao usuário explicações e instrução sobre o uso do dicionário, de forma que, frequentemente, aparecem da seguinte maneira:

- a. A estrutura das entradas.
- b. Todos os símbolos e abreviaturas utilizados para a explicação e caracterização dos vocábulos registrados.
- c. Uma introdução aos problemas gramaticais mais importantes.
- d. Tratamento de palavras homônimas e/ou polissêmicas.
- e. A lematização de unidades léxicas pluriverbais.
- f. Um esquema de transliteração (em muitos dicionários de línguas que não usam o alfabeto latino, por exemplo, o russo, o grego, o árabe etc.).
- g. Um resumo das regras ortográficas (por exemplo, sobre o uso de maiúscula ou minúscula ou a pontuação).
- h. Um resumo das regras de separação de sílabas (importante, por exemplo, em inglês e alemão)²² (Haensch (1982, p. 458).

A *Front Matter* tem que ser completa e clara, para que o usuário não tenha dúvidas no momento de manusear o dicionário. A autora Fuentes Morán (1997) considera essa parte como obrigatória em uma obra lexicográfica e a nomeia como “I. Princípios do livro (a.: *Vorspann*; i.: *front matter*)”²³. A autora caracteriza os componentes que deve conter nessa etapa:

- i. Capa.
- ii. Prefácio.
- iii. Índice.
- iv. Instruções para o uso do dicionário.

²¹“La parte introductoria” (Haensch, 1982, p. 458).

²² a) La estructura de las entradas.

b) Todos los símbolos y abreviaturas utilizados para la explicación y caracterización de los vocablos registrados.

c) Una introducción a los problemas gramaticales más importantes.

d) Tratamiento de palabras homónimas y polisémicas.

e) La lematización de unidas léxicas pluriverbales.

f) Un esquema de transliteración (en muchos diccionarios de lengua que no usan el alfabeto latino, por ejemplo, el ruso, el griego, el árabe, etc.

g) Un resumen de reglas ortográficas (por ejemplo, sobre el uso de mayúsculas y minúsculas o la puntuación).

h) Un resumen de las reglas de separación de sílabas (importante, por ejemplo, en inglés y alemán) (Haensch (1982, p. 458).

²³ “Principios del libro (a.: *Vorspann*; i.: *front matter*)” (Fuentes Morán, 1997, p. 49)”.

v. Explicações dos símbolos e abreviaturas empregados no dicionário²⁴ (Fuentes Morán, 1997, p. 49, tradução nossa).

Vimos que a *Front Matter* é responsável por englobar quaisquer informações que sejam cruciais para o entendimento da obra lexicográfica. Ela é uma parte fundamental para a próxima etapa do dicionário, a *Word List* (conhecida como a Macroestrutura) é responsável por registrar o material léxico do dicionário, constituindo o corpo da obra lexicográfica.

2.5.2 *Word List* e Macroestrutura

Alguns estudiosos em Lexicografia ficam na dúvida em qual termo usar – *Word List* ou *Macroestrutura*. Por isso, recorremos a Welker (2004) que expressou a opinião de Béjoit (2000) sobre o emprego do termo:

Alguns usam *macroestrutura* como sinônimo de *nomenclatura*, mas é preferível usar este último termo como equivalente de *word-list*, ao passo que o primeiro pode ser empregado para referir-se à maneira como o conjunto de entradas é organizada nos diversos dicionários (Béjoit, 2000: 13 *apud* Welker, 2004, p. 81).

Nota-se que a *Word List* é o conjunto de lemas do dicionário, ou seja, o mesmo que *nomenclatura*, considerando que a *nomenclatura* abrange o conjunto todo dos lemas. *Macroestrutura*, por sua vez, refere-se à forma como o corpo do dicionário é organizado, se é uma organização semasiológica ou onomasiológica das entradas. Assim, o termo *macroestrutura* tem sido empregado nesses dois sentidos e essa utilização é adequada.

Castillo Carballo (2003), do mesmo modo, exprime sua opinião:

O dicionário está constituído por um número determinado de verbetes, dispostos, habitualmente, de forma alfabética de acordo com o lema ou entrada que os encabeça. A soma dos lemas ou entradas que tem leitura vertical parcial constitui, portanto, a macroestrutura do dicionário, também conhecido como *nomenclatura* (Rey-Debove, 1971, p. 21 *apud* Castillo Carballo, 2003, p. 81, tradução nossa)²⁵.

²⁴ i) Portada.

ii) Prefacio

iii) Índice.

iv) Instrucciones para el uso del diccionario.

v) Explicación de los símbolos y abreviaturas empleadas en el diccionario (Fuentes Morán, 1997, p. 49).

²⁵ El diccionario está constituido por un número determinado de artículos, dispuestos, habitualmente, de forma alfabética de acuerdo con el lema o entrada que los encabeza. La suma de lemas o entrada que posee una lectura vertical parcial constituye, pues, la *macroestructura* del diccionario, conocido también como *nomenclatura* (Rey-Debove, 1971, p. 21 *apud* Castillo Carballo, 2003, p. 81)

Com base nas informações acima, fica evidente que o dicionário é constituído por uma determinada quantidade de verbetes, que, eventualmente, em ordem alfabética estarão dispostos na macroestrutura. Essas entradas serão sempre reduzidas a uma forma canônica – o lema – que representa todas as variantes de uma palavra. Porém, o lema passa por uma série de critérios para integrar-se na macroestrutura de uma obra lexicográfica.

Desse modo, para determinar as quantidades de UL, primeiramente, é necessário se atentar com a finalidade do dicionário e aos perfis do público, visto que ele pode ser escolar ou especializado, por exemplo, e ambos são direcionados a públicos distintos. Esse critério contribui para decidir o tamanho que a obra lexicográfica terá, uma vez que obras lexicográficas destinadas à escola devem ter, conforme Haensch (1982, p. 399, tradução nossa) “definições tão simples como claras, com uso preferentemente de um vocabulário básico”²⁶, e obras destinadas a especialistas devem ter definições mais técnicas.

Outro método de seleção está relacionado com a frequência de uso, a qual será determinada por meio da análise de um *corpus* específico. Esses critérios de seleção de um lema podem auxiliar em como a obra será estruturada, isto é, a ordem em que as unidades serão dispostas – ordem onomasiológica ou semasiológica. Castillo Carballo (2003) menciona a diferença entre as duas:

O critério de organização onomasiológica, parte das ideias para chegar as palavras, tendo em vista que sua finalidade essencial é a codificação, na medida em que ajuda ao usuário a dispor dos vocábulos que designam com exatidão as ideias que querem expressar. [...] A ordem semasiológica consiste exatamente no contrário do critério onomasiológico, pois o ponto de partida são as palavras para chegar nas ideias. Sua utilidade se concentra, deste modo, na decodificação da mensagem (Castillo Carballo, 2003, p. 85, tradução nossa)²⁷.

Esses dois critérios servem para organizar, cada um do seu modo, as UL, dependendo do objetivo específico do dicionário. Nota-se que, na organização semasiológica, o ponto de partida será o significante, enquanto na onomasiológica será o significado da UL. Welker (2004) destingue as ordens das entradas que são dispostas nos dicionários:

- Ordem alfabética linear: consiste em seguir estritamente a ordem alfabética;

²⁶ “definiciones tan sencillas como claras, con uso preferente de un vocabulario básico” (Haensch, 1982, p. 399).

²⁷ En el criterio de ordenación onomasiológica, se parte de las ideas para llegar a las palabras, por lo que su finalidad es la codificación, en la medida en que ayuda al usuario a disponer de los vocablos que designan con exactitud las ideas que quiere expresar. [...] La ordenación semasiológica consiste exactamente en lo contrario del criterio onomasiológico, pues el punto de partida son las palabras para llegar a las ideas. Su utilidad se centra, de este modo, en la decodificación del mensaje (Castillo Carballo, 2003, p. 85).

- Ordem alfabética com agrupamentos: a organização espacial [...] vai apresentar uma quebra da linearidade, passando a trabalhar com blocos (ou parágrafos) que incluem um lema principal e um ou mais sublemas; o motivo é a economia de espaço; esse arranjo era muito comum nos dicionários alemães monolíngues e bilíngues;
- Ordenação não estritamente alfabética com agrupamentos: significa que, dentro de um bloco, colocam-se, em ordem alfabética, lexemas relacionados com o lema principal, embora, na ordem alfabética linear, eles devessem aparecer depois do lema principal seguinte (Wiengad, 1983, p. 432ss *apud* Welker, 2004, p. 82-83).

A ordem das entradas pode ser constituída de várias maneiras, como vimos anteriormente. Como se percebe pela figura 3 apresentada antes, em meio à *Word List*, podemos encontrar ainda a *Middle matter* e a *medioestrutura*. O primeiro termo, segundo Hartmann (2001), são as intervenções em formas de ilustrações ou informações verbais que ajudam o consultante a compreender melhor determinado lema. Para o segundo, Fuentes Morán (1997, p. 45) explica que “‘medioestrutura’ (termo em alemão: mediostruktur) é entendido como aquela estrutura polissêmica que subjaz ao agrupamento de esclarecimentos de significados relativos a uma unidade polissêmica em um dicionário”²⁸. A estrutura polissêmica mencionada pela autora corresponde a uma definição detalhada e esclarecedora, como os exemplos de usos do lema.

Portanto, compreendemos que a macroestrutura é a parte responsável por organizar o conjunto do material lexical de uma obra lexicográfica e determinar a maneira em que as informações estarão dispostas. A partir disso, podemos tratar da forma como o verbete e sua microestrutura estarão estabelecidos no dicionário.

2.5.2.1 O verbete e sua microestrutura

O verbete é formado pelo conjunto de *Entrada + Enunciado Lexicográfico* (Barbosa, 1996, p. 267, tradução nossa)²⁹, ou seja, entende-se que o verbete é composto pelo lema, que é a unidade tratada ao longo da microestrutura, e pelo enunciado lexicográfico que engloba todas as informações acerca de determinado lema. A *microestrutura* refere-se aos elementos que compõem o verbete, isto é, a ordenação de todas as informações da entrada estipulada.

A *microestrutura* varia de acordo com a tipologia do dicionário, o usuário que será destinado, as características gerais e específicas para constituí-la, dentre outros aspectos. Dessa

²⁸ “‘medioestructura’ (termino en alemán: Medioestructur) que se concibe como aquella estructura polisémica que subyace a la agrupación de aclaraciones de significados relativas a una unidad polisémica en un diccionario monolingüe.”

²⁹ “Entrée + Énoncé Lexicographique” (Barbosa, 1996, p. 267).

forma, a depender desses fatores, a *microestrutura* pode incluir os seguintes dados referentes: etimologia, pronúncia, ortografia, restrições de uso, categoria gramatical e de número, definição, exemplos e outros aspectos que contribuem para melhor explicação do lema.

O lema é a UL que encabeça o verbete. Cada unidade tem o seu critério para compor a entrada, como explica Haensch (1982):

- Quando uma forma do masculino corresponde a duas formas do feminino (com diferentes acepções), podem colocar duas entradas (com os correspondentes lemas) ou distinguir duas subentradas com um só lema.
- Quando duas palavras se distinguem em suas grafias só pelo acento gráfico, elas podem ser reunidas em uma entrada sempre que tenham o mesmo significado. [...] quando tem diferentes significados, devem ser dispostas em duas entradas.
- Quando uma palavra tem duas formas distintas do plural que correspondem a diferentes acepções, é preferível colocá-las em dois lemas; embora, também, seria possível dispor em um verbete, com um lema, duas subentradas.
- Quando o plural de um substantivo tem uma acepção diferente do singular, seria justificado, em teoria, atribuir a cada forma uma entrada distinta; embora, por razões práticas, em tais casos costuma-se tratar a forma do plural na mesma entrada, após as acepções correspondentes a forma do singular.
- Quando um significante léxico corresponda a acepções diferentes pelo seu uso no gênero masculino ou feminino, sem que a diferença de gênero esteja relacionada a diferença de sexo, podem ser previstas duas entradas ou uma entrada subdividida em dois gêneros.
- Quando uma forma de flexão está lexicalizada com uma acepção especial, pode-se inclui-la em um verbete correspondente à palavra em questão.
- Deve-se distinguir as abreviaturas em sua simples decodificação da definição semântica ou a indicação de equivalentes em outras línguas, respectivamente³⁰ (Haensch, 1982, p. 463-465, tradução nossa).

³⁰ • Cuando a una forma de masculino le corresponden dos formas de femenino (con diferente acepción), se pueden poner dos entradas (con su correspondiente lema) o distinguir dos subentradas, en un artículo con un solo lema.

• Cuando dos palabras se distinguen en su grafía solo por el acento gráfico, se las puede reunir en una entrada siempre que tengan el mismo significado. [...] cuando tienen diferentes significados, hay que tratarlas en dos entradas diferentes.

• Cuando una palabra tiene dos formas distintas del plural que corresponden a diferentes acepciones, es preferible poner dos lemas, aunque también sería posible poner en un artículo, con un lema, dos subentradas.

• Cuando el plural de un sustantivo tiene una acepción diferente de la del singular, estaría justificado, en teoría, atribuir a cada forma una entrada distinta; empero, por razones prácticas, en tales casos se suele tratar la forma del plural en la misma entrada, después de las acepciones correspondientes a la forma del singular.

• Cuando a un significante léxico corresponden acepciones diferentes según se use con género masculino o femenino, sin que la diferencia de género esté relacionada con una diferencia de sexo, se pueden prever dos artículos o bien uno solo subdividido según los dos géneros.

• Cuando una forma de flexión está lexicalizada en el sentido de que ha adquirido una acepción especial, se puede incluir dicha forma en el artículo correspondiente a la palabra en cuestión.

• Hay que distinguir su simple decodificación de la definición semántica o la indicación de equivalentes en otra lengua, respectivamente (Haensch, 1982, p. 463-465).

A depender do lema, a entrada será disposta de determinada forma e a maioria delas são lematizadas. Porto Dapena (2002) explica quais às UL que passam, recorrentemente, por esse processo de lematização:

- I. Os substantivos, omite-se a forma singular seguida da terminação no feminino, também no singular, se o substantivo oferecer alternância de gênero. Se carece de singular, como ocorre no *pluralia tantum* a forma canônica obviamente será a forma plural, por ser sua única forma.
- II. Os adjetivos são lematizados através de sua forma no singular. Nas duas terminações, registrará o masculino acompanhado do feminino, se forem adjetivos com duas desinências, e naquelas com uma única terminação, sua única forma – masculino e feminino.
- III. Os pronomes seguem a mesma regra dos adjetivos, embora a palavra-entrada – aquela que aparece primeiro – seja geralmente acompanhada por todas as outras expressas por extenso; no entanto, os pronomes pessoais e as formas átonas, registram todas as suas variantes em verbetes independentes.
- IV. O artigo [categoria gramatical] apresenta no dicionário uma entrada distinta para cada uma de suas formas.
- V. Os verbos são classificados pela forma infinitiva (não é lematizado a pessoa, tempo, modo ou número) e, a partir dele, podem derivar-se todas as demais formas de flexão. Às vezes, o particípio correspondente é incluído em um verbe separado, quando pode ter função de adjetivo. Da mesma forma, alguns dicionários, com finalidades essencialmente didáticas, podem apresentar formas irregulares³¹ (Porto Dapena, 2002, p. 176-177, tradução nossa).

Por sua vez, Welker (2004) discorre a respeito das UL que são frequentes em dicionários:

- a) nomes próprios e mais registradas;
- b) siglas e abreviaturas;
- c) afixos (cf. Haensch 1982: 417ss.) – os quais, na verdade, não ocorrem no corpus como palavras, devendo ser detectados pelo dicionarista;
- d) formas flexionadas opacas – que ocorrem nos textos, mas pertencem a um determinado lexema;
- e) formas consideradas incorretas pelos puristas;
- f) palavras “tabus”, frequentemente classificadas como chulas (cf. Haensch 1982: 411ss.; Béjoint 2000: 124-129);

³¹ I. Los substantivos, se elide la forma singular seguida de la terminación femenina, también de singular, si el sustantivo ofrece alternancia genérica. En caso contrario, se usa el singular masculino o femenino (según el género del sustantivo), y, si carece de singular, como ocurre en los pluralia tantum el sustantivo se enuncia, lógicamente, en plural por ser su única forma.

II. Los adjetivos se encabezan o lematizan también en singular, mediante la forma masculina seguida de la terminación feme nunca, si se trata de adjetivos con dos terminaciones, o en la púnica forma, masculina y femenina.

III. Los pronombres siguen la misma regla, aunque la forma clave – la que aparece en primir lugar – suele ir acompañada de todas las demás expresadas íntegramente; sin embargo, de los pronombres personales y las formas átonas de los posesivos, se registran todas sus variantes en artículos independientes.

IV. El artículo presenta en el diccionario una entrada distinta para cada una de sus formas.

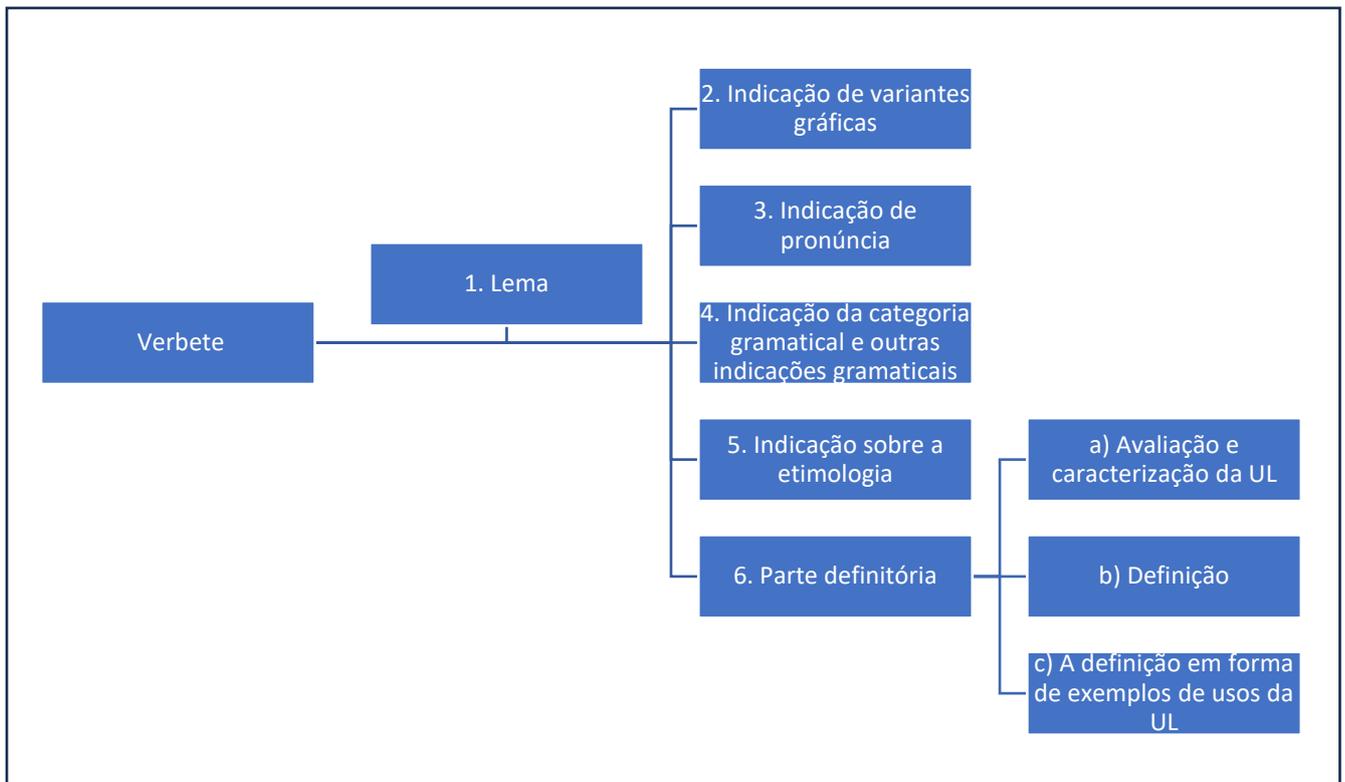
V. Los verbos se catalogan por la forma del infinitivo (no ofrece persona, ni tiempo, ni modo, ni número) y a partir de él se pueden derivar todas las demás formas de flexión. A veces, se incluye en artículo a parte el participio correspondiente, cuando tener función adjetiva. Así mismo, algunos diccionarios, con una finalidad esencialmente didáctica, pueden dar cabida a las formas irregulares (Porto Dapena, 2002, p. 176-177).

- g) lexemas depreciativos, considerados ofensivos por certos grupos sociais (cf. Béjoint 2000: 130s.);
- h) estrangeirismos (cf. Haensch 1982: 410s.);
- i) gírias;
- j) lexemas polilexicais (Welker, 2004, p. 96).

Observamos que existem estratégias para um lema ser melhor compreendido pelo público-alvo. Garriga Escribano (2003, p. 105) comenta que as características que a palavra-entrada precisa ter incluem aparecer em negrito, com a letra maior e com diferença de cor, de modo a sempre diferenciar o lema do corpo do verbete. Dessa maneira, compreendemos que a entrada, além de passar pela lematização, precisa se distinguir das suas acepções.

Porto Dapena (2002, p. 183-185) faz uma distinção entre dois tipos de enunciados: enunciado monomórficos e enunciados polimórficos. O enunciado monomórfico é constituído por uma única forma, isto é, é composto por uma única categoria da palavra-entrada, enquanto o polimórfico é composto por variantes fônicas ou ortográficas. O autor ressalta que os verbetes, no geral, são formados pelo enunciado monomórficos, nos quais o lema é representado por uma única forma.

O verbete pode conter diversas informações, como vimos anteriormente. Porém, há esquemas que são considerados, praticamente, fixos para a ordenação, sempre seguindo os critérios de cada obra. A seguir, traremos um esquema de organização do verbete, elaborado com base em Haensch (1982), para sistematizar as informações sobre o tema:

Figura 5 - Esquema de organização do verbete

Fonte: Elaboração com base em Haensch (1982, p. 469-470).

Nota-se, mediante a figura 5, que o ponto central do verbete é o lema, e, a partir dele, as informações são dispostas por meio de enunciados. Os enunciados são de dois tipos: o enunciado de forma (categoria gramatical, divisão silábica, indicação de pronúncia e etimologia etc.); e o de enunciado de conteúdo (definição da UL, exemplos de uso, sinônimos etc.). Cada um deles tem a função de fornecer as informações necessárias sobre uma palavra-entrada, indicando todos os referentes de uma UL até chegar à marca de uso.

Para esclarecer essas informações, recorreremos a Seco (2003, p. 25-26) que explica a divisão do verbete em duas vertentes ou enunciados: a primeira parte é referente à UL enquanto signo, ou seja, sua forma; e a segunda, refere-se ao conteúdo dela, isto é, a definição do lema, os exemplos etc. Ao evidenciar esses fatos, observa-se que o verbete além de apresentar informações sobre definição do lema, também expõe informações a respeito da forma da unidade.

As informações do enunciado da forma, normalmente, costumam ter os seguintes registros:

- a) Época de vigência da palavra: a abreviatura *ant.* <<indica que o lema ou o significado pertence exclusivamente ao vocabulário da Idade Média>>; a abreviatura *desus.* <refere-se aos significados que eram usados na Idade Moderna, mas que hoje não são usados>> (Academia, 1970: XXIV);
- b) Limite geográficos: província, região, país ou área supranacional específicos da entrada em questão;
- c) Área do conhecimento (antropologia, botânica, matemática etc.) em que normalmente o termo está inserido;
- d) Níveis de uso – nível da língua e nível da fala (cf. Seco, 1972: 16,2) –, expressados por meio de abreviaturas como *fam.*, *vulg.*, *pop.*, *poét.*, *rúst.*;
- e) Particularidades de <<colocação>>; por exemplo: <<Usa-se as anotações impressas e manuscritos Castellanos>> (s.v. PÁSSIM);
- f) Explicação das transcrições semânticas, por meio de abreviaturas como *fig.*, *por ext.*, *irón* (esta informação, logicamente, só em acepções secundárias) (Seco, 2003, p. 26, tradução nossa)³².

Essas informações são dispostas na primeira parte do enunciado, e, geralmente, são inseridas em uma sequência, não sendo estipulada uma regra, visto que dependerá da tipologia do dicionário e de seu público-alvo. Assim, em uma obra lexicográfica, podem estar registradas a etimologia, a classe gramatical, o âmbito geográfico e a definição com exemplos de uso; e, em outra, podemos encontrar apenas a classe gramatical e a definição com o sentido da UL.

O exemplo e a abonação são definidos por Welker (p. 150, 2002) da seguinte maneira: “frase ou trecho de frase que serve para exemplificar uma acepção ou uma construção sintática dos dicionários. Mas há uma outra concepção – e mais difundida – de abonação, a saber: frase ou trecho de frase encontrada em texto autêntico”. Conforme o exposto, percebe-se que o exemplo é algo elaborado pelo próprio autor – “exemplos construídos”, e a abonação é um exemplo autêntico, extraído de textos jornalísticos, científicos etc. Zavaglia (2010), sobre o assunto, esclarece que:

Muitos metalexígrafos tratam exemplo autêntico como sinônimo de abonação; entretanto, para mim, enquanto “toda abonação é um exemplo autêntico, nem todo exemplo autêntico é uma abonação”, uma vez que distingo a abonação como sendo aquela frase escrita por um grande escritor, podendo ser retirada de um livro ou de uma coleção de textos literários

³² a) época de vigencia de la palabra: la abreviatura *ant.* <<indica que la voz o la acepción pertenece exclusivamente al vocabulario de la Edad Media>>; la abreviatura *desus.* <<se pone a las voces y acepciones que se usaron en la Edad Moderna, pero que hoy no se emplean ya>> (Academia, 1970: XXIV);
 b) límites geográficos: provincia, región, país o área supranacional de los que es peculiar la voz en cuestión;
 c) campo del saber (antropología, botánica, matemáticas, etc.) en que habitualmente se confina el término;
 d) niveles de uso – nivel de lengua y nivel de habla (cf. Seco, 1972: 16,2) –, espesados por medio de abreviaturas como *fam.*, *vulg.*, *pop.*, *poét.*, *rúst.*;
 e) particularidades de <<colocación>>; por ejemplo: <<Usase en las anotaciones de impresos y manuscritos castellanos>> (s.v. PÁSSIM);
 f) explicación de las transcripciones semánticas, por medio de abreviaturas como *fig.*, *por ext.*, *irón*. (esta información, lógicamente, solo en acepciones secundarias) (Seco, 2003, p. 26).

(corpus), que pode refletir, não raro, um uso idiossincrásico do autor, ao passo que exemplo é aquela frase escrita extraída de um corpus cuja origem não necessariamente é a literária, ao contrário, pode ser a jornalística, por exemplo, que reflete o uso real daquela unidade lexical (Zavaglia, 2010 *apud* Costa, 2015, p. 202).

De forma complementar às informações apresentadas anteriormente, recorreremos à Zavaglia (2012) que faz referências aos tipos de informações que uma obra dicionarística pode ter:

(i) Grafia, pronúncia, acentuação, classe gramatical, flexão, etimologia, marcas de uso; (ii) informações explicativas, ou seja, a definição do lema; (iii) uso do lema, ou seja, a sua contextualização ou ilustração, construção e colocação, expressões idiomáticas, provérbios; (iv) sinônimos, antônimos, parônimo; (v) informações semânticas sobre metáforas; (vi) informações sobre remissivas. Pode conter ainda, dependendo do objetivo do dicionário: ilustrações, gráficos, símbolos. O fato é que o lexicógrafo pode inserir qualquer tipo de informação em sua microestrutura, e, conseqüentemente, pode elaborar qualquer tipo de enunciado lexicográfico (Zavaglia, 2012, p. 253).

Porto Dapena (2002) e Haensch (1982) explicam os itens que podem estar presentes na microestrutura e que sintetizamos nos quadros 7 e 8.

Quadro 7- Informações contidas em um verbete segundo Porto Dapena (2002)

Informações	Descrição
Pronúncia	Às vezes, os dicionários apresentam a transcrição fonética do lema com a finalidade de informar acerca da sua pronúncia. Isto é particularmente importante nos dicionários bilíngues e plurilíngues, sobretudo do tipo pedagógico. Tal prática é necessária principalmente quando a ortografia da língua se encontra longe da pronúncia. A transcrição só pode ser realizada mediante o alfabeto fonético internacional, pode ser total ou parcial. Finalmente, a transcrição corresponde à palavra fora de contexto e representa a pronúncia normativa ou comum.
A categorização	Depois da pronúncia, todo verbete deve atribuir à palavra-entrada uma categoria gramatical (nome, adjetivo, verbo etc.) e, na sequência, uma subcategoria (masculino, feminino etc.). Os dicionários só podem utilizar com essa finalidade uma série de marcas em abreviaturas, como <i>s.</i> (substantivo), <i>adj.</i> (adjetivo), <i>tr.</i> (transitivo) etc.; esses componentes aparecem em uma lista no início da obra. Às vezes, a UL que serve de entrada pode pertencer a mais de uma categoria ou subcategoria; nesse caso, o corpo do verbete se organiza conforme essas categorias.
A etimologia	Depois da categorização (às vezes antes), nos dicionários – tipo sincrônico – a etimologia do vocábulo se encontra entre parênteses, em abreviatura, da língua a que pertence. O estudo da etimologia é, como se sabe, o ponto central dos dicionários etimológicos e tem grande importância nos históricos.

O significado	A informação sobre o conteúdo semântico das palavras constitui, sem dúvida, o ponto de maior interesse em quase todos os dicionários de carácter normalmente semasiológico. Além de registrar a finalidade das palavras que estudam, também podem listar os dois tipos de acepções ou significados: gerais ou comuns e especiais ou particulares. Os dois primeiros pertencem ao domínio de todos os falantes, enquanto os últimos são destinados às pessoas que requerem um certo nível de vocabulário, registros ou variedade da língua. Estes marcam o emprego de uma determinada zona geográfica, língua profissional, nível ou registro concreto.
As abonações ou citações	Esses dicionários incluem textos pertencentes, geralmente, à língua escrita. Seu objetivo é duplo: uma parte exemplificar usos e acepções de cada palavra, e, outra, apoiar ou autorizar esses usos e acepções. O valor informativo dessas citações é claro, visto que oferece contexto ou contextos possíveis no qual podem aparecer a palavra em questão. Às vezes, os textos utilizados não procedem de nenhuma fonte escrita, mas foram inventados pelo próprio autor ou autores do dicionário.
As expressões fixas	Na parte final do verbete lexicográfico, podem ser incluídas, por ordem alfabética, as expressões fixas (locuções, modismos etc.) que contêm a palavra-entrada de acordo com uma normativa. Elas constituem subentradas do dicionário e recebem um tratamento similar às entradas propriamente ditas.
Marcas de uso	Dentro do verbete lexicográfico, como elementos que constituem enunciados especiais – e uma metalinguagem também especial – devemos levar em conta as marcas, as quais formam parte de um conjunto de indicações do tipo secundário, embora não seja de menor importância, que acompanham as definições no verbete.
Outras informações	Um verbete lexicográfico pode oferecer informações sobre outros aspectos, segundo o tipo de dicionário. Registros de sinonímia e antonímia, cronologia das palavras, frequência de uso, ilustrações e aspectos gramaticais.

Fonte: Elaborado com base em Porto Dapena (2002, p. 191-250).

Vimos que Porto Dapena (2002) distingue as informações em oito tipos, cada uma delas engloba um tipo de informação lexicográfica relacionada à palavra entrada, enquanto Haensch (1982) as organiza em nove categorias, quais sejam:

Quadro 8 - Informações contidas em um verbete segundo Haensch (1982)

Informações	Descrição
Indicações ortográficas	Se uma variante ortográfica se usa só em determinado país ou área geográfica, deve-se inserir a correspondente indicação (normalmente em forma de abreviatura). Cada uma das variantes gráficas de uma palavra deve aparecer como um lema no lugar correspondente de acordo com a ordem alfabética, mas todas são reunidas e explicadas em uma única entrada. Se não há nenhuma indicação especial, as variantes gráficas de um lema se consideram equivalentes; se há restrições, convém especificá-las.
	A palavra-chave e suas variantes gráficas, seguem a indicação da pronúncia, sempre em colchetes. A transcrição fonética pode ser

Indicações fonéticas	necessária nos dicionários e vocabulários de dialetos. Se há várias pronúncias de uma palavra-chave (e de suas variantes gráficas) e se essas não forem de uso geral, isto é especificado mediante indicações sobre sua marcação regiolectal, sociolectal ou estilística.
Indicações etimológicas e históricas	<p>Muitos dicionários modernos dão efetivamente a etimologia (ou suposta etimologia) da palavra-entrada que registram, o que pode ser justificado no qual pode justificar pelo desejo dos leitores de conhecer, entre outras coisas, a origem da palavra buscada. A indicação sumária da etimologia de um dicionário descritivo moderno poderia, no entanto, ser justificada em determinados casos:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Quando pode ajudar o usuário a compreender o significado de uma palavra-entrada; • Quando explica elementos de formação de palavras, especialmente prefixos e sufixos; • Quando, por meio de uma indicação etimológica, se oferece praticamente uma indicação sobre as possíveis conotações de uma voz. <p>Em um dicionário descritivo moderno, a indicação da etimologia deveria ser a exceção. É preferível colocá-las ao final do verbete, o que permite dar explicações mais extensas.</p>
Indicações gramaticais	<p>Os dicionários monolíngues (e muitos bilíngues) de muitas línguas só indicam a categoria gramatical ou, em caso de monolematização estrita (homonímia/polissemia), as categorias gramaticais que correspondem a um lema. Em muitos dicionários bilíngues, essa indicação se dá só quando pode haver alguma dúvida, ou para distinguir palavras com a mesma forma lematizada. As categorias gramaticais do espanhol podem indicar-se com as seguintes abreviaturas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • s/m: substantivo masculino • s/f: substantivo feminino • adj: adjetivo • adv: advérbio • conj: conjunção • prep: preposição • interj.: interjeição <p>Embora as indicações gramaticais variem consideravelmente de uma língua para outra, algumas abreviaturas, como as mencionadas acima, são as mesmas do espanhol para o português.</p>
Indicações cronológicas	<p>Esse tipo de marcação é indicado por abreviaturas como: <i>arc</i> “arcaísmo”, <i>his</i> “palavras históricas”, <i>neol</i> “neologismo” etc., alguns dicionários usam em vez de <i>hist</i> só a etiqueta <i>ant</i> (antiquado). A caracterização de neologismo indica, neste caso, sempre o caráter provisório do registro de um elemento lexical.</p>
Indicações sobre os níveis linguísticos, caracterização sociolinguística e outras avaliações	<p>Esse grupo reúne uma série de outras características que indicam, no geral, uma determinada conotação, mas, também, outras classes de marcação linguística, por exemplo: abstrato/concreto, figura etc. Essas conotações de uso são difíceis de classificar segundo critérios e esquemas rigorosos, e nem sempre auxiliam a delimitar um uso do outro, por outro lado, são muito úteis na prática, já que informam ao usuário sobre o conteúdo elocutório que corresponde ou pode corresponder a certos elementos lexicais, assim como as condições contextuais e situacionais de uso e interpretação. Quando, no dicionário, não há nenhuma marcação específica para uma unidade</p>

	léxica, se considera pertencente ao dicionário padrão e é relativamente neutro quanto às conotações. Ainda assim, pode levar a conotações específicas em determinado contexto.
Indicações sobre a matéria ou especialidade	Em muitas unidades léxicas e acepções de unidades léxicas, é muito útil indicar a especialidade ou material com que está relacionado seu uso. Normalmente se usa para isso uma série de abreviaturas ou símbolos para as matérias mais frequentes. Às vezes, trata-se de distinguir várias acepções de uma só unidade léxica. Dessa forma, em vários materiais, há pluralidade de abreviaturas e símbolos usuais.
Definição	Independentemente do tipo de definição, pode-se afirmar que o melhor tipo é a definição mais acessível e com mais instruções para o usuário, com informações simples e mais claras.

Fonte: Elaborado com base em Haensch (1982, p. 480-503).

Como referido anteriormente, o verbete precisa ser bem construído e estruturado conforme o perfil do usuário e o objetivo da obra, tendo em vista que as informações definem um lema específico, indicando os elementos linguísticos e metalinguísticos que são essenciais para o consulente. Conforme apresentado nos quadros 7 e 8, vimos as possíveis informações que podem constar na microestrutura de um verbete, cada informação trata de um aspecto que assinala uma característica de determinada UL. Por conseguinte, elas são responsáveis por apresentar variantes, indicações gramaticais, etimológicas, cronológicas etc., e costumam ser evidenciadas por meio de abreviaturas no decorrer da definição.

Ao averiguar os tipos de informações que um verbete pode conter, observa-se que elas devem estar organizadas da melhor forma possível para que o consulente as compreenda. Assim, quando um significante léxico pertence a várias categorias gramaticais, Haensch (1982, p. 475) opta por aplicar o sistema decimal. Nesse método, todas as definições de uma palavra-entrada são estruturadas usando números, exemplo: 1., 1.1, 1.2, ..., 2. Outro recurso útil são os símbolos e as abreviações, porque, além de auxiliar no uso, não ocupam muito espaço e têm funções importantes no verbete. Dessa forma, as diversas definições estarão organizadas de maneira clara para o usuário.

Em um verbete lexicográfico estão registradas todas as particularidades de um lema, incluindo as diversas acepções de uma UL, ou seja, “[...] cada um dos sentidos realizados de um significado, aceito e reconhecido pelo uso, que no dicionário aparece verbalizado através da definição lexicográfica” (Humberto Hernández, 1991, p. 132 *apud* Garriga Escribano, 2003,

p. 107, tradução nossa)³³. O verbete pode ser composto por várias acepções e, como mencionado anteriormente, elas são enumeradas.

Em síntese, para uma definição ser melhor compreendida e nítida o bastante para o usuário, o lexicógrafo deve fornecer um dicionário com mais informações, principalmente se estiver se referindo a uma obra lexicográfica escolar. Desse modo, as definições mais claras e simples tornam-se primordiais.

Após discorrermos sobre as informações de um verbete, a sua macroestrutura e microestrutura, na próxima subseção dissertamos a respeito da *Back Matter*, às páginas finais de um dicionário, assim complementamos a estrutura lexicográfica apresentada nas seções anteriores deste trabalho.

2.5.3 Back Matter

Na sequência da macroestrutura do dicionário, encontra-se a *Back Matter* que faz parte da *Outside Matter*, como referido na seção 2.5. Ela é constituída pelas páginas finais de uma obra lexicográfica e, nessa parte, estão inseridas às informações complementares e opcionais para cada obra, ou seja, os apêndices. Rodrigues-Pereira (2020) discorre a respeito dessa etapa:

Back matter, por sua vez, corresponde às partes finais que também variam de um dicionário para outro. Nela, geralmente figuram os apêndices em concordância com as necessidades lexicográficas observadas, ou seja, de acordo com as funções que a obra pretende atender. Em face dessa característica, não apresentamos orientações de registros lexicográficos para essa parte da obra (Rodrigues-Pereira, 2020, p. 145).

Dessa forma, compreendemos que a *Back Matter* é organizada pelos registros adicionais que cada obra necessita, como os apêndices gramaticais (tabelas de verbos, de flexão nominal e verbal, listas de prefixos e sufixos etc.), apêndices de informações gerais (listas de nomes próprios, nomes de lugares, unidades de medida, símbolos etc.), materiais didáticos ou complementares e entre outras informações. Essas necessidades variam de acordo com o público-alvo, as considerações do lexicógrafo e sua equipe sobre o que é importante incluir no dicionário, tudo alinhado com as funções específicas da obra. Portanto, não há características de registros fixos para essa parte do dicionário; pois são determinados pelas necessidades do consulente e pela natureza da própria obra.

³³ “[...] cada uno de los sentidos realizados de un significado, aceptado y reconocido por el uso, que en el diccionario aparece verbalizado por medio de la definición lexicográfica (Humberto Hernández, 1991, p. 132 *apud* Garriga Escribano, 2003, p. 107).

Em síntese, discorremos sobre toda a estrutura lexicográfica e a sua organização. Verificamos que o verbete é constituído por uma Entrada + Enunciado Lexicográfico, no qual o lema é definido nas acepções. Essas acepções devem ser apresentadas de maneira clara e concisa, para a praticidade no momento de consultar a obra. A definição de um lema deve conter todas as suas informações e, entre elas, estão inclusas as marcas de usos, ou seja, os registros de uso de uma UL. Na próxima subseção, abordamos as marcas de uso e suas especificações.

2.6 Marcas de uso

Os dicionários gerais de língua geralmente trazem esse tipo de informação por meio de rótulos, que são denominados *marcas de uso* no português. Elas são responsáveis por assinalar as especificidades de uso de uma palavra, ou seja, quando alguma palavra tem uma ressalva é necessário inteirar o consulente. Por isso a importância de sua inserção nos dicionários. Segundo Porto Dapena (2002), Garriga Escribano (2003), Fajardo (1997), Ettinger (1982), Alkimin (2003) e Welker (2004), as principais marcas de usos são: *diacrônicas*, *diatópicas*, *diafásica*, *diastráticas*, *diatécnicas*. Sobre cada uma dessas marcas, discorremos mais adiante, nas próximas subseções desta seção.

Borba (2003) discorre sobre as marcas de usos (denominada por ele como “rótulos”) nos dicionários “de usos”, porém, essa explicação vale para os dicionários de línguas, uma vez que neles também estão registradas as especificidades da língua:

Num dicionário de usos uma informação importante relaciona-se com a variação tanto espacial, de uma região para outra, como social, no mesmo espaço, mas considerada quanto aos diferentes registros utilizados pelas pessoas nas diferentes situações da vida social. Os dicionários costumam dar este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários (Borba, 2003, p. 315).

As marcas de uso são informações presentes nos dicionários que normalmente trazem registros de particularidades de uso da língua. Esses dados são relacionados à variação da língua no espaço social, que são atribuídos a regiões geográficas, como podemos verificar na marcação diatópica; nas mudanças que ela sofre no tempo, se um uso é antiquado, arcaico, pouco usado etc., como podemos averiguar na marcação diacrônica; nas variações que ocorrem devido ao contexto ou situação de comunicação, exigindo a adaptação da linguagem dependendo do grau de formalidade, como podemos verificar na variação diafásica; nas mudanças que ocorrem devido a fatores sociais, como classe social, idade, gênero etc., conforme podemos averiguar na

marcação diastrática; e, em contextos de uso especializados, como a linguagem da medicina, do direito, ou de quaisquer áreas que necessite do registro da marca diatécnica (MDT).

Os registros de uso, conforme Garriga Escribano (2003, p. 115), são recursos linguísticos utilizados para indicar restrições de uso de uma UL, especialmente quando destinado à codificação. Por esse motivo, elas são indispensáveis em dicionários, uma vez que esse recurso fornece informações específicas que auxilia numa maior compreensão do uso da UL pelo consulente.

As obras lexicográficas fornecem informações que descrevem a língua, e as marcas de uso fazem registros relacionados às especificidades de usos da língua, assim, os dicionários costumam tratar da variação linguística, como menciona Strehler (1998, p. 169), “os dicionários devem lidar com a variação linguística, uns mais, outros menos. [...] as marcas de uso são a ferramenta mais empregada para tratar a variação linguística”.

Ao verificarmos as marcas de uso, observamos que seus registros estabelecem um sistema de marcação, conforme demonstrado no estudo de Fajardo (1997, p. 33-34). Porém, esse esquema costuma não ser objeto de atenção na *Front Matter* como deveria. Alguns lexicógrafos costumam registrar as marcas de uso junto com as demais abreviações que aparecem nos dicionários, não seguem um sistema contínuo gradual que costuma ser disposto da seguinte maneira:

Como um contínuo gradual, onde cada marca possui um espaço, em que arbitrariamente pode-se estabelecer uma série de graus, com um centro e uma periferia. Dependendo da valorização subjetiva de cada lexicógrafo, não é de estranhar que a preferência do familiar e do popular varie, o que explica a pouca precisão dessas marcas (Hausmann, 1991 *apud* Fajardo, 1997, p. 34, tradução nossa)³⁴.

Ao tratar das marcas de uso, Porto Dapena (2002, p. 249-265) estabelece três tipologias de marcação: i) marcas gramaticais (categoria e subcategorias da palavra); ii) marcas de transição semântica (figurado, em particular, por essencial etc.); iii) marcas diassistemáticas [MD]. No quadro 9 a seguir, tratamos dos dois primeiros tipos de marcas apresentados pelo autor, e, na sequência, dissertamos sobre as marcas diassistemáticas, vejamos:

³⁴ “Como un continuo gradual, donde cada marca tiene un espacio, en el que arbitrariamente se pueden establecer una serie de grados, con un centro y una periferia. Dependiendo de la valorización subjetiva de cada lexicógrafo, no es de extrañar que la periferia de lo familiar y lo popular varíe, lo que explica la poca precisión de estas marcas” (Hausmann, 1991 *apud* Fajardo, 1997, p. 34).

Quadro 9 - Marcas gramaticais e marcas de transição semântica.

Marcas	Definição
<p>Marcas gramaticais</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ As marcas gramaticais correspondem, por exemplo, à indicação da categoria ou da subcategoria; ➤ A categoria e a subcategoria, geralmente representadas por um substantivo ou sintagma nominal no caso de lemas nominais, e por um verbo ou sintagma verbal no caso de lemas verbais, e assim sucessivamente; ➤ As marcas gramaticais referentes à categorização não se reduzem, claro, a indicação da mera categoria, mas que expressam também a subcategorização. Isto é, não basta indicar que uma palavra é um verbo ou substantivo; é necessário assinalar a subcategoria, ou seja, seu caráter <i>transitivo, intransitivo, pronominal</i>, se é um verbo, ou <i>masculino, feminino, ambíguo</i> se é um substantivo. E, precisamente, porque a subcategoria implica a categoria, como norma geral.
<p>Marcas de transição semântica</p>	<ul style="list-style-type: none"> ➤ Por marcas de transição semântica entendemos as indicadoras da modificação ou deslocamento semântico que um significado da palavra-entrada pode representar em relação a outro dentro do verbete lexicográfico correspondente. Embora essa modificação pode obedecer, como já sabemos, aos múltiplos fenômenos semânticos (metáfora, metonímia, generalização, etimologia popular etc.), raras vezes os dicionários especificam o fenômeno, reduzindo quase exclusivamente a uma só marca, a de figurado<<fig.>>; ➤ A classificação de <i>figurado</i> abarca, na realidade, os significados consistentes em tropos, especialmente metáforas, que representam talvez o tipo de deslocamento semântico.

Fonte:Elaboração própria com base em Porto Dapena (2002, p. 252-257, tradução nossa)³⁵.

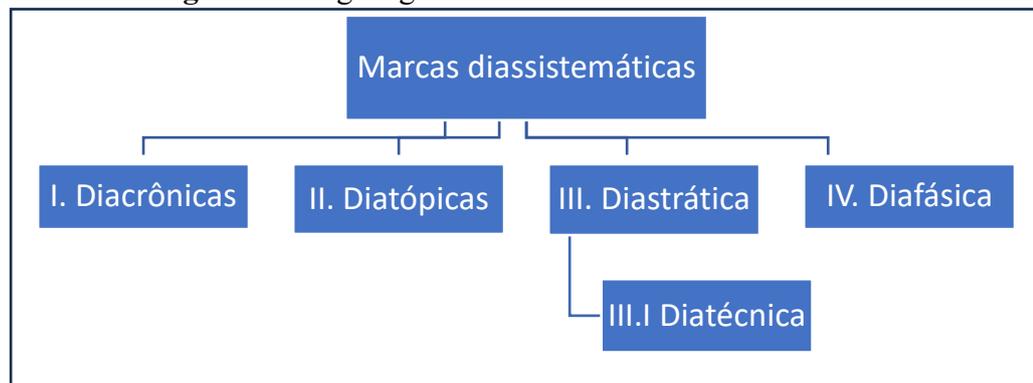
³⁵ “Las **marcas gramaticales** corresponderán, por ejemplo, a la indicación de la categoría o subcategoría;

- Respecto a la indicación de la categoría y subcategoría, es decir, será un sustantivo o sintagma nominal si la palabra que se define es un sustantivo, o un verbo o sintagma verbal si está última es un verbo, y así sucesivamente;
- Las marcas gramaticales referentes a la categorización no se reducen, claro está, a la indicación de la mera categoría, sino que expresan también la subcategorización. Es decir, no basta con indicar que una palabra es verbo o sustantivo; es necesario señalar la subcategoría, esto es, su carácter *transitivo, intransitivo, pronominal* se es un verbo, o *masculino, femenino, ambiguo* si es un sustantivo. Y precisamente porque la subcategoría implica la categoría, como normal general.
- Por **marcas de transición semántica** entendemos las indicadoras de la modificación o desplazamiento semántico que un significado de la palabra-entrada puede suponer en relación con otro dentro del artículo correspondiente. Aunque esa modificación puede obedecer, como es sabido, a múltiples fenómenos semánticos

Considerando as informações registradas no quadro 9, nota-se que as marcas gramaticais são referentes ao registro de categorização de uma UL, ou seja, se uma UL, por exemplo, é um verbo ou um substantivo; e registro de subcategorização, se um lema é *transitivo*, *intransitivo*, *pronominal* ou *masculino*, *feminino* etc., são informações gramaticais que costumam aparecer em verbetes. Por sua vez, as marcas de transição semântica dizem respeito aos indicadores de modificação ou deslocamento semântico que uma UL apresenta que, por sua vez, são referentes aos aspectos semânticos, como a metáfora, metonímia etc., mas, os dicionários não costumam especificar esses fenômenos, eles apenas generalizam pela marca de *fig (figurado)*³⁶.

Sobre as marcas diassistemáticas mencionadas por Porto Dapena (2003), apresentamos o organograma de Bibó e Rodrigues-Pereira (2022), que as organiza da seguinte forma:

Figura 6 – Organograma das Marcas Diassistemáticas



Fonte: Bibó e Rodrigues-Pereira (2022, p. 64).

Por meio do último organograma disposto com a figura 6, notamos que as marcas diassistemáticas incluem quatro tipos e um subtipo de marcação. Essas marcas de uso indicam um uso específico de determinada UL na língua, ou seja, a depender da unidade lexicográfica, há um registro de uma restrição de uso, que pode ser: I) temporal – marca diacrônica; II) espacial – marca diatópica; III) estrato social – marca diastrática; III.I) terminológico – marca diatécnica; e IV) formal – marca diafásica. Cada marca de uso é responsável por evidenciar uma especificidade, como demonstramos nas próximas subseções.

(metáfora, metonímia, generalización, etimología popular, etc.), raras veces los diccionarios especifican el fenómeno, reduciéndose casi exclusivamente a una sola marca, la de <<fig.>>;

➤ La calificación de figurado abarca en realidad los significados consistentes en tropos, sobre todo en metáforas, que representan tal vez el tipo de desplazamiento semántico más frecuente (Porto Dapena, 2002, p. 252-257).

³⁶ Alguns autores que versam sobre o assunto são: Casares (1992), Fajardo (1997), Garriga Escribano (2001), Porto Dapena (2002), Seco (2003) e González Perez (2019).

2.6.1 Marcas temporais (diacrônicas)

As marcas diacrônicas indicam o uso temporal da palavra, ou seja, especifica o grau de uso dessa UL. Segundo Garriga Escribano (2003, p. 116) a marcação diacrônica “trata de indicações que assinalam a vigência do uso de uma palavra, isso é, se é um uso <<antiquado>>, <<desusado>>, <<pouco usado>>, <<obsoleto>>, <<arcaico>> etc.”³⁷. Esse tipo de marca indica o tempo cronológico das UL, assim, a atribuição desse registro costuma ser complexa, visto que é preciso determinar se uma unidade lexicográfica não é mais utilizada, pouco usada, antiquada etc. Bertonha (2022, p. 134), sobre o assunto, esclarece:

A respeito do tempo cronológico, as marcas de uso (conhecidas como marcas diacrônicas) indicam se o sentido da unidade lexicográfica é obsoleto, arcaico, antiquado, desusado, ou mesmo pouco usado, aspecto que se torna uma atribuição muito difícil, pois, para empregá-las, é preciso determinar com precisão quando um item lexical tem seu uso diminuído e, conseqüentemente, deixa de ser usado (Bertonha, 2022, p. 134).

De acordo com Fajardo (1997, p. 37), as marcas diacrônicas são indicações referentes aos lemas que aparecem nos dicionários, classificando os seus sentidos como obsoletos, obsolescentes e/ou novos. Dessa forma, identificam a forma como cada palavra-entrada se situa no tempo, em termos de uso, utilizando as abreviações como *ant.* (antiquado), *desus.* (desusado), *neo.* (neologismo), entre outras.

Considerando as explicações fornecidas pelos autores, observa-se que a marca diacrônica é utilizada para especificar o tempo cronológico de um lema, indicando o grau de uso ao longo do tempo que determinada UL possui. Trata-se de uma marca essencial para que o consulente compreenda que determinada unidade lexicográfica ainda está sendo utilizada ou se é antiquada para ser empregada na atualidade.

2.6.2 Marcas espaciais (diatópicas)

A marca diatópica corresponde ao uso das UL de acordo com o espaço geográfico, ou seja, o lugar em que os falantes as utilizam com maior frequência. Nas obras lexicográficas, o registro dessa marca precede a definição por meio de abreviaturas e pode ser registrada a variação diatópica de um país ou de regiões, tendo em vista que essa marca está relacionada

³⁷ “Generalmente, el vocabulario de una especialidad se nos presenta en forma de terminología, es decir, un conjunto de términos específicos de una técnica, de una ciencia, de un arte o de otra actividad humana” (Garriga Escribano, 2003, p. 116).

com a região geográfica em que determinado lema é empregado, com isso, a depender do lugar, poderá ocorrer uma variação diatópica da unidade lexicográfica.

Borba (2003, p. 317) explica que a variação diatópica é “responsável pelas diferenças entre subcomunidades situadas geograficamente em áreas diversas (é o caso dos dialetos e subdialetos)”. Ou seja, o autor argumenta que essa variação é responsável por especificar as diferenças entre as localidades geográficas. Podemos verificar esse fato no caso dos dialetos, em que há diversas formas para se referir ao mesmo referente, como nas ocorrências de <mandioca>, <aipim> e <macaxeira>; e no caso do subdialeto, que corresponde a formas dialetais muito divergentes da forma original de uma UL.

Para o emprego da marca de uso espaciais, o lexicógrafo tem o desafio de confirmar se o sentido de um lema faz realmente parte de determinada localidade. De acordo com Strehler (1998, p. 174), quando um lema é incluído, o seu nível de restrição não é garantido, uma vez que o grau de fiabilidades das informações sobre o seu uso pode ser questionado, já que o autor de uma obra lexicográfica não possui com precisão a dimensão territorial em que o sentido de uma UL é utilizado. Para o registro desse tipo de marca, a consulta a atlas linguísticos de diferentes domínios é um imperativo.

Ettinger (1982, p. 381, tradução nossa), por sua vez, sobre essas marcas, esclarece que “as diferenças linguísticas mais conhecidas, e até agora também melhor estudadas, são as diferenças no espaço, as que em geral se referem ao conceito de ‘dialeto’, etc., e que nós preferimos chamar ‘diferenças diatópicas’ por uma questão de terminologia uniforme”³⁸.

Como vimos, cada grupo social atribui um sentido específico para uma UL. Pires de Oliveira (1998) pontua que os itens lexicais utilizados por uma comunidade linguística podem ser condicionados tanto pelo espaço físico, quanto por circunstâncias social, econômicas, culturais, étnicas e políticas próprias de determinada comunidade, revelando a estrutura social de um grupo de falantes.

Nota-se que cada grupo social possui características que são evidenciadas nas UL. Nesse sentido, Welker (2004, p. 132) explica que “é preciso diferenciar entre regionalismos em um determinado país e aqueles itens lexicais cujo uso é restrito a um dos vários países nos quais a mesma língua é falada”. Assim, cabe ao lexicógrafo decidir a abrangência do dicionário, definindo se incluirá as marcas diatópicas de diferentes países ou apenas em um, ou de diferentes regiões de um mesmo país.

³⁸ “Las diferencias lingüísticas más conocidas, y hasta ahora también mejor estudiadas, son las diferencias en el espacio, a las que en general se refieren los conceptos de ‘dialectos’, etc., y que nosotros preferimos llamar ‘diferencias diatópicas’ en aras de una terminología uniforme” (Ettinger, 1982, p. 381).

Esse autor apresenta alguns exemplos de dicionários que empregam marcas distintas para indicar o uso em diferentes países, em relação a essa marca. Os grandes dicionários de inglês, costumam abranger as variedades norte-americana e britânica; as obras lexicográficas alemãs informam sobre os usos espaciais na Áustria e na Suíça. Já no caso do Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia de Ciências de Lisboa, que “se destina a todos os países lusófonos”, indicando todos os países lusófonos. Por sua vez, o Dicionário de usos do Português do Brasil (DUP) se limita ao português brasileiro, dessa forma, não apresenta lusitanismos e nem o rótulo *brasileiro* (Welker, 2004, p. 132).

Garriga Escribano (2003, p. 116-117) explica que, nos dicionários da língua espanhola, como há uma grande variedade linguística, a maioria das obras lexicográficas produzidas na Espanha utilizam só o espanhol peninsular, e esses dicionários são os mais utilizados, como verificado no dicionário da Real Academia Espanhola (RAE). Atualmente, o dicionário da RAE utiliza essa marca para delimitar a extensão geográfica do uso de uma UL ou de um sentido, contribuindo para uma melhor compreensão da linguagem hispânica, conforme verificado no site da RAE.

No Brasil é comum os dicionários utilizarem a abreviação *Bras.* – brasileirismo para demarcar qualquer registro espacial da língua. Mattoso Câmara Jr. (1986) esclarece como esse conceito pode ser entendido:

Qualquer fato linguístico peculiar ao português usado no Brasil, em contraste com o fato linguístico correspondentes peculiar ao português usado em Portugal ou lusitanismo. O brasileirismo pode ser – a) regional, quando privativo de uma dada região do Brasil; b) geral, quando se estender por todo o território brasileiro (Mattoso Câmara Jr., 1986, p. 66-67).

Ao discutir sobre regionalismo e brasileirismo, Biderman (2000) afirma que conceituar regionalismo não é uma tarefa fácil. Para a autora:

Não vai ser fácil conceituar regionalismo de modo inequívoco e identificar os regionalismos e sua procedência. Em primeiro lugar porque para classificar um termo como regionalismo estamos admitindo que existe uma variante padrão que os falantes da comunidade em geral aceitam como tal (Biderman, 2000, p. 44-45).

Ao averiguar essas informações, compreende-se que registrar uma UL com a marca de regionalismo é uma tarefa complexa para o lexicógrafo, uma vez que um lema em um único país pode possuir diversos sentidos, a depender da comunidade linguística. Por isso, as obras lexicográficas costumam optar por lemas que possuem alguma especificidade com a marca de

Bras., visto que essa abreviação abarca todo o território brasileiro. Mas esse fato costuma ocorrer quando o dicionário parte do léxico usado em Portugal, se o dicionário parte do português brasileiro, como o do Borba, essa marca se torna necessário.

2.6.3 Marcas formais (diafásica)

A marca diafásica costuma demarcar o registro formal, informal etc., a depender do uso contextual da UL. As marcas diafásicas costumam ser entendidas como “as diferenças entre os tipos de modalidade expressiva, segundo as circunstâncias da fala (falante, ouvinte, situação ou ocasião da fala e assunto do que se fala)”³⁹ Coseriu (1981, p. 12). Observa-se que elas são referentes ao uso situacional da língua, aos diferentes contextos em que o falante está inserido, quando se comunica de acordo com o contexto em questão.

De acordo com Ettiger (1982, p. 385, tradução nossa) “os estilos linguísticos de uma língua, que usam de acordo com determinadas situações linguísticas, como a linguagem familiar, ‘cultura’ etc”. Assim, essa marcação permite que o falante expresse distintos usos da língua, em razão das circunstâncias em que apresentam durante a interação verbal.

As marcas diafásicas costumam ser representadas da seguinte forma: <<fam.>> (familiar), <<formal>>, <<inf.>> (informal), entre outras. Essas marcas indicam restrições de uso em relação ao nível da língua, à intenção de uso, sendo equivalente ao contexto social em que o indivíduo se encontra. Por exemplo, UL como “prezado”, “corroborar”, “prescindir” etc., são frequentemente utilizadas em contextos formais e, normalmente, são acompanhadas de uma marca diafásica em dicionários.

O registro diafásico se refere às escolhas linguísticas individuais, ou seja, a depender da circunstância em que se encontra, o indivíduo adapta sua linguagem de acordo com o contexto. Ao se expressar, procura em seu léxico mental uma UL que possui o sentido que ele deseja destacar naquele contexto, tendo em vista que a “língua varia não só conforme as características sociais do falante, mas também segundo o contexto social e interacional em que ele se encontra” (Bagno, 2017, p. 83).

2.6.4 Marcas de estrato social (diastrática)

Ao tratar das marcas diastrática, é preciso ter cautela, pois surgem dúvidas a respeito das marcas diafásicas e diastráticas, por causa dos sentidos que algumas UL possuem, ou seja.

³⁹ “diferencias entre los tipos de modalidad expresiva, según las circunstancias constantes del hablar (hablante, oyente, situación u ocasión de hablar y asunto de que se habla)” (Coseriu, 1981, p. 12).

algumas UL possuem sentidos que podem gerar dúvidas nos consulentes, pois as definições podem ser relacionadas tanto com a marca diafásica quanto com a diastráticas, como no caso de vulgar e pejorativo. Nesta subsecção, tratamos sobre a marca diastrática que costuma ser compreendida pelo estrato social. Segundo Borba (2003, p. 317), essa marcação é “decorrente das diferenças entre os subgrupos de uma mesma comunidade devido à estratificação social, à faixa etária, ao sexo, à ocupação profissional etc”. Observa-se que essa marcação é influenciada pelo estrato social, ou seja, a idade do indivíduo, o sexo, o trabalho etc., são aspectos decorrentes do uso da língua condicionado por fatores sociais.

À vista disso, Alkimin (2003, p. 35) enumera os fatores necessários que motivam esse tipo de marcação, são eles: a) classe social; b) idade; c) sexo; d) situação ou contexto social. O primeiro fator, a classe social, influencia o uso linguístico, resultando em variações linguísticas específicas de cada nível social, como a escolha de vocabulário, a pronúncia e a construção de frases, podendo ocorrer de maneira mais formal ou informal; a idade apresenta outro fator de diferenças, visto que um falante com idade avançada tende a utilizar um vocabulário que pode ser considerado antigo em comparação ao mais atual em uso entre jovens; as diferenças na seleção vocabular entre homens e mulheres, nas raras vezes, são perceptíveis nos casos de: uso de diminutivos – as mulheres tendem utilizar mais em suas falas, uso de expressões ou gírias que podem variar entre homens e mulheres etc.; e o contexto social contribui de forma especial para a variação, tendo em vista que abrange formação, família, profissão, entre outros.

Quanto às marcas diafásica e diastrática, Garriga Escribano (2003, p. 117-118) as classifica em um único bloco, pelo motivo de que indicam as restrições de uso referentes ao estilo, ao nível da língua, à intenção etc. O autor também, citando Haensch (1982, p. 493), destaca a dificuldade de classificar essas duas marcas seguindo critérios rigorosos, embora elas sejam práticas à medida que indicam ao usuário o tipo de contexto e a situação comunicativa em que são utilizadas. Consideramos que a marca diafásica se relaciona ao uso situacional, isto é, ao contexto em que o indivíduo está inserido, enquanto a marca diastrática está relacionada aos fatores linguísticos na sociedade, aos diversos fatores mencionados anteriormente. Contudo, vimos que cada uma dessas marcações possui suas características e particularidades.

Por sua vez, Borba (2003) as concentra em uma só, como podemos verificar:

A diastrática e a diafásica se encontram em uma só – a diastrática – já que é a estratificação social, a faixa etária, o sexo etc. que norteiam a escolha de estilos ou registros. E a diafásica focaliza a dimensão do falante, caracterizada pelas diferenças de fala relacionadas com a estratificação social; a dimensão do ouvinte que, abrangendo sua identidade social, implica de tratamento e procura de adaptação; a dimensão contextual que compreende todos os

elementos possivelmente relevantes no ambiente de comunicação, em paralelo às identidades dos indivíduos (Borba, 2003, p. 317).

Conforme averiguado por meio do levantamento teórico, verificamos que às marcas diastrática e a diafásica se relacionam ao indicarem restrições de uso de nível social, contextual etc., por isso, podem ocorrer algumas dúvidas ao utilizar essas marcas. Para amenizar essas dúvidas, ressaltamos alguns pontos sobre essas marcas.

A marca diafásica se refere à escolha “formal” ou “informal” utilizada na língua, ou seja, toda situação comunicativa em que sugira o uso “formal”, “informal”, “familiar”, “culto” etc. Essa escolha pode ser exemplificada por meio de abreviaturas como: <cult.> (culto); <coloq.> (coloquial); <formal> (formal); <inf.> (informal); <vulg.> (vulgar); <pej.> (pejorativo). As abreviaturas *vulg.* e *pej.* podem ocorrer tanto na marca diafásica quanto na diastrática, tudo vai depender da expressão utilizada. Por sua vez, a marca diastrática se refere a toda expressão, de acordo com a situação comunicativa, que pode ser considerada de baixo prestígio ou pelo contrário, como as expressões que se revelam de maior prestígio social, em conformidade com a situação comunicativa. Por isso, nessa marca temos os chulismos (expressões grosseira ou obscenas) e as demais abreviaturas: <vulg.> (vulgar); <pej.> (pejorativo); <iron.> (ironia); <euf.> (eufemismo); <gír.> (gíria) etc.

Pelo exposto, verificamos que as marcas diastráticas e diafásica exigem conhecimento especializado por parte dos lexicógrafos. A MDT, por sua vez, é responsável por registrar UL específicas de uma área da ciência ou técnica, razão pela qual a discussão desse tipo de marcação é aprofundada na próxima subseção.

2.6.5 Marcas diatécnicas

As marcas diatécnicas (MDT), objeto de estudo desta dissertação, estão relacionadas às áreas técnicas e científicas em que determinadas UL são utilizadas. Trata-se do registro terminológico em obras lexicográficas.

Elas costumam ser denominadas como marcas terminológicas ou marcas técnicas, são responsáveis por englobar as UL técnicas e das ciências, de forma que podemos incluir a linguagem de advogados, médicos, linguistas, biólogos e quaisquer áreas que abranjam contextos especializados. Essa categoria tem como objetivo indicar se determinada UL é utilizada em uma área específica do conhecimento.

Porto Dapena (2002, p. 263) conceitua a MDT como parte das marcas diastráticas, referindo-se a elas como “marcas técnicas”. Por sua vez, Ettinger (1982, p. 389) considera essa

marca como um grupo a parte, considerando que esse tipo de registro vem adquirindo uma relevância a cada dia, com o surgimento de novos termos e o desenvolvimento contínuo de trabalhos científicos na área. Assim, a marca técnica vem ganhando destaque e importância progressivamente.

Os termos desse tipo de registro não podem ser considerados unidades diferentes das lexicais, pois são UL que adquirem um acréscimo de especificidade por seu uso em contextos especializados. Krieger, Santiago e Cabré (2013) ponderam que “[...] os termos não são unidades diferentes das unidades do léxico, e sim unidades do léxico que adquirem características específicas em seu uso discursivo” (Krieger; Santiago; Cabré, 2013, p. 331, tradução nossa)⁴⁰. Observamos que essa marcação recebe uma característica própria e, dessa forma, ativa um modo de sentido que faz parte de um contexto sociocomunicativo particular, ou seja, os contextos especializados.

No geral, o objetivo de uma marca técnica é destacar o léxico de uma especialidade, como destaca Haensch (1982, p. 527, tradução nossa): “Geralmente, o vocabulário de uma especialidade se apresenta em forma de terminologia, ou seja, um conjunto de termos específicos de uma técnica, de uma ciência, de uma arte ou outra atividade humana”⁴¹. Esse tipo de marca se insere na terminologia, uma vez que seu foco é voltado para os termos, porém com um caráter técnico em relação ao fazer lexicográfico, ou seja, ao uso das MDT nas obras.

No que lhe diz respeito, Garriga Escribano (2003, p. 118, tradução nossa) conceitualiza as MDT, que também podem ser denominadas *tecnicismos*, da seguinte maneira: “O léxico das ciências e das técnicas costuma aparecer acompanhado de uma marca que informa sua pertença a um tecnoleto. Essas palavras são chamadas de *tecnicismo*, e sua presença no léxico geral é cada vez maior devido à grande importância da ciência e de sua divulgação”⁴².

Nota-se que, alguns dicionários gerais não informam ao consulente que determinada UL se refere a um termo de uma área específica. Ao tratar sobre o assunto, Fajardo (1997, p. 44) pondera que “[...] encontramos marcas de caráter geral como *Tecn.* (tecnicismo) ou *cient.*

⁴⁰ “[...] los términos no son unidades distintas a las unidades del léxico, sino unidades del léxico que adquieren características específicas en su uso discursivo” (Krieger; Santiago; Cabré, 2013, p. 331).

⁴¹ “Generalmente, el vocabulario de una especialidad se nos presenta en forma de terminología, es decir, un conjunto de términos específicos de una técnica, de una ciencia, de un arte o de otra actividad humana” (Haensch, 1982, p. 527).

⁴² “El léxico propio de las ciencias y de las técnicas suele aparecer acompañado de una marca que informa de su pertenencia a un tecnoleto. A estas palabras se las llamadas tecnicismos, y su presencia en el léxico general es cada vez mayor debido a la gran importancia de la ciencia y de su divulgación” (Garriga Escribano, 2003, p. 118).

(científico), mas em nenhuma parte explica quando se utilizam e quando substituem pelas correspondentes técnicas ou ciências específicas”⁴³.

Pelo exposto do autor, percebe-se a importância de uma obra lexicográfica fornecer, em seu guia de uso, informações sobre como aparecem os registros das MDT na obra. Isso permite que o consulente consiga compreender de qual área do conhecimento o termo é utilizado, quando a marca aparece no verbete. Por esse motivo, pesquisas voltadas para essa temática são fundamentais para compreender se dá o tratamento lexicográfico das MDT em obras lexicográficas.

A falta de especificação da área do conhecimento de UL em uma obra, citado por Fajardo (1997), é uma das fragilidades encontradas em dicionários e denominadas por Carevic´ (2018, p. 13, tradução nossa) como “[...] problemas exteriores das marcas técnicas”⁴⁴. A autora afirma também que um desses problemas é constituído pela falta de normalização nos dicionários. Em um mesmo dicionário, podem aparecer marcas técnicas principais com suas marcas hierarquizadas e simples, sem graus de hierarquização, assim, é possível encontrar uma categoria da Matemática, incluindo álgebra, geometria etc., mas, no caso do esporte, as demais categorias que incluem essa marca técnica não são apresentadas.

Sobre essas marcas, Haensch (1982) apresenta dois pontos a respeito da marca terminológica, são eles:

- a) O elemento mais importante, embora não o único, da língua de especialidade, é o vocabulário com a correspondente fraseologia. Ele permite também até um certo ponto delimitar a língua de especialidade frente a língua geral ou comum, apesar de advertir que existe uma zona de transição cada vez mais ampla entre o vocabulário geral e o dos tecnoletos.
- b) Além do vocabulário, o tecnoleto se caracteriza também por uma série de outros elementos, especialmente sintáticos e estilísticos. De importância especial para a lexicografia é o fato de existirem inclusive palavras gramaticais específicas em certos tecnoletos ⁴⁵ (Haensch, 1982, p. 527, tradução nossa).

⁴³ “[...] Encontramos marcas de carácter general como *Tecn.* (tecnicismo) o *cient.* (científico) pero em ninguna parte se explica cuándo se usan y cuándo se sustituyen por las correspondientes a técnicas o ciencias concretas” (Fajardo, 1997, p. 44).

⁴⁴ “[...] problemas exteriores de las marcas técnicas” (Carevic´, 2018, p. 13).

⁴⁵ “a) El elemento más importante, aunque no el único, de la lengua de especialidad, es el vocabulario con la correspondiente fraseología. Éste permite también hasta cierto punto delimitar la lengua de especialidad frente a la lengua general o común, aunque hay que advertir una zona de transición cada vez más amplia entre el vocabulario general y el de los tecnoletos.

b) A pesar del vocabulario, el tecnoleto se caracteriza también por una serie de otros elementos, especialmente sintáticos y estilísticos. De importancia especial para la lexicografía es el hecho de que incluso hay palabras gramaticales específicas en determinados tecnoletos (Haensch, 1982, p. 527).

Vemos que um dos pontos mais importantes na língua de especialidade é incluir exemplos para indicar os usos especializados de um lema permitindo que o termo seja melhor compreendido e que o dicionário se torne uma obra que contemple as diferentes variações. Observamos, também, que um termo pode abranger as informações sintáticas e estilísticas, caso seja necessário.

Para sintetizarmos as marcas de uso apresentadas nesta seção, no quadro 11 apresentamos dados comparativo que explicita as características das marcas diacrônica, diatópica, diafásica, diastrática e diatécnicas. Vejamos:

Quadro 10 - Características das marcas diacrônica, diatópica, diastrática, diatécnica e diafásica

Marcas	Características	Exemplos	Abreviaturas
Diacrônica	Toda expressão que indica o uso temporal da UL, ou seja, indica o tempo cronológico das UL.	Antiquado, desusado, obsoleto, arcaico etc.	<ant.> (antiquado); <des.> (desusado); <obs.> (obsoleto); <arc.> (arcaico) etc.
Diatópica	Toda expressão que denote ser de uma localidade específica.	Argentina, Brasil, Bolívia, Colômbia, Paraguai etc.	<Arg.> (Argentina); (Brasil); <Bol.> (Bolívia); <Col.> (Colômbia); <Par.> (Paraguai).
Diastrática	Toda expressão que represente as variáveis inerentes aos distintos grupos sociais.	Classe social, idade, sexo, contexto social de um grupo não especializado etc.	<vulg.> (vulgar); <pej.> (pejorativo); <iron.> (ironia); <euf.> (eufemismo); <gír.> (gíria) etc.
Diatécnica	Toda expressão que denote ser a lexia de contexto especializado, ou seja, pertencente a uma área especializada.	Literatura, medicina, botânica, geografia etc.	<poét.> (poético); <lit.> (literário); <med.> (medicina); <bot.> (botânica) <geo.> (geografia) etc.
Diafásica	Toda expressão que sugira uso formal ou informal da língua, independente do contexto.	Culto, coloquial, popular, familiar, formal, informal etc.	<cult.> (culto); <coloq.> (coloquial); <fam.> (familiar); <formal> (formal); <inf.> (informal) etc.

Fonte: Bibó e Rodrigues-Pereira (2022, p. 67) com acréscimos nosso.

Portanto, por ora concluimos que as marcações diatécnicas são usadas para indicar a área de conhecimento a que pertence determinada UL. Assim, a marca terminológica é responsável por registrar quando um lema faz parte de um campo do conhecimento, auxiliando o consulente a identificar o âmbito científico ou técnico da UL.

2.6.6 Marcação dupla

Conforme verificado nas subseções anteriores, algumas UL dispõem de sentidos que podem apresentar dúvidas nos alunos, pois as definições podem ser associadas, por exemplo, com a marca diafásica e a diastrática, mas podem ocorrer também com as demais marcas, especialmente com a MDT. Por isso, a definição de cada marca de uso deve estar definida na *Front Matter* das obras lexicográficas. Ao averiguar esse cenário, Bertonha (2022) propôs a sistematização da marcação dupla em dicionários do Tipo 2,3 e 4 do PNLD 2012.

Bertonha (2022) insere à marcação dupla nos lemas que possui mais de uma especificidade. Essa abordagem consiste em uma marca **1** de um sentido geral (contexto mais abrangente) e uma marca **2** para um sentido particular (âmbito singular). Dessa forma, o consulente pode verificar tanto o âmbito geral quanto o específico de determinado lema. Podemos verificar o modelo de verbete apresentado pelo autor no quadro 12:

Quadro 11 – Modelo de verbete da marcação dupla

entrada categoria gramatical. ícone para alertar <marca 1 marca 2>. Definição. *Exemplo dessa acepção em contexto*

Fonte: Bertonha (2022, p. 243)

O modelo de verbete exposto no quadro 12 consiste em apresentar as seguintes informações: após a entrada e a categoria gramatical, temos a ícone para alertar caso haja alguma ressalva a ser advertida ao usuário, e deve ser associada a duas marcas de uso – marca 1 e marca 2. Em seguida, vem a definição do lema e, por último, o exemplo dessa acepção em contexto. Verifica-se que o exemplo de modelo de verbete não é algo muito extenso, visto que a etapa de ensino pede algo breve, simples e objetivo. Podemos averiguar a exemplificação desse verbete por meio do quadro 13.

Quadro 12 – Exemplo de verbete com marcação dupla

impeachment s. masc.  <estrangeirismo/política> Impedimento de continuar governando. Fernando Collos de Melo foi o primeiro presidente brasileiro que sofreu *impeachment*. Obs.: palavra inglesa incorporada à língua portuguesa e pronunciada *impíchement*.

Fonte: Bertonha (2022, p. 251)

Em concordância com o quadro 13, vimos que o autor fez a inserção do sinal de alerta e da marcação dupla. O sinal de alerta é para o usuário perceber que há informações no verbete

que precisa ser alertado, a saber: (i) o lema é considerado estrangeirismo, uma vez que é disseminado no território brasileiro por uma escolha lexical realizada pelos falantes da língua; (ii) a UL também obtém um sentido da área de especialidade, com a MDT *política*, visto que na área da política esse termo é utilizado.

Conforme apresentado nesta subseção, o autor Bertonha (2022) aplica a marcação dupla nos lemas que pedem uma dupla marca de uso. Para esta pesquisa, na proposta de parâmetros lexicográficos na seção 5, nós utilizamos essa abordagem de uma outra forma, focalizando apenas na MDT, que é o objeto deste trabalho. Dessa forma, ajustamos esse tipo de marcação para que às MDT, dos respectivos termos, sejam demarcados da melhor forma, pensando sempre na abrangência das áreas e em suas interdisciplinaridades.

2.6.6.1 Marcação de interdisciplinaridade, dupla e tripla.

Para nossa proposta de parâmetros, que trata sobre a marcação de interdisciplinaridade, dupla e tripla, embasamo-nos em Coseriu (1967, p. 309), que discorre sobre o entorno. Para o autor “os entornos orientam todo o discurso e lhe dão sentido, podendo até determinar o nível das afirmações”⁴⁶. O entorno fornece pistas que são necessárias para poder definir qual o sentido da UL que o emissor utilizou e, por meio dele, o receptor consegue compreender a mensagem que o emissor quis passar. Isso ocorre pelo motivo de a UL possuir diversos tipos de definições, a depender daquele lema em uso, ou seja, em seu entorno.

Por conseguinte, o autor distingue os tipos de entornos e os agrupam em quatro tipo: situação, região, contexto e universo de discurso. Vejamos as diferenças entre eles:

Quadro 13 – Tipos de entorno

Tipos de entornos	Características
I. Situação	<i>Situação</i> é algo muito mais limitado e menos ambíguo do que normalmente se entende, ou seja, apenas as circunstâncias e relações espaço-temporais que são automaticamente criadas pelo próprio fato de alguém falar (com alguém e sobre algo) em um ponto de espaço e em um momento do tempo; aquele pelo qual há aqui e ali, isto e aquilo, agora e então, e pelo qual um indivíduo é eu e os outros são você, ele etc. a situação é, portanto, o “espaço-tempo” do discurso, na medida em que é criado pelo próprio discurso e ordenado em relação ao seu sujeito.
	Chamamos <i>região</i> o espaço dentro de cujos limites um signo funciona em determinados sistemas de significação. Tal espaço está delimitado,

⁴⁶ “los entornos orientan todo discurso y le dan sentido, y hasta pueden determinar el nivel de verdad de los enunciados”.

II. Região	<p>em um sentido, pela tradição linguística e, em outro sentido, pela experiência acerca das realidades significadas. Pode-se distinguir três tipos de região: <i>zona</i>, <i>âmbito</i> e <i>ambiente</i>. Vejamos as especificidades de cada uma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • A <i>zona</i> é a região em que se conhece e emprega corretamente um signo; seus limites dependem da tradição linguística; • O <i>âmbito</i> é a região em que o objeto é conhecido como elemento do horizonte vital dos falantes ou o domínio orgânico da experiência ou da cultura, e seus limites não são linguísticos; • O <i>ambiente</i> é uma região estabelecida social ou culturalmente: a família, a escola, as comunidades profissionais etc.
III. Contexto	<p>O contexto de fala se constitui por toda a realidade que envolve um signo, um ato verbal ou um discurso, como presença física, como saber dos interlocutores e como atividade. Podem distinguir três tipos de contexto: o <i>contexto idiomático</i>, o <i>verbal</i> e o <i>extraverbal</i>. Observemos as características de cada uma:</p> <ul style="list-style-type: none"> • O <i>contexto idiomático</i> é a própria língua como contexto, como “fundo” da fala. Uma parte da língua, mas esta parte tem significado na relação com toda a língua, com todo o saber idiomático dos falantes. • O <i>contexto verbal</i> é o discurso mesmo enquanto “entorno” de cada uma de suas partes. Para cada signo e para cada porção de um discurso (que pode ser diálogo), constitui “contexto verbal” não só o que foi dito antes, mas também o que será dito depois, no mesmo discurso. O contexto verbal pode ser negativo ou positivo: constitui contexto tanto aquilo que efetivamente se diz, como aquilo que deixa de dizer. • O <i>contexto extraverbal</i> está constituído por todas as circunstâncias não linguísticas que se percebem diretamente ou são concebidas pelos falantes.
IV. Universo de discurso	<p>Por universo de discurso entendemos o sistema universal de significações ao qual pertence a um discurso (ou um anunciado) e que determina sua validade e seu sentido. A literatura, a mitologia, as ciências, a matemática, o universo empírico, enquanto “temas” ou “mundo de referências” da fala, constituem “universos de discurso”.</p>

Fonte: Coseriu (1967, p. 310-318)⁴⁷

⁴⁷I. Por *situación* conviene entender algo mucho más limitado y menos ambiguo de lo que comúnmente se entiende, o sea, sólo las circunstancias y relaciones espaciotemporales que se crean automáticamente por el hecho mismo de que alguien habla (con alguien y acerca de algo) en un punto del espacio y en un momento del tiempo; aquello por lo cual se da el aquí y el allá, el esto y el aquello, el ahora y el entonces, y por lo que un individuo es yo y otros son tú, él, etc. La situación es, pues, el “espacio-tiempo” del discurso, en cuanto creado por el discurso mismo y ordenado con respecto a su sujeto.

II. Llamamos región el espacio dentro de cuyos límites un signo funciona en determinados sistemas de significación. Tal espacio está delimitado, en un sentido, por la tradición lingüística y, en otro sentido, por la experiencia acerca de las realidades significadas.

- La zona es la “región” en la que se conoce y se emplea corrientemente signo;
- El ámbito es la “región” en la que el objeto se conoce como elemento del horizonte vital de los hablantes o de un dominio orgánico de la experiencia o de la cultura, y sus límites no son lingüísticos;
- El ambiente es una “región establecida social o culturalmente: la familia, la escuela, las comunidades profesionales.

Ao averiguar os tipos de entorno, nota-se que o contexto é o mais próximo da nossa proposta, visto que ele deixa em evidência que o contexto de fala se constitui pelo discurso propriamente dito, ou seja, pelo emissor e interlocutor, o ato verbal etc. À vista disso, entende-se que, ao considerar o contexto uma UL, ela pode ter um determinado sentido, como pontua Porto Dapena (2002, 201) “entendemos por entorno ou contexto as circunstâncias que rodeiam a utilização de uma UL e determinam seu sentido concreto”⁴⁸.

Considerar entorno e o contexto é importante para o registro das marcas de uso, já que por meio deles podemos descobrir qual é a área e o sentido especializado que o termo necessita. Como ressaltado anteriormente, as marcas de uso têm a função de empregar determinada especificidade a um lema, podendo ser uma grafia variante, uma pronúncia ou uma forma inflexível, uma região geográfica específica, um domínio particular de uma área, um certo nível de estilo ou registro social. São muitas especificidades que as marcas podem estabelecer a uma UL. No entanto, essa informação não recebe o tratamento lexicográfico adequado nos verbetes, conforme ressalta Bertonha (2023, p. 28) “o que se observa é que a diversidade das informações fornecidas nos verbetes que merecem algum tipo de ressalva coincide com a falta de tratamento adequado do assunto tanto na lexicografia teórica como na prática”.

Em alguns dicionários, o tratamento das marcas não é adequado, ou seja, na *Front Matter* não há explicações das marcas, ou quando há estão todas listadas juntas; nos verbetes, às vezes, não tem a presença de determinada marca que o lema necessita etc., são informações que as obras lexicográficas precisam trazer, principalmente as obras que são destinadas às escolas e que devem ser vistas como material didático.

III. Constituye contexto del hablar toda la realidad que rodea un signo, un acto verbal o un discurso, como presencia física, como saber de los interlocutores y como actividad. Pueden distinguirse tres tipos de contexto: el contexto idiomático, el verbal y el extraverbal.

- El *contexto idiomático* es la lengua misma como contexto, como “fondo” del hablar. En lo hablado se manifiesta concretamente una parte de la lengua, pero esta parte significa en relación con toda la lengua, con todo el saber idiomático de los hablantes.
- El *contexto verbal* es el discurso mismo en cuanto “entorno” de cada una de sus partes. Para cada signo y para cada porción de un discurso (que puede ser diálogo), constituye “contexto verbal” no sólo lo dicho antes, sino también lo dicho después, en el mismo discurso. Desde otro punto de vista, el contexto verbal puede ser positivo o negativo: constituye contexto tanto aquello que efectivamente se dice, como aquello que se deja de decir.
- El *contexto extraverbal* está constituido por todas las circunstancias no lingüísticas que se perciben directamente o son conocidas por los hablantes.

IV. Por *universo de discurso* entendemos el sistema universal de significaciones al que pertenece un discurso (o un enunciado) y que determina su validez y su sentido. La literatura, la mitología, las ciencias, la matemática, el universo empírico, en cuanto “temas” o “mundos de referencias” del hablar, constituyen “universos de discurso”.

⁴⁸ “Entendemos por contexto o entorno las circunstancias que rodean a la utilización de un vocablo y determinan su sentido concreto”.

Conforme verificado, as marcas são utilizadas para destacar um sentido particular utilizado em um âmbito específicos. À vista disso, Cinotti (2006, p. 185, tradução nossa) esclarece que “as marcas lexicográficas, além de fornecer informação gramatical sobre a natureza de um determinado tipo de palavra, têm a função privilegiada e fundamental de poder definir melhor o significado ou o alcance do uso de palavras e significados”⁴⁹. Além de auxiliar na rotulagem das especificações dos lemas, elas também contribuem na compreensão do sentido de uma UL.

Nota-se que a rotulagem das marcas é necessária e é um trabalho que requer maior atenção dos lexicógrafos, uma vez que requer atenção no sentido que uma UL apresenta. Borba (2003, p. 135) pontua que “os dicionários costumam incluir este tipo de informação por um conjunto de rótulos, tarefa complicada e feita de forma irregular em nossos dicionários”. Por conta disso, os consulentes podem ter dúvidas por não compreender o emprego das marcas ou por não as conhecer.

Considerando essas informações, na seção 5 apresentamos uma proposta de registro das MDT, com a inserção da marcação de interdisciplinaridade, dupla e tripla. Almejamos que a proposta auxilie e facilite a compreensão dos consulentes no entendimento desse registro. Por dessarte, na próxima seção, apresentamos o procedimento metodológico desta pesquisa, detalhando os critérios de análise dicionários, da Front Matter, de seleção das áreas e de análise dos termos.

⁴⁹ “Le marche lessicografiche, oltre a fornire informazioni grammaticali circa la natura di un certo tipo di parola, hanno la funzione privilegiata e fondamentale di poter meglio definire il significato o l’ambito d’uso di parole ed accezioni”.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, focalizamos os procedimentos metodológicos adotado no âmbito desta pesquisa. Levando em consideração os objetivos estabelecidos para esta dissertação, os princípios teóricos e metodológicos da Lexicografia Geral e da LEXPED, e tendo como eixo norteador o registro de MDT em dicionários pedagógicos, informamos e discutimos nas subseções seguintes sobre:

- ❖ os dicionários analisados;
- ❖ as áreas escolhidas;
- ❖ os critérios estabelecidos para a escolha dessas áreas;
- ❖ os critérios para as escolhas dos termos diátecnicos;
- ❖ a análise dos dados.

3.1 Critérios para a escolha das obras analisadas

Para a escolha das obras analisadas, consideramos os seguintes critérios:

- I. Dicionários do tipo 4 do PNLD de 2011, considerando que os alunos que fazem parte dessa faixa etária de ensino têm disciplinas de caráter técnico e se deparam com UL terminológicas.
- II. A presença de, pelo menos, um dos termos selecionados para cada disciplina nos dicionários.

Considerando esses critérios, escolhemos para a análise as seguintes obras lexicográficas:

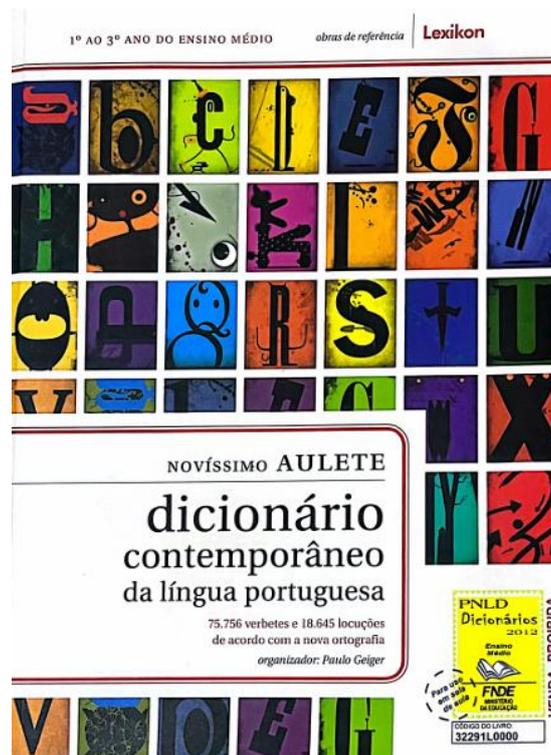
- Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa – Caldas Aulete (2011) – 1ª edição.
- Dicionário Houaiss Conciso – Houaiss (2011) - 1ª edição.
- Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara (2011) - 1ª edição.

A seguir, apresentamos cada obra, incluindo as figuras das capas; o número de verbetes que compõem a obra; o público-alvo a que são destinadas; os organizadores responsáveis pelas obras, além de quaisquer informações complementares, fornecidas na *Front Matter*, que possam ajudar a compreender cada dicionário.

O dicionário novíssimo Aulete – Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa (AUL), edição de 2011, foi organizado pelo autor Paulo Geiger. Essa obra dispõe de uma gramática básica escrita por José Carlos Santos de Azevedo e segue a atualização disposta na 5ª edição do *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa* (VOLP), acompanhando o Arco Ortográfico de 1990, organizado pela Academia Brasileira de Letras (ABL). Dessa forma, a

obra conta com mais de 95 mil significados, que geram, aproximadamente, 200 mil acepções, que auxiliam o estudante na busca de todas as possíveis acepções registradas para as palavras-entrada. Esse dicionário é caracterizado pela seguinte capa:

Figura 7- Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa



Fonte: Aulete (2011).

Essa obra é composta com mais de 75.000 verbetes, 18.645 locuções e é organizada em três blocos de verbetes:

- I. Os ‘originais’ (os verbetes que constavam na última edição do Caldas Aulete brasileiro, tal como lá figuram);
- II. Os ‘atualizados’ (verbetes que foram reescritos e reestruturados segundo novo modelo de organização e apresentação de dados, e de novo redigidos, atualizados e aplicados, ou seja, acrescidos de novas acepções decorrentes da evolução tanto da língua quanto de todos os setores da vida e do conhecimento);
- III. E os ‘novos’ (contemplando vocábulos que não existiam no Aulete original, e que desde então foram e continuam sendo incorporados à língua portuguesa em seu crescimento e sua evolução) (Aulete, 2011, p. 07).

Observa-se que a obra de 2011 está composta por três blocos, os verbetes ‘atualizados’ chegam a cerca de 65 mil, e os ‘originais’, que foram acrescentados aos itens lexicais ‘novos’, são aproximadamente 10 mil. A partir dos verbetes ‘originais’, o organizador da obra

‘atualizou’ os verbetes reformulando e adaptando as definições, com um tratamento lexicográfico moderno. Também com base nos verbetes ‘originais’, foram acrescentados os ‘novos’, evidenciando as novas formas linguísticas com seus conceitos. Além das informações apresentadas, a obra conta com as novas áreas de interesses e terminologias de áreas técnicas, científicas e tecnológicas.

Em suas páginas iniciais, encontram-se diversas explicações a respeito da obra. Primeiramente, destaca-se a proposta lexicográfica, que tem como público alvo alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, universitários e profissionais, e a proposta de que o consulente tenha um bom aproveitamento na aprendizagem de língua portuguesa e princípios organizacionais, nos quais estão registradas às elucidações gramaticais, semânticas, enciclopédicas, estruturais e complementares; em seguida, verifica-se um breve guia para o estudante, esclarecendo cada parte do verbete; e, por fim, todas as abreviações utilizadas no dicionário.

Observa-se, a seguir, algumas das informações presentes no dicionário:

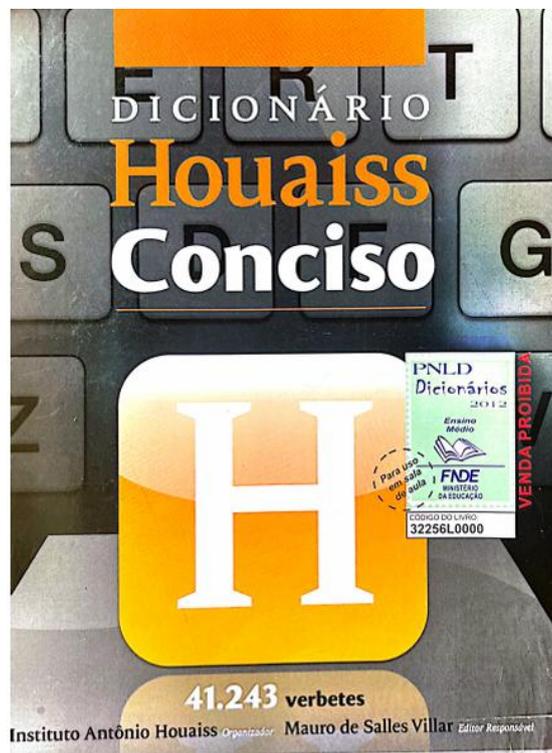
- entradas de verbetes em tipo diferenciado e em cor, para facilitar a localização e a consulta;
- separação silábica logo após a entrada;
- indicação de ortoépia⁵⁰;
- acepções numeradas;
- indicação de classe gramatical;
- antônimos, homônimos e parônimos;
- flexões gramaticais irregulares (plurais, mudança de ortoépia no feminino e/ou plural, superlativos absolutos sintéticos, aumentativos e diminutivos);
- enunciados de definição descritivos e analíticos sempre que possível, em linguagem clara e acessível, empregando palavras e termos que constituem entradas;
- indicação de regionalismos, níveis de uso e MDT;
- exemplos de uso e abonações, com indicação de autor e obra;
- indicação de estrangeirismo, de elementos de composição e de símbolos e siglas com um sinal especial para cada caso, antes da entrada;
- informação de etimologia;
- achegas enciclopédicas.

⁵⁰ A indicação “ortoépia” serve para estabelecer as regras de pronúncias de cada UL, informar as vogais com pronúncia aberta ou fechada, pronúncia do *s* e do *x* etc.; no caso de estrangeirismos, é informada a pronúncia em língua estrangeira com expressões fonética por meio de letras e acentos como usados na língua portuguesa.

Conforme os dados acima, nota-se que o AUL, do ano de 2011, é uma obra que se empenha em ser um instrumento didático, dispondo de informações, em sua introdução, que auxiliam o consulente a ter uma melhor compreensão.

O dicionário Houaiss Conciso (HOUC), em sua 1ª edição do ano de 2011, estruturado pelo autor Antônio Houaiss e editado por Mauro de Salles Villar, é destinado aos alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e profissionalizantes. Essa obra reúne 41.243 verbetes e 1.496 locuções. Todo o conteúdo está em conformidade com as normas do Acordo Ortográfico de 1990, garantindo a atualização e a confiabilidade das informações. Podemos conferir a capa dessa obra por meio da figura 8:

Figura 8 - Dicionário Houaiss Conciso.



Fonte: Houaiss (2011).

Na *Front Matter* dessa obra, encontram-se explicações de toda a obra, desde a sua execução até as informações finais. Em seguida, o autor esclarece as informações que compõem o verbete, explicando cada campo; e, por último, todas as abreviações, rubricas e sinais, estão em sua forma por extenso. São aspectos que estão dispostos no guia de uso e que ajudam o consulente a entender melhor a ferramenta de consulta.

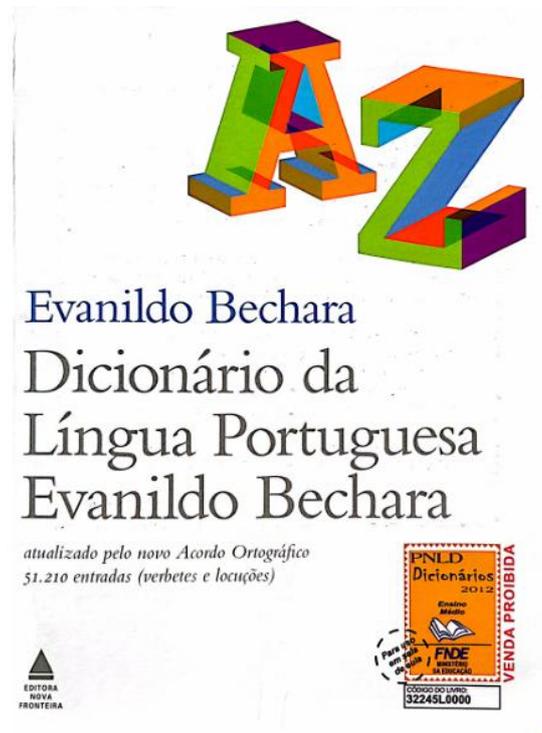
Com o intuito de propiciar clareza ao dicionário, ela oferece um conjunto de informações complementares, como:

- marcas de uso;

- ortoépia;
- prefixos e sufixos;
- aumentativos e diminutivos irregulares;
- divisão silábica;
- timbre da vogal tônica;
- participios verbais duplos;
- sinônimos e antônimos;
- homônimos homógrafos homófonos;
- modelos de conjugação verbal;
- informações gramaticais básicas;
- exemplos de uso;
- pronúncia figurada;
- etimologia;
- enciclopédia com 2.146 verbetes, que a respeito do Brasil, utiliza os dados mais recentes do IBGE.

O dicionário da Língua Portuguesa de Evanildo Bechara (DLPEB), teve sua 1ª edição lançada em 2011. A organização esteve a cargo do autor Evanildo Bechara, que, nesta versão, abarcou 51.210 entradas (verbetes e locuções) conforme “a frequência de uso na literatura, nos meios de comunicação e em publicações específicas destinadas a estes leitores” (Bechara, 2011, p. 11), ou seja, destinadas ao público-alvo do dicionário, que são os alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio e os profissionalizantes. Podemos visualizar a capa da seguinte obra por meio da figura 9:

Figura 9 - Dicionário da Língua Portuguesa Evanildo Bechara



Fonte: Bechara (2011).

O DLPEB disponibiliza em suas páginas iniciais, o “guia de uso” que explica todos os recursos que estão presentes na obra; também inclui as informações de cada parte da obra, explicando cada função dos elementos que compõem a microestrutura; e, por fim, insere as palavras por extenso de cada abreviação, sejam elas das classes gramaticais, regências verbais, regionalismos, níveis de linguagem e MDT. Dessa forma, essa ferramenta de uso auxilia o consultante a ter uma melhor compreensão das palavras buscadas. Pensando no público-alvo dessa obra, o autor inclui as seguintes informações nos verbetes da obra:

- entrada;
- separação silábica com sílaba tônica em destaque;
- classe gramatical;
- elemento de composição;
- subentrada (variação da entrada com sentido próprio);
- afixo, prefixo ou sufixo;
- informação gramatical;
- abonação e exemplo;
- locução;
- verbete alterado pelo novo acordo ortográfico;
- estrangeirismo;

- língua de origem e pronúncia figurada;
- nível de linguagem;
- área do conhecimento;
- regionalismo;
- antônimo e sinônimo;
- alteração de timbre no plural e no feminino;
- regência verbal;
- definição;
- confronto grafia e/ou sentido;
- modelo de conjugação;
- etimologia.

Após descrever os dicionários, discorreremos a respeito dos critérios para a análise da *Front Matter* dos dicionários.

3.2 Critérios para a análise da *Front Matter* dos dicionários

Sabemos que cada dicionário tem sua especificidade, dependendo do público-alvo e as intenções do lexicógrafo para a obra. Para a compreensão sobre como um dicionário foi organizado e quais são suas particularidades, podemos analisar mais detidamente a *Front Matter*. Nessa parte da obra lexicográfica, costumam estar presentes as informações necessárias para que o entendimento da obra e dos seus elementos essenciais. Destarte, podemos nos deparar com os seguintes registros: o guia de uso, as classes gramaticais, os níveis de linguagem, as rubricas (que são os tipos de marcas de uso), as abreviações, informações de como o dicionário foi organizado etc.

Com base nessas possíveis informações, examinamos se constam informações sobre MDT, a denominação utilizada para fazer referências a elas e as áreas contempladas e suas abreviações, ou seja, verificamos se há informações sobre o tratamento dessas marcas nas obras. As informações foram organizadas em um quadro, de forma que ficassem claras as informações presentes na *Front Matter* de cada dicionário. Podemos verificar um exemplo dessa organização no quadro 15:

Quadro 14 - Presença da marca datécnica na *Front Matter* do DLPEB

Dicionários	Inclusão de informações sobre marcas diatécnicas	Denominação utilizada para fazer referência as marcas diatécnicas	Exemplos das formas das áreas contempladas e suas abreviações
DLPEB	Sim	Rubricas	Acús. acústica Adm. administração Aer. aeronáutica

Fonte: Elaboração própria

Após esclarecer os critérios de análise da *Front Matter*, no próximo tópico, são salientados os parâmetros utilizados para selecionar as áreas a serem investigadas.

3.3 Critérios para seleção das áreas

Com o intuito de selecionar as áreas para fins de análise, optamos por eleger os campos de estudos contemplados pela base curricular do Ensino Médio (1º ao 3º ano), para que, pudéssemos definir os termos examinados com base nessa etapa de ensino. Por isso, priorizamos as 11 disciplinas obrigatórias do Ensino Médio:

Quadro 15- Disciplinas obrigatórias do Ensino Médio

Disciplinas do Ensino Médio		
1- Artes	5- Física	9- Matemática
2- Biologia	6- Geografia	10- Química
3- Educação Física	7- História	11- Sociologia
4- Filosofia	8- Língua Portuguesa	-

Fonte: Elaboração própria.

Considerando que os alunos têm acesso a essas áreas, por meio das aulas dessas disciplinas, que podem realizar consultas nas obras lexicográficas, buscamos compreender melhor o tratamento lexicográfico de termos dessas áreas. Dessa forma, os termos analisados nesta pesquisa pertencem ao campo de estudo das disciplinas apresentadas no quadro 16, veremos com detalhamento na próxima subseção.

3.4 Critérios para seleção dos termos

Os termos foram definidos com base na área a que se vinculam, como mencionado na subseção anterior. Inicialmente, estabelecemos três termos para cada área. Para defini-los,

consultamos a BNCC e verificamos os conteúdos estudados em cada ano das disciplinas estabelecidas. Ao investigarmos esses conteúdos, identificamos os temas recorrentes do 1º ao 3º ano e, assim, definimos os dois termos que representam cada área.

Após a seleção dos termos, verificamos se constavam em dois os dicionários selecionados, adotamos como procedimento verificar os termos e averiguar quais estavam registrados em pelo menos dois dos dicionários selecionados. Nessa etapa do estudo, observamos que alguns deles não estavam registrados nas obras lexicográficas. Dessa forma, os seguintes termos apresentados no quadro 17 foram os que se destacaram e, conseqüentemente, escolhidos:

Quadro 16- Termos selecionados para as áreas

Disciplinas	Termos escolhidos
1- Artes	I. Vanguarda II. Impressionismo
2- Biologia	I. Mutações II. Homeostase
3- Educação Física	I. Basquete II. Vôlei
4- Filosofia	I. Ética II. Moral
5- Física	I. Termodinâmica II. Escala
6- Geografia	I. Território II. Geopolítica
7- História	I. Feudalismo II. Absolutismo
8- Língua Portuguesa	I. Regência II. Coesão
9- Matemática	I. Denominador II. Escaleno
10- Química	I. Oxidação II. Hidrocarbonetos
11- Sociologia	I. Ideologia

	II. Sociedade
--	---------------

Fonte: elaboração própria.

No quadro 17, visualizamos as UL determinadas para análise. A partir dessa escolha, na próxima subseção explicamos os critérios estabelecidos para as análises dos verbetes referentes a esses termos.

3.5 Critérios para a análise dos termos

Em conformidade com os objetivos definidos para esta pesquisa, estabelecemos os seguintes critérios para as análises referentes aos registros sobre as MDT nos dicionários:

- As MDT registradas foram indicadas com cores. Para isso, salientamos por meio das cores: para a área de ensino escolhida, destacamos a MDT da área com a cor rosa e, nas demais áreas, evidenciamos com a cor laranja;
- Nas definições, averiguamos se elas estão com o sentido especializado e, se estiverem, serão sublinhadas. No caso de não haver o registro da marca, analisamos as definições e averiguamos se há alguma que se encaixa na área de estudo. Por conseguinte, examinamos, também, se há algum recurso no verbete, como: exemplos, abonações, achega enciclopédica etc.;
- Nos verbetes com mais de uma acepção, verificamos se há mais de um sentido que abrange o conceito da MDT, como vemos no caso da área de Artes;
- Na *Middle Matter* de cada verbete, observamos se havia alguma intervenção por meio de ilustrações ou informações verbais sobre o termo.

Inserimos as informações em quadros, que foram organizados em três colunas. Na primeira, está o título do dicionário; na segunda, encontra-se o primeiro termo com o seu respectivo verbete; na terceira, há o segundo termo com seu verbete. A título de exemplo, apresentamos o quadro 18 a seguir, com dados referentes à área de arte. Como detalhado nos critérios, destacamos as MDT e sublinhamos as definições especializadas.

Quadro 17 – Organização das informações dos termos *vanguarda* e *impressionismo* – Arte

Dicionários	Termo: vanguarda	Termo: impressionismo
DLPEB	vanguarda (van.guar.da) <i>sf.</i> 1 Grupo militar que vai à frente de força terrestre. 2 Dianteira, frente. [Antôn.: <i>retaguarda</i> .] 3 <u>Grupo político, social ou artístico que defende ideias pioneiras.</u> * [Do fr. <i>avant-garde</i> .]	impressionismo (im.pres.sio.nis.mo) <i>sm.</i> <i>Art. pl.</i> <u>Movimento francês de pintura, do fim do século XIX, que usava amplamente os efeitos de luz, cor e movimento.</u> [Cf.: <i>expressionismo</i>] * [Do fr. <i>impressionisme</i> .]

HOUC	van.guar.da s.f. 1 parte de tropa militar que vai na frente < retaguarda 2 dianteira, frente < traseira 3 <i>fig.</i> parcela de indivíduos que exerce papel pioneiro entre outros do mesmo grupo [ETIM: fr. <i>avant-garde</i> 'id.']	im.pres.sio.nis.mo s.m. movimento artístico, esp. na pintura, do final do sXIX, que valoriza impressões pessoais e sensoriais no lugar da realidade objetiva [ETIM: <i>impressão</i> sob a f.rad. <i>impression-</i> + <i>-ismo</i> , por infl. do fr. <i>impressionisme</i> 'id.']
AUL	vanguarda (van.guar.da) <i>sf</i> 1 Mil. Frente, dianteira do exército ou do regimento; ANTEGUARDA: <i>A vanguarda do exército atacou os inimigos.</i> [Ant.: <i>retaguarda.</i>] 2 Mil. A fileira da frente de uma tropa formada por duas ou mais fileiras 3 Art. pl. Liter: Movimento, ger. artístico, que propõe ideias novas, avançadas: <i>A bossa-nova estava na vanguarda da música popular brasileira.</i> 4 Renovação das ideias, dos costumes, das tendências políticas etc.: <i>O movimento de maio de 1968 na França foi um movimento de vanguarda.</i> [F: Do fr. <i>avant-garde.</i>)]	impressionismo (im.pres.sio:nis.mo) <i>sm.</i> 1 Art. pl. Movimento na pintura do fim do séc. XIX, que usou os efeitos da luz e da cor para retratar a realidade: “Parou em seguida diante de um quadro (...) manche de impressionismo, de um plenarismo ofuscante...” (Júlio Dantas, <i>Espadas e rosas</i>) 2 Liter. Mús. Estilo literário e musical caracterizado por expressar impressões subjetivas [F: Do fr. <i>impressionisme.</i>]

Fonte: Elaboração própria.

No quadro 18, apresentamos uma organização das MDT. A marca diacênica relacionada à área de estudo principal está destacada em rosa, por exemplo: **Art. pl.** – para termos da área de Artes, enquanto as demais áreas são na cor laranja: **Lit.**, **Mil.** A definição localizada da MDT está sublinhada, o que permite ao consulente conferir com exatidão o sentido daquele termo no âmbito de estudo. Essa visualização permite ao aluno identificar com nitidez as informações de cada termo. Após destacarmos as marcas e a definição, examinamos os verbetes dos termos em cada dicionário, averiguando se as definições e as MDT registradas são condizentes com as respectivas áreas de estudo.

Em alguns verbetes há a presença de símbolos que representam os termos sintagmáticos, achega enciclopédico, separar definições etc. Na análise dos termos aparecem três tipos de símbolos, o primeiro é disposto pelo DLPEB que insere o símbolo “◆” para denominar quando uma palavra se encaixa ao “campo de locuções”, optamos por deixar essa denominação, visto que a expressão “termo sintagmático” é um pouco mais complexo para o aluno compreender. O segundo símbolo é estabelecido pelo dicionário HOUC, que utiliza o símbolo “■” para separar e/ou enumerar definições de um verbe. Por fim, o terceiro símbolo também é inserido pelo dicionário HOUC, a obra utiliza o símbolo “□” para representar uma achega enciclopédica, que são as informações de aspecto do contexto social, cultural, científico etc.

Considerando o que foi exposto nessa seção, nota-se que verificamos as características de cada obra lexicográfica; os critérios para análise da Front Matter e um quadro exemplificando o que foi averiguado nas Front Matter de cada dicionário; os critérios de seleção das áreas e um quadro com as áreas escolhidas; os critérios para a escolha dos termos e um

quadro com os termos escolhidos de cada âmbito de estudo; por fim, os critérios para a análise dos termos, discorreremos sobre os quatro critérios escolhidos e trouxemos uma exemplificação da análise. Por conseguinte, na próxima seção, apresentamos e analisamos os dados desta pesquisa.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos e analisamos o tratamento dos termos nos verbetes das onze áreas escolhidas. Para tanto, seguimos o seguinte procedimento:

- examinamos a *Front Matter* dos três dicionários: o DLPEB, o dicionário AUL e o dicionário HOUC;
- averiguamos como as MDT estão inseridas nessas obras lexicográficas; analisamos os verbetes em subseções específicas de cada área de ensino. Para facilitar a visualização, as MDT referente à área de estudo principal foram destacadas em rosa, enquanto as demais foram marcadas em laranja. Essa diferenciação visual permite ao consulente identificar facilmente a MDT de cada termo do âmbito de estudo desta pesquisa.

4.1 Análise da Front Matter

Cada dicionário tem sua especificidade, por conseguinte, todos os registros presentes em uma obra lexicográfica podem ser descritos de formas distintas ou similares, dependendo da intenção do lexicógrafo e do tipo de consulente. As obras analisadas neste trabalho têm como público-alvo os alunos do Ensino Médio. Por isso, os dicionários são do tipo 4. Sabe-se que as MDT podem variar de um dicionário para outro, assim como as informações sobre os registros dessas marcas podem ou não ocorrer na *Front Matter*. No quadro 19, informamos se há informações das MDT na *Front Matter* de cada obra, qual a denominação utilizada para referenciar essas marcas e apresentamos exemplos de como as abreviaturas dessas marcas estão registradas nos dicionários.

Quadro 18 – Presença das marcas diatécnicas na *Front Matter* dos dicionários

Dicionários	Inclusão de informações sobre marcas diatécnicas	Denominação utilizada para fazer referência as marcas diatécnicas	Exemplos das formas das áreas contempladas e suas abreviações
AUL	Sim	Rubricas	Bac. bacteriologia Basq. basquetebol Bibl. bibliologia ...
HOUC	Sim	Rubricas	CINE cinema CIR cirugia ...
DLPEB	Sim	Rubricas	Acús. Acústica Adm. Administração era. aeronáutica

Fonte: Elaboração própria.

O quadro 19 demonstra que os três dicionários selecionados apresentam informações sobre o registro das marcas técnicas na *Front Matter*. No DLPEB, a MDT, em sua *Front Matter*, está denominada como rubrica, cujas abreviações estão listadas separadamente das outras. No DLPEB, há uma breve explicação do registro dessa marca técnica “Área do conhecimento – as rubricas (*Med.*, *Fís.*, *Ecol.*, etc.) especificam o assunto ou a área técnica em que a palavra possui aquela definição” (Bechara, 2011, p. 12). Nesse dicionário, as marcas terminológicas são representadas por meio de abreviação, com a letra inicial maiúscula e, as demais letras minúsculas e no formato itálico, como ilustrado no seguinte exemplo: *Adm.* – Administração. Na figura 10 conseguimos averiguar alguns dos exemplos da *Front Matter*:

Figura 10 - Exemplo da *Front Matter* do dicionário DLPEB

RUBRICAS					
<i>Acús.</i>	acústica	<i>Esprít.</i>	espiritismo	<i>Mil.</i>	militar
<i>Adm.</i>	administração	<i>Est.</i>	estatística	<i>Min.</i>	mineralogia
<i>Aer.</i>	aeronáutica	<i>Estét.</i>	estética	<i>Mit.</i>	mitologia
<i>Agz.</i>	agricultura	<i>Et.</i>	ética	<i>Mkt.</i>	marketing
<i>Alg.</i>	álgebra	<i>Etnogr.</i>	etnografia	<i>Míd.</i>	mídia
<i>Anat.</i>	anatomia	<i>Etnol.</i>	etnologia	<i>Mús.</i>	música
<i>Antrop.</i>	antropologia	<i>Etnón.</i>	etnônimo		
<i>Arit.</i>	aritmética	<i>Exérc.</i>	exército	<i>Nataç.</i>	natação
<i>Arqueol.</i>	arqueologia			<i>Nefr.</i>	nefrologia
<i>Arquit.</i>	arquitetura	<i>Farm.</i>	farmácia	<i>Neur.</i>	neurologia
<i>Art. gr.</i>	artes gráficas	<i>Farmac.</i>	farmacologia	<i>Náut.</i>	náutica
<i>Art. pl.</i>	artes plásticas	<i>Filos.</i>	filosofia		
<i>Astrofís.</i>	astrofísica	<i>Fin.</i>	finanças	<i>Obst.</i>	obstetria
<i>Astrol.</i>	astrologia	<i>Fís.</i>	física	<i>Ocn.</i>	oceanografia
<i>Astron.</i>	astronomia	<i>Fís.Nucl.</i>	física nuclear	<i>Odont.</i>	odontologia
<i>Astronáut.</i>	astronáutica	<i>Fís. Part.</i>	física de partículas	<i>Oftalm.</i>	oftalmologia
<i>Atlet.</i>	atletismo	<i>Fís. Quím.</i>	físico-química	<i>Ort.</i>	ortopedia
<i>Autom.</i>	automobilismo	<i>Fisiol.</i>	fisiologia	<i>Ópt.</i>	óptica
<i>Av.</i>	aviação	<i>Fitogeogr.</i>	fitogeografia	<i>Otor.</i>	otorrinolaringologia
<i>B-Art.</i>	belas-artes	<i>Folc.</i>	folclore	<i>Pal.</i>	paleontologia
<i>Bac.</i>	bacteriologia	<i>Fon.</i>	fonética	<i>Paleogr.</i>	paleografia
<i>Basq.</i>	basquetebol	<i>Fonoaud.</i>	fonoaudiologia	<i>Pat.</i>	patologia
<i>Bibl.</i>	bibliologia	<i>Fot.</i>	fotografia	<i>Pat.</i>	patologia
<i>Biblt.</i>	biblioteconomia	<i>Fotograv.</i>	fotogravura	<i>Ped.</i>	pediatria
<i>Biofís.</i>	biofísica	<i>Fotom.</i>	fotometria	<i>Pedag.</i>	pedagogia
<i>Biogeogr.</i>	biogeografia	<i>Fut.</i>	futebol	<i>Pedol.</i>	pedologia
<i>Biol.</i>	biologia	<i>Gastr.</i>	gastroenterologia	<i>Pesc.</i>	pescaeria
<i>Bioq.</i>	bioquímica	<i>Gen.</i>	genética	<i>Pet.</i>	petrografia
<i>Bot.</i>	botânica	<i>Geof.</i>	geofísica	<i>Pint.</i>	pintura
<i>Cap.</i>	capoeira	<i>Geog.</i>	geografia	<i>Pneum.</i>	pneumologia
<i>Card.</i>	cardiologia	<i>Geogr. Pol.</i>	geografia política	<i>Pol.</i>	política
<i>Carp.</i>	carpintaria	<i>Geol.</i>	geologia	<i>Poét.</i>	poesia, poética
<i>Cartogr.</i>	cartografia	<i>Geom.</i>	geometria	<i>Proct.</i>	proctologia
<i>Cibern.</i>	cibernética	<i>Geom. Anal.</i>	geometria analítica	<i>Prop.</i>	propaganda
<i>Cin.</i>	cinema	<i>Geom. Descr.</i>	geometria descritiva	<i>Psican.</i>	psicanálise
<i>Cineg.</i>	cinética	<i>Geom. Dif.</i>	geometria diferencial	<i>Psicol.</i>	psicologia
<i>Cinól.</i>	cinologia	<i>Geom. Projet.</i>	geometria projetiva	<i>Psiqu.</i>	psiquiatria
<i>Cir.</i>	cirurgia	<i>Gin.</i>	ginástica	<i>Publ.</i>	publicidade
<i>Cir. Plást.</i>	cirurgia plástica	<i>Ginást.</i>	ginástica	<i>Quím.</i>	química
<i>Citol.</i>	citologia	<i>Gloss.</i>	glossônimo	<i>Quím. Nucl.</i>	química nuclear
<i>Com.</i>	comércio	<i>Gram.</i>	gramática		
<i>Comp. Gráf.</i>	computação gráfica	<i>Grau.</i>	gravura	<i>Rad.</i>	radiodifusão

Fonte: Bechara (p. 16, 2011)

No dicionário AUL, há uma explicação sobre o registro da marca terminológica:

[...] rubrica: indica em que área disciplinar, profissional, científica etc. todas essas indicações podem constar dentro de uma acepção, quando restritas a ela, ou no início do verbete, quando se referem a todas as acepções. São grafadas

em abreviaturas, em itálico, com inicial maiúscula e seguida de ponto (Aulete, 2011, p. 11).

Nessa obra, a MDT está denominada como rubrica e é listada separadamente das outras abreviações. A marca técnica nesse dicionário é registrada com a letra inicial maiúscula e as demais letras em minúsculas e em formato itálico, como em: *Basq.* - Basquetebol. Podemos verificar alguns dos exemplos presentes na *Front Matter* por meio da figura 11:

Figura 11 - Exemplo da *Front Matter* do dicionário AUL

RUBRICAS					
<i>Acús.</i>	acústica	<i>Bac.</i>	bacteriologia	<i>Cosm.</i>	cosmologia
<i>Adm.</i>	administração	<i>Basq.</i>	basquetebol	<i>Crist.</i>	cristalografia
<i>Aer.</i>	aeronáutica	<i>Bibl.</i>	bibliologia	<i>Cron.</i>	cronologia
<i>Agr.</i>	agricultura	<i>Biblit.</i>	biblioteconomia	<i>Cul.</i>	culinária
<i>Agroquí.</i>	agroquímica	<i>Biofs.</i>	biofísica	<i>Cut.</i>	cutelaria
<i>Álg.</i>	álgebra	<i>Biol.</i>	biologia	<i>Decor.</i>	decoreação
<i>Alq.</i>	alquimia	<i>Bioq.</i>	bioquímica	<i>Dem.</i>	demografia
<i>Anat.</i>	anatomia	<i>Bot.</i>	botânica	<i>Derm.</i>	dermatologia
<i>Antr.</i>	antropologia	<i>Cálc.vet.</i>	cálculo vetorial	<i>Des.</i>	desenho
<i>Apíc.</i>	apicultura	<i>Cap.</i>	capoeira	<i>Des.ind.</i>	desenho industrial
<i>Arit.</i>	aritmética	<i>Card.</i>	cardiologia	<i>Dipl.</i>	diplomacia
<i>Arm.</i>	armamento	<i>Carp.</i>	carpintaria	<i>Dir.</i>	direito
<i>Arq.</i>	arquitetura	<i>Cart.</i>	cartografia	<i>Dnç.</i>	dança
<i>Arqueol.</i>	arqueologia	<i>Cer.</i>	cerâmica	<i>Doc.</i>	documentação
<i>Art.gr.</i>	artes gráficas	<i>Cib.</i>	cibernética	<i>Eci.</i>	engenharia civil
<i>Art.marc.</i>	artes marciais	<i>Cin.</i>	cinema	<i>Ecles.</i>	eclesiástico
<i>Art.pl.</i>	artes plásticas	<i>Cinól.</i>	cinologia	<i>Ecol.</i>	ecologia
<i>Artesn.</i>	artesanato	<i>Cir.</i>	cirurgia	<i>Econ.</i>	economia
<i>Astnaut.</i>	astronáutica	<i>Cit.</i>	citologia	<i>Edit.</i>	edição/editoração
<i>Astrfs.</i>	astrofísica	<i>Clim.</i>	climatologia	<i>Eel.</i>	engenharia elétrica
<i>Astrol.</i>	astrologia	<i>Cnav.</i>	construção naval	<i>Eet.</i>	engenharia eletrônica
<i>Astron.</i>	astronomia	<i>Col.</i>	coletivo	<i>Elet.</i>	eletricidade
<i>Atl.</i>	atletismo	<i>Com.</i>	comércio	<i>Eletrôn.</i>	eletrônica
<i>Aut.</i>	automobilismo	<i>Comun.</i>	comunicação/comunicações	<i>Eletróst.</i>	eletrostática
<i>Avl.</i>	aviação	<i>Cons.</i>	construção	<i>Emb.</i>	embriologia
<i>Avíc.</i>	avicultura	<i>Cont.</i>	contabilidade	<i>Emec.</i>	engenharia mecânica

Fonte: Aulete (p. 14, 2011)

Por sua vez, no dicionário HOUÇ encontramos o registro da MDT junto com as demais abreviações e sinais. Essa maneira de listar as marcas de uso de forma conjunta pode dificultar a compreensão do discente. A abreviação da marca técnica aparece em letras maiúsculas e em formato normal, como verificado no exemplo: CINE – Cinema. O HOUÇ denomina a MDT como “rubrica” e essa marca tem a abreviatura toda em maiúscula, além do mais, na *Front Matter* insere uma pequena explicação sobre as MDT, a saber: “As acepções neste dicionário, especialmente quando se trata de terminologia, têm indicação da área do saber ou fazer humano a quem pertencem por meio de uma rubrica temática [...]” (Houaiss, 2011, p. 13). Por meio da figura 12, é possível verificar alguns exemplos dessas informações:

Figura 12 - Exemplo da *Front Matter* do dicionário HOUIC

Abreviações, rubricas e sinais	
a.-al	alto-alemão
abl	ablativo
abrev.	abreviação; abreviatura
ac.	acusativo
AC	Acre
acp.	acepção ou acepções
adj.	adjetivo
adj. 2g.	adjetivo de dois gêneros
adj. 2g. 2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números
adj. 2g. 2n. 2p.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo de dois gêneros
adj. 2g. 2n. s. 2p. 2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo de dois gêneros e dois números
adj. 2g. 2n. s. m.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino
adj. 2g. 2n. s. m. 2n.	adjetivo de dois gêneros e dois números e substantivo masculino e substantivo feminino
adj. 2g. s. 2p.	adjetivo de dois gêneros e substantivo de dois gêneros
adj. 2g. s. 2p. s. f.	adjetivo de dois gêneros, substantivo de dois gêneros e substantivo feminino
adj. 2g. s. 2p. s. m.	adjetivo de dois gêneros, substantivo de dois gêneros e substantivo masculino
adj. 2g. s. f.	adjetivo de dois gêneros e substantivo feminino
adj. 2g. s. m.	adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino
adj. 2n. s. m. 2n.	adjetivo de dois números e substantivo masculino de dois números
adj. s. m.	adjetivo e substantivo masculino
adp.	adaptação
adv.	advérbio, adverbial
afr.	africanismo
afm.	africânder
AGC	Antônio Geraldo da Cunha
agl.	aglutinação
al.	alemão
AL	Alagoas
alat.	alatinado
al.-suç.	alemão-suíço
alt.	alteração(ões)
altv.	alternativamente, alternativa/o
AM	Amazonas
AMAZ	Amazônia
ANAT	anatomia
ang.-sax.	anglo-saxão
ant.	antigo
antepos.	antepositivo
antp.	antropônimo
ANTROPOL	antropologia

Fonte: Houaiss (p. 20, 2011)

Considerando a maneira que essas marcas estão evidenciadas na *Front Matter* de cada obra lexicográfica, na próxima subseção analisamos a forma como as marcas técnicas estão registradas nos verbetes dos termos das onze áreas escolhidas. Para isso, examinamos se a estipulada marca está inserida no verbete, como ela aparece e se há informação extra na *Middle Matter* que ressalte o lema.

Conforme o que foi apresentado, a partir da próxima subseção iniciamos a análise das MDT nas obras. Nessa etapa, averiguamos a presença dessas marcas, suas respectivas abreviaturas. Para facilitar a visualização, as marcas técnicas da área de estudo principal foram destacadas em rosas e as demais em laranja. A definição referente a marca técnica da área de estudo está apenas sublinhada, uma vez que a definição não é o nosso objeto de análise.

4.2 Análise dos termos da área de Arte

No seguinte quadro, expusemos os termos *vanguarda* e *impressionismo* que fazem parte da disciplina de Arte do Ensino Médio:

Quadro 19 - Termos *vanguarda* e *impressionismo* – Arte

Dicionários	Termo: <i>vanguarda</i>	Termo: <i>impressionismo</i>
DLPEB	vanguarda (van.guar.da) <i>sf.</i> 1 Grupo militar que vai à frente de força terrestre. 2 Dianteira, frente. [Antôn.: <i>retaguarda</i> .] 3 Grupo político, social ou artístico que defende ideias pioneiras. * [Do fr. <i>avant-garde</i> .]	impressionismo (im.pres.sio.nis.mo) sm. <i>Art. pl.</i> Movimento francês de pintura, do fim do século XIX, que usava amplamente os efeitos de luz, cor e movimento. [Cf.: <i>expressionismo</i>] * [Do fr. <i>impressionisme</i> .]
HOUC	van.guar.da <i>s.f.</i> 1 parte de tropa militar que vai na frente < <i>retaguarda</i> 2 dianteira, frente < traseira 3 <i>fig. parcela de indivíduos que exerce papel pioneiro entre outros do mesmo grupo</i> [ETIM: fr. <i>avant-garde</i> 'id.']	im.pres.sio.nis.mo <i>s.m.</i> movimento artístico, esp. na pintura, do final do sXIX, que valoriza impressões pessoais e sensoriais no lugar da realidade objetiva [ETIM: <i>impressão</i> sob a f.rad. <i>impression-</i> + <i>-ismo</i> , por infl. do fr. <i>impressionisme</i> 'id.']
AUL	vanguarda (van.guar.da) <i>sf</i> 1 <i>Mil.</i> Frente, dianteira do exército ou do regimento; ANTEGUARDA: <i>A vanguarda do exército atacou os inimigos.</i> [Ant.: <i>retaguarda</i> .] 2 <i>Mil.</i> A fileira da frente de uma tropa formada por duas ou mais fileiras 3 <i>Art. pl. Liter:</i> Movimento, ger. artístico, que propõe ideias novas, avançadas: <i>A bossa-nova esteve na vanguarda da música popular brasileira.</i> 4 Renovação das ideias, dos costumes, das tendências políticas etc.: <i>O movimento de maio de 1968 na França foi um movimento de vanguarda.</i> [F: Do fr. <i>avant-garde</i> .]	impressionismo (im.pres.si:o.nis.mo) sm. 1 <i>Art. pl.</i> Movimento na pintura do fim do séc. XIX, que usou os efeitos da luz e da cor para retratar a realidade: <i>“Parou em seguida diante de um quadro (...) manche de impressionismo, de um plenarismo ofuscante...”</i> (Júlio Dantas, <i>Espadas e rosas</i>) 2 <i>Liter. Mús.</i> Estilo literário e musical caracterizado por expressar impressões subjetivas [F: Do fr. <i>impressionisme</i> .]

Fonte: Elaboração própria.

Para o termo *vanguarda*, o DLPEB não evidencia nenhuma MDT. Dessa forma, o consulente deve ler as três definições do verbete e verificar qual delas está relacionada com a disciplina estabelecida. Ao analisar as três definições, percebe-se que a terceira é a única relacionada com a área de Arte. No entanto, essa associação não está indicada explicitamente, assim, o aluno deve ter conhecimento prévio do referido termo ou ser orientado pelo professor.

O mesmo acontece no dicionário HOUC. Nesse verbete não há a presença da marca técnica, desse modo, o discente precisa ler para relacionar alguma das acepções com a disciplina estabelecida. Ao examinar as definições das diferentes acepções, notamos que a única definição que pode ser associada às Artes é a terceira, porém, ela está marcada com a abreviação de *fig* (figurado), o que requer do consulente o conhecimento da área para compreender o sentido. Por sua vez, no dicionário AUL, há o registro técnico para o termo em questão, empregando a expressão *Art. Pl.* (Artes Plásticas). Com isso, o estudante conseguirá perceber de forma mais objetiva a qual domínio pertence, além de apresentar o exemplo de uso, inserido logo após a definição, proporcionando outra forma de assimilar o termo com o conteúdo.

Para o termo *impressionismo*, o DLPEB inclui o registro técnico *Art. Pl.* (Artes Plásticas); em seguida, apresenta apenas uma definição e instrui o usuário para conferir a acepção *expressionismo*. Já no dicionário HOUC, não há a marcação diatécnica em questão, apenas uma definição é fornecida, exigindo novamente que o consulente tenha conhecimento da área para compreender o conceito presente no verbete. Por fim, o dicionário AUL estabelece a MDT *Art. Pl.* (Artes Plásticas) e emprega dois sentidos, sendo o primeiro referente à área com uma abonação para exemplificar a entrada. Essa obra lexicográfica também insere o sentido da *Lit.* (Literatura) e da *Mús.* (Música), o sentido dessa acepção também contém a área Artes.

Com base nos dados evidenciados, nota-se que o DLPEB, para o termo *vanguarda*, não registra a terminologia da área, apenas o define na terceira. Já, no termo *impressionismo*, além de marcar a área terminológica *Art. Pl.* (Artes Plásticas), conceitua a UL com sentido técnico derivado das Arte. Em contrapartida, o dicionário HOUC não delimita a terminologia dos dois termos em questão, mas traz as definições das expressões, principalmente no termo *expressionismo*. Em compensação, o dicionário AUL, além de trazer as marcas técnicas *Art. Pl.* (Arte Plásticas) em cada acepção, também descreve o sentido técnico de cada uma delas relacionado à Arte. Visto isso, conclui-se que, para os termos analisados nesta subseção, o dicionário que destaca a MDT, da área de Artes, é o AUL.

4.3 Análise dos termos da área de Biologia

Na disciplina de Biologia os termos escolhidos foram *homeostase* e *mutação*. Podemos verificar as informações dadas para cada um deles no seguinte quadro:

Quadro 20 - Termos *homeostase* e *mutação* – Biologia

Dicionários	Termo: homeostase	Termo: mutação
-------------	-------------------	----------------

DLPEB	<p>homeostase (ho.me:os.ta.se) <i>sf.</i> Ver <i>homeóstase</i>.</p> <p>homeóstase (ho.me.ós.ta.se) <i>sf.</i> 1 <i>Fisiol. Med.</i> Habilidade ou tendência de um organismo ou célula de manter seu equilíbrio interno mediante ajuste de seus processos fisiológicos. 2 <i>Cibern.</i> Condição de um sistema capaz de manter suas variáveis essenciais dentro de limites aceitáveis a sua própria estrutura em face de perturbações inesperadas. [Outra forma: <i>homeostase</i>.]</p>	<p>mutação (mu.ta.ção) <i>sf.</i> 1 Ação ou efeito de mudar; transformação. 2 <i>Biol.</i> <u>Modificação dos caracteres hereditários das células, que resulta em seres de características diferentes das normais da mesma espécie.</u> [PL.: <i>mutações</i>.] * [Do lat. <i>mutatio, onis</i>.]</p>
HOUC	<p>ho.me.os.ta.se ou ho.me.ós.ta.se <i>s.f.</i> <i>homeostasia</i> [ETIM: <i>homeo-</i> + <i>-stase</i>]</p> <p>ho.me.os.ta.si.a <i>s.f.</i> <u>processo de regulação pelo qual um organismo mantém equilibradas as diversas funções corporais e a composição química dos seus fluidos; homeostase, homeóstase</u> [ETIM: <i>homeo-</i> + <i>-stasia</i>]</p>	<p>mu.ta.ção [pl.: <i>-ões</i>] <i>s.f.</i> 1 mudança, transformação 2 tendência a mudar de ideia; inconstância 3 <i>GEN</i> <u>alteração súbita de características genéticas, sem relação com os ascendentes, mas que pode ser herdada pelos descendentes</u> [ETIM: lat. <i>mutatio, onis</i> 'ação de mudar, mudança']</p>
AUL	<p>homeostase (ho.me:os.ta.se) <i>sf.</i> <i>Fisl.</i> Estado de equilíbrio das várias funções e composições químicas do organismo, como, p.ex., a pressão arterial, o pulso, a temperatura, a taxa de açúcar no sangue etc. [E: <i>homeo-</i> + <i>-stase</i>. Tb. <i>homeóstase, homeostasia</i>.]</p> <p>homeóstase (ho.me.ós.ta.se) <i>sf.</i> <i>Biol.</i> Ver <i>homeostase</i></p> <p>homeostasia (ho.me.os.ta.si.a) Ver <i>homeóstase</i> (F.: <i>homeo-</i> + <i>-stasia</i>)</p>	<p>mutação (mu.ta.ção) <i>sf.</i> 1 Ação ou resultado de mudar(-se), transformar(-se); ALTERAÇÃO; MODIFICAÇÃO; TRANSFORMAÇÃO 2 <i>Gen.</i> <u>Modificação genética que resulta em indivíduo(s) ou célula(s) com alterações fenotípicas</u> 3 <i>Ling.</i> Mudança fonética que se processa de uma vez, sem etapas intermediárias 4 <i>Teat.</i> Mudança de cenário 5 <i>Mús.</i> Súbita transformação na melodia [P1.: <i>-ções</i>.] [F: Do lat. <i>mutatio, onis</i>.]</p>

Fonte: Elaboração própria.

Para o termo *homeostase*, o DLPEB instrui o usuário a ir em outro verbete e conferir a UL *homeóstase*. Para esse termo, a obra faz a marcação de duas áreas técnicas que utilizam dos conhecimentos da biologia, são elas: *Fisiol.* (Fisiologia) e *Med.* (Medicina). Após os registros há duas definições, na qual apenas a primeira aborda o termo analisado.

Por sua vez, a obra lexicográfica HOUC aborda duas palavras-entradas *homeostase* ou *homeóstase* em um único verbete, elas são variantes denominativas e as obras estão apontando, para o usuário, a variação que a expressão possui. Esse modo de entrada faz com que o consulente entenda que as duas expressões são possíveis de serem utilizadas em contextos especializados. Após a entrada, ele apenas insere a UL *homeostasia* e não inclui definição. Já, em *homeostasia*, há uma definição que abarca *homeostase* e *homeóstase*, no entanto, não contém nenhum registro técnico do termo como no primeiro verbete.

No dicionário AUL, a expressão *homeostase* abrange o registro técnico *Fisl.* (Fisiologia) e, posteriormente, traz a definição científica da unidade. Esse verbete também recomenda ao discente conferir em *homeóstase* e *homeostasia*. Ao verificar *homeóstase*, nota-se que a unidade registra a área terminológica da *Biol.* (Biologia) e instrui o consulente a buscar *homeostase* para compreender o sentido do termo; em *homeostasia*, apenas há o apontamento para se verificar o

verbeta *homeóstase*, aqui há uma incoerência na marcação, visto que também deveria ter a mesma marca que *homeostase*.

O segundo termo presente no quadro é *mutação*. O DLPEB apresenta duas definições para a expressão. A primeira está relacionada com um uso especializado, mas geral; enquanto a segunda inclui a marca técnica *Biol.* (Biologia) e a acepção científica. No dicionário HOUC, são encontradas três definições para o lema. Embora as duas primeiras definições tenham ligação com o termo em questão, é somente na terceira acepção que ocorre a demarcação técnica *Gen.* (Genética), demonstrando a relação desta ciência com a biologia. Por último, o dicionário AUL integra cinco acepções para o verbete, dentre essas cinco apenas a segunda definição registra a MDT *Gen.* (Genética), em seguida, insere a definição correspondente.

A partir dos dados analisados, verificamos que o DLPEB, em *homeostase*, sugere o aluno verificar *homeóstase*, nessa acepção o dicionário insere as áreas terminológicas *Fisiol.* (Fisiologia) e *Med.* (Medicina) e a definição técnica da unidade. Em *mutação*, a obra registra *Biol.* (Biologia) e descreve a definição correspondente à área científica. Por seu turno, HOUC, em um único verbete, insere *homeostase* ou *homeóstase*, com a definição *homeostasia*, sugerindo ao consulente verificá-la. Ao averiguarmos *homeostasia*, notamos que está presente a definição científica, mas não há demarcação terminológica. Já em *mutação*, o dicionário inclui *Gen.* (Genética) e a define de forma técnica na UL. Por fim, o dicionário AUL registra a marca técnica *Fisl.* (Fisiologia) no verbete *homeostase*, apresentando seu conceito científico e sugerindo consultar o verbete *homeóstase*. Em *homeóstase*, há a área terminológica *Biol.* (Biologia) e a indicação de *homeostase*, que, por sua vez, recomenda a averiguação de *homeostasia*. Ao examinarmos essa última unidade percebemos que não há definição, apenas a recomendação de verificar *homeóstase*. Em contrapartida, o termo *Mutação* na obra AUL inclui o registro *Gen.* (Genética) e seu sentido técnico. Portanto, ao examinar esses dados, concluímos que as obras possuem inconsistências ao marcarem os registros técnicos, visto que indicam a marca para um termo e em outro não, sendo ambos de uma mesma área.

4.4 Análise dos termos da área de Educação Física

No quadro a seguir, expusemos os termos *basquete* e *vôlei* da disciplina de Educação Física do Ensino Médio:

Quadro 21 - Termos *basquete* e *vôlei* – Educação Física

Dicionários	Termo: basquete	Termo: vôlei
-------------	-----------------	--------------

DLPEB	<p>basquete (bas.que.te) <i>sm.</i> Esp. Ver basquetebol</p> <p>basquetebol (bas.que.te.bol) <i>sm.</i> Esp. Esporte inventado nos EUA, no qual duas equipes de cinco jogadores lutam pela posse da bola, conduzida com as mãos, e tentam introduzi-la em uma cesta situada a três metros do chão, para obter o maior número possível de pontos; basquete, bola ao cesto; basquete.</p>	<p>vôlei (vô.lei) <i>sm.</i> Esp. Ver voleibol. « Vôlei de praia. Esp. Modalidade de voleibol praticado na praia ou em quadra artificial de areia, com equipes de dois ou quatro participantes e com regras próprias. * [F reduz. de <i>voleibol.</i>] voleibol (vo.lei.bol) <i>sm.</i> Esp. Jogo em que dois times de seis jogadores usam as mãos e os braços para lançar uma bola sobre a rede que divide a quadra, com o objetivo de jogá-la no campo adversário. [Pl.: <i>voleibóis.</i>] * [Do ing. <i>volleyball.</i>]</p>
HOUC	<p>bas.que.te <i>s.m.</i> basquetebol</p> <p>bas.que.te.bol <i>s.m.</i> jogo em que os times marcam pontos lançando a bola numa cesta suspensa [ETIM: aport. do ing. <i>basketball</i> 'id.)</p>	<p>vô.lei <i>s.m.</i> esporte praticado entre duas equipes de seis jogadores que devem passar a bola de um lado a outro de uma quadra retangular, dividida ao meio por uma rede, usando as mãos e os punhos; voleibol [ETIM: red. de <i>voleibol</i>] * v. de praia <i>loc.subst.</i> modalidade adaptada de vôlei jogada em quadra de areia (ger. na praia), com equipes de dois ou quatro jogadores</p> <p>vo.lei.bol <i>s.m.</i> vôlei [ETIM: ing. <i>volleyball</i> 'id.']</p>
AUL	<p>basquete (bas.que.te) <i>sm.</i> Esp. Jogo entre duas equipes de cinco jogadores, numa quadra retangular em que há duas cestas (aros metálicos circulares) em extremidades opostas, e no qual cada equipe, para obter pontos, tenta fazer com que a bola entre na cesta defendida pelo adversário, ao mesmo tempo em que procura defender a própria cesta; BASQUETEBOL [F: red. de <i>basquetebol</i>, do ing. <i>basketball</i>, de <i>basket</i> 'cesto' e <i>ball</i> 'bola'.)</p>	<p>vôlei (vô.lei) Esp. <i>sm.</i> Ver voleibol [F.: F. red. De voleibol] ☐ ~ de praia Esp. Modalidade de voleibol jogado na areia da praia ou em quadra de areia, entre times de dois ou quatro jogadores, com regras específicas [é esporte olímpico.]</p> <p>☐ O Brasil já conquistou medalhas olímpicas, inclusive de ouro, no vôlei de praia masculino e feminino.</p> <p>voleibol (vo.lei.bol) Esp. <i>sm.</i> Jogo em que duas equipes, formadas por seis jogadores e separadas por uma rede, tentam, usando principalmente as mãos e os antebraços, jogar a bola por sobre essa rede para fazê-la tocar na quadra adversária; VOLIBOL [Tb. se diz apenas <i>vôlei.</i>] [PL: -bóis.] [E: Do ing. <i>volley-ball.</i>]</p> <p>☐ Criado em 1895, nos EUA, como esporte de quadra coberta para ambos os sexos, o voleibol (ou vôlei) evoluiu em popularidade e passou a ser esporte olímpico a partir das Olimpíadas de 1964, no Japão. É disputado num campo dividido por uma rede com 2,43 m de altura no ponto mais elevado (2,24 m na modalidade feminina), com seis jogadores em cada equipe. O objetivo é colocar a bola no chão da quadra adversária em três jogadas apenas (um</p>

	<p>jogador não pode fazer duas jogadas sucessivas), que são toques secos na bola (o bloqueio junto à rede de um ataque adversário não é considerado como jogada). As competições internacionais mais importantes, além das Olimpíadas, são as da Liga Mundial e o campeonato mundial. O vôlei desenvolveu-se muito no Brasil a partir da década de 1980, tendo o país já sido campeão olímpico masculino (1992, 2004), e várias vezes campeão mundial e da Liga Mundial (masculino e feminino).</p>
--	---

Fonte: Elaboração própria.

Para a UL *basquete*, o DLPEB registra que o termo é referente à área do *Esp.* (Esporte) e sugere ao usuário verificar *basquetebol*, pois *basquetebol* é a forma extensa de *basquete*. No verbete *basquetebol*, encontra-se o registro técnico *Esp.* (Esporte) e todas as informações técnicas do campo de estudo. Em contrapartida, o dicionário HOUC não demarca a terminologia da unidade e recomenda o consulente a ir em *basquetebol*; na segunda palavra-entrada também não há o registro diatécnico, mas tem o sentido da expressão de forma simplificada, por conta do perfil do usuário. O dicionário AUL situa o termo *basquete* na terminologia *Esp.* (Esporte), conceituando o registro técnico da unidade; no fim da acepção, a obra insere a informação que o termo *basquete* é uma forma reduzida de *basquetebol*.

Por sua vez, a marca diatécnica *vôlei* é inserido no DLPEB pela terminologia *Esp.* (Esporte); em seguida, recomenda o aluno ir em *voleibol* para entender o sentido da expressão e traz a definição de vôlei de praia. Ao verificarmos a unidade *voleibol*, percebemos que o DLPEB inseriu as informações técnicas do lema e sua marca MDT *Esp.* (Esporte) na acepção.

O HOUC, para *vôlei*, não delimita nenhum campo e conceitua a área de forma específica. Ao averiguarmos *voleibol*, notamos que a obra lexicográfica apenas insere *vôlei* como uma remissiva, demonstrando que *vôlei* é a forma mais utilizada. Por último, o AU sugere ao usuário ir em *voleibol* verificar o sentido, em seguida, insere o campo de locução ~ *de praia*⁵¹(vôlei de praia) e seu conceito técnico. Em *vôlei* e *vôlei de praia* há a demarcação do campo *Esp.* (Esporte). É importante mencionar que, logo depois das acepções, aparece a achega enciclopédica⁵², nela há informações adicionais em relação à UL. Já, em *voleibol*, há o registro

⁵¹ O símbolo “~” exerce a função de substituir uma UL. Neste caso, está substituindo “vôlei”.

⁵² A achega enciclopédica aparece por meio do símbolo “”. Ele é utilizado quando uma UL não se restringe apenas às definições, assim, é utilizado esse recurso para resumir os aspectos dos contextos social, cultural, científico etc., que a UL faz parte. Essa informação vem ao final do verbete, com um fundo de cor.

Esp. (Esporte) e sua definição diatécnica, logo depois da acepção, encontra-se a chegada enciclopédica com informações contextuais e históricas sobre o *voleibol*.

Com base nas análises acima, observamos que o DLPEB, para o termo *basquete*, sugere ao consulente verificar à acepção *basquetebol*, registrando a MDT *Esp.* (Esporte) de ambas entradas e conceituando *basquetebol* de forma técnica. Isso ocorre porque a definição está em uma das variantes. Já o dicionário HOUC, não demarca a terminologia para nenhuma das acepções examinada, somente define tecnicamente *basquetebol* e *vôlei*. Por fim, a obra AUL registra a área técnica *Esp.* (Esporte) e *vôlei*, *vôlei de praia* e *voleibol*; e descreve o conceito técnico para *vôlei de praia* e *voleibol*. Dessarte, concluímos que, para os termos selecionados nesta análise, os dicionários DLPEB e AUL são os que registram as MDT e apresentam as informações de forma mais completa e mais acessível ao usuário.

4.5 Análise dos termos da área de Filosofia

Para a disciplina de Filosofia, foram escolhidos para as análises os seguintes termos: *ética* e *moral*. Vejamos no seguinte quadro:

Quadro 22 - Termos *ética* e *moral* – Filosofia

Dicionários	Termo: ética	Termo: moral
DLPEB	<i>ética</i> (é.ti.ca) <i>sf</i> Filos. <u>Parte da filosofia que estuda os problemas, princípios e preceitos relacionados com os valores morais e a conduta dos homens.</u> * [Do lat. <i>ethica</i> (do fem. do gr. <i>ethikós</i>).]	moral (mo.ral) <i>sf</i> 1 Conjunto de costumes, valores, etc. que norteia uma conduta das pessoas em geral. 2 Filos. <u>Parte da filosofia que determina as regras de conduta, assentadas na noção do bem e do mal.</u> 3 <i>Bras. Pop.</i> Ação impositiva. * <i>Conseguiu dinheiro na moral.</i> sm. 4 Autoestima, ânimo, coragem. * <i>Elevar o moral.</i> adj. 2g. 5 Referente aos costumes, à moral (1) ou à ética. [Antôn.: <i>amoral</i> , <i>imoral</i> .) Moral da história 1 Lição moral que se infere de um texto literário, ger. de fábulas. 2 Conclusão a que se pode chegar. [PL.: <i>morais</i> .] O [Do lat. <i>moralis</i> , e.]
HOUC	<i>é.ti.ca</i> <i>s.f.</i> 1 conjunto de preceitos sobre o que é moralmente certo ou errado → cf. <i>hética</i> 2 <u>parte da filosofia dedicada aos princípios que orientam o comportamento humano</u> [ETIM: subst. lat. <i>ethica</i> 'ética, moral natural etc.', do ad). gr. <i>êthikós</i> , fem. sing. <i>êthikê</i> 'ético, relativo à moral', substv. no neutro pl. <i>tâ ethicá</i> tratado sobre a moral, ética']	mo.ral <i>sf.</i> 1 conjunto de regras de conduta desejáveis num grupo social < <i>m. burguesa</i> > 2 ensinamento que se tira de uma obra, fábula etc. < <i>entendeu a m. da história?</i> > * <i>s.m.</i> 3 estado de espírito; ânimo, determinação < desânimo * <i>adj.2g.</i> 4 relativo à moral < <i>contos m.</i> > < imoral [ETIM: lat. <i>moraális</i> , e 'relativo aos costumes']
AUL	<i>ética</i> (é. ti. ca) Fil. <i>sf</i> 1 <u>Parte da filosofia que trata das questões e dos preceitos que se relacionam aos valores morais e à conduta humana</u> 2 <u>Conjunto de princípios, normas e regras que devem</u>	moral (mo.ral) <i>sf.</i> 1 Fil. <u>Conjunto de regras de conduta, inerente ao espírito humano, aplicáveis de modo absoluto para qualquer tempo ou lugar, ou a grupo ou pessoa determinada, proveniente dos estudos</u>

	<p><u>ser seguidos para que se estabeleça um comportamento moral exemplar</u> [F: Do gr. <i>ethiké</i>, pelolat. <i>ethica</i>.]</p>	<p>filosóficos sobre a moral 2 Conjunto de regras e princípios de decência que orientam a conduta dos indivíduos de um grupo social ou sociedade (<u>moral</u> burguesa, <u>moral</u> cristã); MORALIDADE [Ant.: <i>imoralidade</i>.] 3 Conjunto de qualidades, capacidades, princípios, maneiras de agir etc. que proporcionam algo ou alguém certa vantagem ou ascendência para se impor, influir, decidir, em determinadas situações 4 Lição que se tira de uma história, de um fato etc.; MORALIDADE: <i>Não há fábula sem moral</i>. sm. 5 O conjunto dos valores morais de cada um: <i>Era dono de um moral inabalável</i>. 6 Estado de espírito; ânimo: <i>Essa notícia levantou o meu moral</i>. a2g. 7 Ref. às regras de conduta e aos costumes aceitos em determinada sociedade (dever <u>moral</u>, valores <u>morais</u>); ÉTICO 8 Que é conforme às regras dos bons costumes, da ética [Ant.: <i>imoral, indecente</i>.] a2g. 9 Que demonstra decência, integridade: <i>O respeito aos mais velhos é uma obrigação moral</i>. 10 Ref. ao espírito, em oposição ao físico, ao material (sofrimento <u>moral</u>) 11 Fil. Ref. ao estudo filosófico da moral [E: Do lat. <i>moralis</i>. Ver tb. <i>imoral e amoral</i>] de * ~ da ~ 1 Frase curta que resume uma lição moral & aprendida ou depreendida de um relato, uma fábula, uma obra literária etc. 2 Conclusão, ideia, julgamento etc. que se extrai de um fato, uma experiência etc.</p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

O DLPEB inclui apenas uma acepção, porém, existe a marca técnica da área *Fil.* (Filosofia.), assim, além de o aluno ter a afirmação de que esse termo condiz com o domínio de estudo, ele também terá a definição para assimilar o conhecimento. O dicionário HOUUC, por sua vez, não contempla o registro diatécnico, mas insere duas acepções, sendo que apenas a segunda está relacionada com a determinada área. Por último, o dicionário AUL demarca a área técnica *Fil.* (Filosofia.) e inclui duas definições. Diferente das acepções analisadas até o momento, esse termo contempla as duas acepções com o registro da área Filosofia, por esse motivo, a demarcação vem antes da classe gramatical.

Em relação ao termo moral, no primeiro dicionário analisado, foram encontradas seis definições para a UL, sendo a segunda acepção referente ao campo de estudo, abarcando a marca *Fil.* (Filosofia.). No segundo dicionário examinado, não se encontra nenhum registro da marca técnica, apenas quatro definições para o consulente verificar. Assim, espera-se que o aluno verifique a primeira acepção e a relacione com o campo da Filosofia, tendo em vista que é a única definição mais relacionada com a área. No dicionário AUL, verifica-se a presença de onze definições para a palavra-entrada *moral*, cada uma delas abarcam um sentido específico.

Há a marcação diatécnica do termo, para a qual é utilizada a seguinte forma *Fil.* (Filosofia.). Essa demarcação aparece nas acepções um e onze, nas quais aparecem dois sentidos do campo de estudo. A primeira é referente ao conjunto de regras que se deve aplicar no dia a dia ou em determinada situação, são as regras morais estabelecidas, e a segunda pertence aos estudos filosóficos da moral. Por esses motivos, essas acepções estão demarcadas.

Em vista das análises apresentadas, nota-se que o DLPEB demarca a terminologia *Fil.* (Filosofia.) nos dois termos, *ética e moral*, e os conceitua de forma que o seu valor especializado fica evidente. Em contrapartida, o HOUC não demarca nenhuma das UL, e dentre as diferentes definições, uma delas se relaciona à Filosofia. Por fim, no AUL ocorre o mesmo que no DLPEB: a obra AUL registra as áreas terminológicas dos dois termos aos seus sentidos especializados. Desse modo, constata-se que os dicionários DLPEB e AUL são os que contém as MDT da área Filosofia, pois o HOUC não possui MDT, mas tem definição da área.

4.6 Análise dos termos da área de Física

No seguinte quadro, estão expostos os termos *termodinâmica* e *escala* que fazem parte da disciplina de Física no Ensino Médio:

Quadro 23 - Termos *termodinâmica* e *escala* – Física

Dicionários	Termo: termodinâmica	Termo: escala
DLPEB	termodinâmica (termo.di.nâ.mi.ca) <i>sf</i> Fis. <u>Parte da física que estuda as relações entre os processos de transformação de energia e o comportamento dos sistemas em que eles ocorrem.</u> * [De <i>term(o)-</i> + <i>dinâmica</i> .]	escala (es.ca.la) <i>sf.</i> 1 Divisões traçadas sobre um instrumento de medição. 2 Em mapas e plantas, indicação gráfica das proporções adotadas para sua elaboração. 3 Lugar de parada de um meio de transporte entre o ponto de partida e o de chegada. 4 O tempo que dura essa parada. 5 Tabela dos horários de trabalho. 6 <i>Fig.</i> Hierarquia, categoria. 7 <i>Mús.</i> Disposição sucessiva, por ordem de altura, das notas que compõem uma oitava. Escala absoluta de temperatura Fis. Ver <i>escala internacional de temperatura</i> . Escala Celsius Fis. Escala de medida de temperatura em que, sob pressão de uma atmosfera, a temperatura de fusão da água corresponde a 0° e a temperatura de ebulição da água corresponde a 100°; escala centesimal ; escala centígrada. Escala centesimal Fis. Ver <i>escala Celsius</i> . Escala centígrada Ver <i>escala Celsius</i> . Escala cromática Mús. Escala composta por uma sucessão de semitons. Escala de cor Art.gr. Conjunto de prova de cores de matriz para impressão. Escala de Richter Geof.

		<p>Escala que mede a magnitude de um abalo sísmico, variável de 1 até 10. Escala de tons inteiros <i>Mús.</i> Escala composta por uma sucessão de tons. Escala diatônica <i>Mús.</i> Escala composta por uma sucessão de tons e semitons diatônicos. Escala Fahrenheit <i>Fis.</i> Escala de medida de temperatura em que a temperatura de fusão da água corresponde a 32° e a temperatura de ebulição da água corresponde a 212°, Escala hexatônica <i>Mús.</i> Escala composta por seis notas. Escala internacional de temperatura <i>Fis.</i> Escala de temperatura em que o ponto triplo da água (ponto no qual a água em estado líquido, sólido e gasoso coexistem em equilíbrio) é fixado em 273,16°K; escala absoluta de temperatura; escala Kelvin. Escala Kelvin <i>Fis.</i> Ver <i>escala internacional de temperatura</i>. Escala octatônica <i>Mús.</i> Escala composta por oito notas, com alternância de tons e semitons. Escala pentatônica <i>Mús.</i> Escala composta por cinco notas. Escala Réaumur <i>Fis.</i> Escala de medida de temperatura em que a temperatura de congelamento da água corresponde a 0° e a temperatura de ebulição da água corresponde a 80°, Escala de Richter <i>Geof.</i> Escala logarítmica, variável de 1 até 10, que mede os abalos sísmicos em termos da energia por eles dissipada. Escala técnica <i>Aer.</i> Parada que precisa ser feita por outros motivos que não o embarque e desembarque. Em grande escala Em grande número. Fazer escala em Entrar em (porto, aeroporto, etc. localizado entre o ponto de partida e o ponto de chegada). * [Do lat. <i>scala, ae.</i>)]</p>
HOUC	<p>ter.mo.di.nâ.mi.ca <i>sf.</i> parte da física que estuda o calor e as demais formas de energia [ETIM: <i>term(o)- + -dinâmica</i>)]</p>	<p>es.ca.la <i>sf.</i> 1 relação entre as proporções de uma representação e as do objeto representado <<i>e. de um mapa</i>> 2 porto ou lugar determinado em que transportes coletivos param para abastecimento, embarque ou desembarque de carga ou passageiros etc. 3 <i>p.ext.</i> o tempo dessa parada 4 tabela de horários de trabalho 5 série de graus ou níveis, dispostos segundo a importância de cada um <<i>e. de valores</i>> 6 <i>Mús.</i> organização de sons em sequência 7 <i>Fis.</i> graduação de um instrumento de medida [ETIM: lat.tar. <i>scala,ae</i> 'escada', no lat. cl. mais us. no. pl. <i>scalae, arum</i> 'degraus, escadaria, escada'] ■ e. Celsius <i>loc. subst.</i> escala de temperatura baseada em dois pontos fixos: o de fusão do gelo e o de ebulição da água, aos quais se atribuem os valores 0 e 100, respectivamente, estando ambos sob pressão de uma atmosfera =></p>

		cf. <i>Celsius</i> na parte enciclopédica . e. cromática loc. subst. Mús. escala formada por semitons . e. de Richter loc. subst. escala que mede o grau de intensidade dos tremores de terra . e. Fahrenheit loc. subst. escala de temperatura us. em países de língua inglesa baseada em dois pontos fixos: o de fusão e o de ebulição da água, aos quais se atribuem os valores 32 e 212, respectivamente => cf. <i>Fahrenheit</i>
AUL	Termodinâmica (ter.mo.di.nâ.mi.ca) sf. Fís. Ramo da física que estuda os processos de transformação de energia e de que maneira os sistemas se comportam durante tais processos [F.: term(o)- + dinâmica.]	Não há registro do termo <i>escala</i> no dicionário AUL.

Fonte: Elaboração própria.

Para a área da Física, examinamos os seguintes termos: *termodinâmica* e *escala*. O DLPEB insere a MDT *Fís.* (Física) para o primeiro termo e, em seguida, a definição científica correspondente. No dicionário HOUC, por sua vez, não é feito o registro técnico, somente há uma acepção que abrange o campo da física de forma categórica, pensando nos consulentes. Enquanto no dicionário AUL, há a presença da marca terminológica *Fís.* (Física), acompanhada do seu sentido específico. Ao analisarmos as três obras lexicográficas, notamos que os dicionários HOUC e AUL, para esse termo, evidenciam a UL da mesma forma, incluindo a MDT e a seu sentido científico.

O termo *escala* é abordado no DLPEB com sete definições e vinte e um campos de locuções⁵³. A demarcação diatécnica está inserida no campo de locuções, incluindo as escalas relacionadas à física. Assim, essas escalas são caracterizadas inicialmente pelos seus nomes, seguidas pelo registro técnico *Fís.* (Física) e, posteriormente, pela descrição do conceito. Verificamos esse procedimento com o seguinte exemplo: **Escala Fahrenheit** **Fís.** Escala de medida de temperatura em que a temperatura de fusão da água corresponde a 32° e a temperatura de ebulição da água corresponde a 212°.

No dicionário HOUC, o termo possui sete acepções, sendo que apenas a sétima demarca o registro técnico *Fís.* (Física) e caracteriza o sentido científico. Para tratar das escalas, a obra utiliza o símbolo das definições⁵⁴, permitindo a enumeração e a separação dos diferentes sentidos dentro da mesma acepção, creio que essa proposta de separação é interessante para os

⁵³ Na verdade, são termos sintagmáticos, mas os dicionários chamam de locuções para deixar uma forma mais genérica de tudo que é formado por mais de dois elementos. Optamos por deixar “campos de locuções”, visto que é mais fácil de compreender. O campo de locuções, nesse dicionário, é caracterizado pelo símbolo “◆”.

⁵⁴ O símbolo que utilizam para separar e/ou enumerar definições de um verbete, quando muda a classe, é o seguinte “■”.

alunos, pois eles poderão visualizar de forma mais clara os diferentes sentidos. Averiguamos esse processo com o seguinte exemplo: **Escala** **Fís.** gradação de um instrumento de medida [ETIM: lat.tar. *scala,ae* 'escada', no lat. cl, mais us. no. pl. *scalae, arum* 'degraus, escadaria, escada'] **e. Celsius** *loc. subst.* escala de temperatura baseada em dois pontos fixos: o de fusão do gelo e o de ebulição da água, aos quais se atribuem os valores 0 e 100, respectivamente,

■ estando ambos sob pressão de uma atmosfera. Por fim, ao examinarmos o dicionário AUL, não encontramos nenhum registro para o termo *escala*.

Ao analisarmos os dados, observamos que o DLPEB se refere ao termo *termodinâmica* como científico e com o registro técnico *Fís.* (Física). Por sua vez, o termo *escala* está composto por sete definições e vinte e um campos de locuções. A marcação diatécnica encontra-se nos campos de locuções, abrangendo diversos tipos de escalas presentes na área da Física. Em contrapartida, o dicionário HOUC não registra a MDT em *termodinâmica*, somente o conceitua em relação à física; já em *escala*, há a MDT *Fís.* (Física) e seu sentido específico.

Já o dicionário AUL caracteriza o primeiro termo com a demarcação *Fís.* (Física) e seu sentido técnico; no entanto, nesse dicionário não há registro da UL *escala*. Após averiguarmos essas informações, concluímos que, para os termos *termodinâmica* e *escala*, o dicionário DLPEB é o mais adequado, no sentido de registrar as áreas técnicas, de forma que, além da demarcação, o sentido é condizente com a área científica.

4.7 Análise dos termos da área de Geografia

Para a disciplina de Geografia, foram escolhidos os termos *território* e *geopolítica*. Como apresentado a seguir:

Quadro 24 - Termos *território* e *geopolítica* – Geografia

Dicionários	Termo: território	Termo: geopolítica
DLPEB	território (ter.ri.tó.ri:o) sm. 1 Terreno extenso. 2 <u>Área pertencente a um país, estado, município, etc.</u> 3 Jur. Área geográfica do Estado sobre a qual se exerce jurisdição. * [Do lat. <i>territorium, ii.</i>]	geopolítica (ge:o.po.lí.ti.ca) <i>sf.</i> Geog. Pol. <u>Ramo da geografia que estuda a influência do meio físico sobre a vida política das nações.</u> * [De <i>ge(o)-</i> + <i>política</i>]
HOUC	ter.ri.tó.rio <i>s.m.</i> 1 grande extensão de terra 2 <u>área de um distrito, município, cidade, país etc.</u> 3 DIR extensão geográfica do Estado sobre a qual ele exerce a sua soberania [ETIM: lat. <i>territorium, ii</i> 'grande área ou extensão de terra delimita da parte da terra ou de uma terra sob jurisdição']	ge.o.po.li.ti.ca <i>sf.</i> <u>geografia política</u> [ETIM: <i>ge(o) - + política</i>] ge.o.gra.fi.a <i>sf.</i> 1 ciência que estuda a Terra e seus fenômenos físicos, biológicos e humanos -> inicial por vezes maiúsc. 2 conjunto das características geográficas de uma região <a g. da Amazônia> 3 <i>p.ext.</i> descrição da

		superfície de outro planeta ou satélite <a g. de Marte> 4 fig. configuração dos aspectos de determinada coisa <a g. da alma humana> [ETIM: gr. <i>geographia</i> , as 'id.', pelo lat. <i>geographia</i> , ae 'id.'] ■ g. física ramo da geografia que trata do aspecto exterior da Terra e das mudanças ocorridas em sua superfície; fisiografia ■ g. humana ramo da geografia que estuda as mudanças no globo terrestre decorrentes da atividade humana; antropogeografia ■ g. política estudo da influência dos fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política de um Estado; geopolítica
AUL	território (ter.ri.tó.ri:io) <i>sm.</i> 1 Ampla extensão de terra; TORRÃO 2 <u>Extensão de terra significativa em relação a seus ocupantes ou a uma unidade política qualquer</u> 3 Área legalmente reconhecida de um município, estado, nação 4 <i>Jur.</i> Em certos países, unidade política sem status de estado e administrada pelo governo federal 5 <i>Jur.</i> Base geográfica do Estado, que exerce sua soberania sobre toda ela, incluindo terras, águas, embarcações, espaço aéreo 6 <i>Ecol.</i> Área ocupada por um animal ou grupo de animais, imprescindível ao equilíbrio de sua sobrevivência [F.: Do lat. <i>territorium</i> .]	geopolítica (ge:o.po.lí.ti.ca) <i>sf.</i> <i>Geog. Pol.</i> <u>Campo de estudo que focaliza a importância da influência de fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política, esp. nas relações internacionais (geopolítica do subdesenvolvimento); geografia política [F.: ge(o)- + política.]</u>

Fonte: Elaboração própria.

Em relação ao termo *território*, o DLPEB insere três acepções, mas nenhuma delas inclui o registro técnico desse campo. Ao analisá-las, observamos que a segunda definição é a mais compatível com o uso científico do termo. Dessa forma, espera-se que o consultante tenha conhecimento do assunto e identifique qual dos sentidos se relaciona com o campo de estudo.

O dicionário HOUc se encontra na mesma situação: ele também lista três definições para *território*, porém nenhuma delas indicam a MDT da Geografia. Deste modo, presume-se que o aluno associe a segunda definição com o âmbito de estudo. Por fim, na obra AUL, visualizamos seis definições para a UL em questão. No entanto, em nenhum dos casos é feita a indicação da MDT do campo geográfico e nas definições apenas a segunda acepção abrange a área. Assim, espera-se que o consultante identifique, com a orientação do professor, que a acepção que assemelha ao campo da pesquisa é a segunda.

O termo *geopolítica*, conforme registrado no DLPEB, possui a marca de uso referente ao registro técnico *Geog. Pol.* (Geografia Política). Esse campo é um ramo da Geografia que estuda às interações entre sociedade, estado e território. Após o registro técnico, no verbete, é apresentada a definição científica da UL. Por outro lado, no dicionário HOUc, o verbete não

dispõe de nenhum registro ou acepção científica, apenas inclui a remissiva *geografia política*. Ao verificar *Geografia Política* no dicionário HOUC, encontramos essa expressão na última acepção do verbete *Geografia*. A ausência de um verbete específico para *Geografia Política* pode dificultar a pesquisa autônoma dos estudantes, uma vez que só terão a atenção de olhar o termo *Geografia* se o professor auxiliar. Verificamos esse processo por meio do exemplo: ■ **g. política** estudo da influência dos fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política de um Estado; geopolítica. Por último, a obra AUL, além de demarcar a área *Geog. Pol.* (Geografia Política), o verbete também apresenta a significação técnica do âmbito e a expressão por extenso, *geografia política*.

Por meio da análise acima, verifica-se que o DLPEB, para o termo *geopolítica*, inclui o registro técnico *Geog. Pol.* (Geografia Política) e sua definição específica. No entanto, *território* não contém marca terminológica, somente três sentidos para o consulente averiguar e relacionar com o campo de estudo. O dicionário HOUC, por sua vez, não registra a marcação técnica para nenhum dos dois termos, apenas abrange definições e pressupõe que o usuário consiga associar uma delas com a área. No caso de *geopolítica*, a obra lexicográfica não traz acepções, apenas insere o termo por extenso, *geografia política* e apresenta uma definição do termo, como subentrada, na entrada de geografia.

Por último, o AUL engloba MDT *Geog. Pol.* (Geografia Política) para o termo *geopolítica*, e para o termo *território* o dicionário não registra a marca, somente inclui definições gerais e algumas específicas de outras áreas, com isso, espera-se que o aluno relacione alguma delas com a temática. Já, em *geopolítica*, ele registra a marca técnica *Geog. Pol.* (Geografia Política) e apresenta o conceito científico. Com base nas análises acima, concluímos que: para o termo *geopolítica* apenas o dicionário AUL e DLPEB registram o campo da Geografia, e para *território* nenhum dicionário analisado indica a MDT da geografia..

4.8 Análise dos termos da área de História

No seguinte quadro, estão expostos os termos *absolutismo* e *feudalismo* que fazem parte da disciplina de História do Ensino Médio:

Quadro 25 - Termos *absolutismo* e *feudalismo* – História

Dicionários	Termo: absolutismo	Termo: feudalismo
DLPEB	absolutismo (ab.so.lu.tis.mo) <i>sm.</i> Pol. Sistema político no qual o chefe de Estado tem poderes ilimitados. * [Do fr. <i>absolutisme</i> .)]	feudalismo (feu.da.lis.mo) <i>sm.</i> Hist. Sistema político, econômico e social que caracterizou a Europa no período da Idade Média, em que a propriedade da terra era cedida pelo senhor feudal ao vassalo em regime de servidão, o

		que criava uma relação de dependência. * [De feudal + -ismo.]
Houc	ab.so.lu.tis.mo <i>s.m.</i> 1 sistema de governo em que o dirigente assume poderes ilimitados 2 <i>p.ext.</i> qualquer forma de tirania [ETIM: fr. <i>absolutisme</i> 'regime de poder absoluto']	feu.da.lis.mo <i>s.m.</i> regime socioeconômico em que os donos de feudos detinham o poder político [ETIM: <i>feudal</i> + <i>-ismo</i>]
AUL	absolutismo (ab.so.lu.tis.mo) <i>sm.</i> 1 Pol. : Sistema de governo em que o chefe de Estado possui poderes políticos irrestritos 2 Qualquer forma de dominação despótica ou tirânica 3 Fil. Concepção filosófica que afirma a validade universal e atemporal dos valores morais, em oposição a princípios relativistas que se atêm a regras, padrões ou conceitos ditados por circunstâncias históricas ou culturais [Ant.: <i>relativismo</i> .] 4 Estét. Princípio difundido desde a filosofia antiga e durante a Idade Média, que considera a beleza como uma emanção intrínseca do objeto contemplado, não influenciável pelo subjetivismo da apreciação estética [F: Do fr. <i>absolutisme</i> .)]	feudalismo (feu.da.lis.mo) <i>sm.</i> Hist. Sistema político, econômico e social que vigorou na Europa durante a Idade Média e que se baseava na propriedade da terra, cedida pelo senhor feudal ao vassalo em regime de servidão [F.: Do fr. <i>fóodalisme</i> ou de <i>feudal</i> + <i>-ismo</i> .)]  O feudalismo prevaleceu na Europa entre os séculos IX e XII, consequência da derrocada de Roma sob as invasões bárbaras e de suas lutas internas, com deterioração dos sistemas de relações humanas e econômicas controladas pelo Estado. No fundamento do sistema estava o domínio absoluto do senhor do feudo sobre sua terra e sobre todos que nela trabalhavam para ele como servos, em troca de proteção e de um mínimo necessário à sobrevivência e à continuação desse trabalho. Um proprietário de terras (o rei, ou um nobre), neste caso um suserano, poderia cedê-la, sob determinadas condições a um nobre (neste caso um vassalo) para que este a explorasse com seus servos. Essa rede de concessões cobriu a Europa, suseranos tornando-se vassalos de outros, até o vértice dessa pirâmide, o rei de uma região, de um país. Junto a todo rei, nesse vértice, sempre a figura central da Igreja, o papa; abaixo deles, duques, condes, viscondes, barões, cavaleiros, e o clero. Abaixo desses, os que pagavam os impostos que mantinham aqueles: camponeses (os livres e os servos) e pequenos artesãos.

Fonte: Elaboração própria.

Para a área de História, os termos contemplados foram: *absolutismo* e *feudalismo*. A UL *absolutismo*, encontra-se registrada no DLPEB apenas como *Pol.* (Política). Sabemos que o absolutismo foi um sistema político, assim, a obra lexicográfica, além de demarcar o termo *política*, deveria registrar a área História, tendo em vista que foi uma concentração de poder no âmbito político que fez parte da história na Europa. Para isso, a definição que o dicionário traz está adequada, somente deveria fazer o acréscimo de abranger a demarcação do campo de estudo da História.

Por outro lado, no dicionário HOUC não contém nenhuma marca técnica, ele inclui duas definições para o conceito, sendo a primeira delas referente ao termo em questão; a obra também discorre, após a etimologia, a definição por extensão “regime de poder absoluto”. Por

último, o AUL abarca várias categorias técnicas: *Pol.* (Político), *Fil.* (Filosofia) e *Estét.* (Estética), não situando a área em questão. Para tanto, a acepção que pode ser relacionada com o campo estipulado é a primeira, no entanto, a obra a registrou com o termo *Pol.* (Político). As outras são relacionadas ao conceito filosófico e aos princípios estéticos da época que envolvem esse campo de estudo.

Para o termo *feudalismo*, o DLPEB faz a demarcação da área terminologia *Hist.* (História) e define a significação científica do contexto em questão, descrevendo o modelo econômico e social, baseado nos aspectos socioculturais da época. Por sua vez, o dicionário HOUC não delimita a área de uso do termo e apenas o conceitua como um regime socioeconômico. Já o dicionário AUL, além de determinar o registro *Hist.* (História) e discorrer a respeito do sentido científico, também inclui uma abordagem enciclopédica. Essa abordagem tem como objetivo informar o consultante sobre os contextos social, cultural, científico, geográfico, econômico etc. Dessa forma, o verbete abrange esse recurso com o intuito de informar como o feudalismo prevaleceu e quais foram seus fundamentos.

Em vista das averiguações, concluímos que o DLPEB, para *absolutismo*, não traz a marcação da área estudada e sua definição está voltada para a política; em *feudalismo*, a obra faz a demarcação *Hist.* (História) e a define tecnicamente. Em contrapartida, o dicionário HOUC não indica as MDT, mas define as duas UL com seus respectivos valores especializados. Por sua vez, no AUL, ocorre o mesmo que o anterior: para *absolutismo*, a obra não registra a MDT e apenas inclui uma definição; já em *feudalismo*, o dicionário insere a marca terminologia e a definição especializada.

Portanto, observamos que: para o lema *absolutismo*, nenhum dos três dicionários insere o registro técnico da História, dessa forma, o consultante terá que possuir um certo conhecimento da área para assimilar as acepções com o campo de estudo ou poderá contar com a orientação de um professor. Contudo, em *feudalismo*, os DLPEB e AUL demarcam a área técnica *Hist.* (História) e os definem em seus conceitos específicos.

4.9 Análise dos termos da área de Língua Portuguesa

Para a disciplina de Língua Portuguesa, os termos escolhidos e analisados foram: *coesão* e *regência*. Vejamos no seguinte quadro:

Quadro 26 - Termos *coesão* e *regência* – Língua Portuguesa

Dicionário	Termo: <i>coesão</i>	Termo: <i>regência</i>
------------	----------------------	------------------------

DLPEB	coesão (co:e.são) <i>sf</i> 1 Fig. Harmonia entre as partes de um todo ou os componentes de um grupo. 2 Fis. Força que se opõe à separação entre os átomos e moléculas de um corpo e é produzida pelas atrações entre eles. 3 Ling. Conexão gramatical ou lexical entre os elementos que compõem uma frase ou texto. [Pl.: <i>coesões</i> .] * [Do fr. <i>cohésion</i> .]	regência (re.gên.ci:a) <i>sf</i> . 1 Ação ou efeito de reger. 2 Governo transitório instituído em um país quando o soberano está impossibilitado e exercer a função. 3 Gram. <u>Relação entre dois termos de uma estrutura sintática, em que um, o regente, é completado por outro, o regido, p.ex., na relação entre um verbo e seus complementos.</u> 4 Mús. Ato de reger, de dirigir orquestra, coral, etc. 5 Hist. Período histórico em que o Brasil esteve sob regência (2), por ser D. Pedro II (1825-1891) menor de idade. [Com inicial maiúscula nesta acp.] * [Do lat. <i>Regentia</i> .]
HOUC	co.e.são [pl.: -ões] <i>s.f.</i> 1 força de atração entre átomos e moléculas que constituem um corpo evitando que este quebre 2 <i>fig.</i> <u>coerência de um pensamento ou de uma obra</u> 3 <i>fig.</i> solidariedade entre os integrantes de um grupo [ETIM: fr. <i>co-hésion</i> 'id.', do lat.medv. <i>cohaesio, onis</i> 'id'.]	re.gên.cia <i>sf</i> 1 governo interino na falta do chefe de Estado, esp. Do monarca 2 HIST B período da história, de 7 de abril de 1831 a 23 de julho de 19840, em que o Brasil foi governado por regentes, dada a menoridade de Pedro II -> inicial maiúsc. 3 GRAM <u>relação de dependência entre termos de uma oração ou entre orações de um período</u> 4 MÚS confusão de execução musical feita por maestro [ETIM: <i>reger</i> + <i>-ência</i> , prov. por infl. do fr <i>régence</i> 'id'.]
AUL	Não há registro do termo <i>coesão</i> no dicionário Aulete	regência (re.gên.ci:a) <i>sf</i> . 1 Ação ou resultado rege(-se) 2 Governo transitório de um país durante ausência ou impedimento de soberano 3 Cargo ou função de regente (2) 4 Gram. <u>Relação entre um termo regente (p. ex.: o verbo) e outro termo que o complementa (p. ex.: o objeto), estabelecida através de uma preposição</u> 5 Mús. Direção de um conjunto de músicos, ger. uma orquestra: A sinfônica terá a regência de um novo maestro. 6 Mús. Arte e técnica de reger um conjunto de músicos 7 Ped. Atividade de, como professor, reger ou dirigir um grupo de estudantes em sala de aula 8 Hist. Período em que o Brasil esteve sob regência (2), devido à minoridade de D. Pedro II (1831-1840) [Nesta acp., com inicial maiúsc.] [F: Do lat. <i>regentia, ae</i> .]

Fonte: Elaboração própria.

Para o termo *coesão*, o DLPEB apresenta três definições, sendo que na terceira acepção há o registro técnico *Ling.* (Linguística), seguido de sua definição especializada. No entanto, na obra HOUC, não há marcação diatécnica nas acepções, apenas a abreviação de *fig* (Figurado) é encontrada. Dentre as três acepções presentes, a segunda é a que mais se assemelha com o sentido da área. Por sua vez, no dicionário AUL, não encontramos o verbete para o termo *coesão*.

Para o termo *regência*, o primeiro dicionário registra a marca técnica *Gram.* (Gramática), na terceira acepção, e, logo em seguida, define o lema de forma técnica, mostrando uma possível estrutura gramatical; já as demais definições contemplam outras áreas. No HOUC, das quatro acepções apresentadas, apenas na terceira há o registro técnico *Gram.* (Gramática) e seu sentido técnico. Por último, no AUL estão dispostas sete acepções com a presença de diversos campos de estudo. A definição que aborda a Língua Portuguesa é a terceira, com a marca terminológica *Gram.* (Gramática) e seu conceito terminológico, nessa definição, ainda são fornecidos exemplos para o melhor entendimento.

Considerando as análises acima, notamos que o DLPEB, para os termos *coesão* e *regência*, inclui duas marcas técnicas da área de Língua Portuguesa, são elas: *Ling.* (Linguística) e *Gram.* (Gramática). O primeiro termo engloba o registro *Lig.* e, o segundo, a marca *Gram.* e suas respectivas definições técnicas. O dicionário HOUC não demarca a terminologia do âmbito de estudo no primeiro termo, mas é possível encontrar uma acepção que está relacionada com a área; já em *regência*, a obra integra a terminologia *Gram.* (Gramática) e seu sentido técnico.

Por conseguinte, não encontramos o termo *coesão* no dicionário AUL. Já, para *regência*, o AUL dispõe sete sentidos, mas apenas no terceiro aparece a marca técnica *Gram.* (Gramática) e a concepção do âmbito de estudo. Em vista disso, concluímos que o DLPEB, para os registros *coesão* e *regência*, é o único dicionário que dispõe os registros diatécnicos para ambas às áreas e os seus sentidos especializados.

4.10 Análise dos termos da área de Matemática

No seguinte quadro, estão expostos os termos *denominador* e *escaleno* que fazem parte da disciplina de Matemática do Ensino Médio:

Quadro 27 - Termos *denominador* e *escaleno* – Matemática

Dicionário	Termo: denominador	Termo: escaleno
DLPEB	denominador (de.no.mi.na.dor) [ô] <i>sm.</i> 1 <i>Arit.</i> Na fração ordinária, o número que fica debaixo do traço, indicando em quantas partes se divide o numerador. <i>adj. sm.</i> 2 Que ou aquilo que denomina. Denominador comum 1 <i>Mat.</i> O mesmo denominador para várias frações ordinárias. 2 <i>Fig.</i> Ponto em que todos concordam em uma discussão. * [Do lat. <i>denominator</i> ; <i>oris.</i>]	escaleno (es.ca.le.no) [ê] <i>adj.</i> <i>Geom.</i> Diz-se do triângulo cujos ângulos são todos desiguais. * [Do lat. <i>scalenus</i> , a, um (este do gr. <i>skalenós</i> , é, ón).]

HOUC	de.no.mi.na.dor /ô/ <i>adj.s.m.</i> 1 que(m) nomeia s.m. 2 MAT número ou termo situado sob o traço de fração, e que representa o divisor [ETIM: lat. denominador, ôris 'o que dá nome'] ■ d. comum <i>loc. subst.</i> 1 MAT qualquer múltiplo dos denominadores de um conjunto de frações 2 <i>infrm.</i> o que dois ou mais seres possuem em comum	es.ca.le.no <i>adj.</i> que tem os dois lados desiguais (diz-se de triângulo) [ETIM: gr. <i>skalenos, é, ón</i> , 'coxo; oblíquo']
AUL	denominador (de.no.mi.na.dor) [ô] a. 1 Que denomina ou designa; que dá nome a (coisa ou pessoa) sm. 2 Aquele ou aquilo que denomina 3 Mat. Numa fração, o termo que fica abaixo do traço e que indica em quantas partes está dividida uma quantidade [F.: Do lat. <i>denominator, oris</i>] ~ comum 1. Mat. Em um conjunto de frações ordinárias, um múltiplo de todos os denominadores do conjunto 2 <i>Fig.</i> Em um grupo de pessoas, opinião, atitude, característica etc. comum a todas, em meio a outras em que há divergência 3 <i>Fig.</i> Aspecto comum a dois ou mais seres	escaleno (es.ca.le.no) a. 1 Geom. Diz-se do triângulo que tem todos os ângulos e lados desiguais 2 Anat. Diz-se de cada um dos músculos que se inserem nas apófises transversas das vértebras cervicais [F: Do gr. <i>skalénos</i> , pelo lat. tard. <i>scalenus</i> .]

Fonte: Elaboração própria.

Para o termo *denominador*, o DLPEB traz quatro definições, sendo duas para as entradas em sua forma simples e duas para as locuções. Na primeira parte do verbete, há o registro técnico *Arit.* (Aritmética), que é um ramo da matemática que estuda as operações, assim, a acepção define esse domínio por meio da fração. No campo de locuções, acha-se a expressão *denominador comum*, em seguida, a marca terminológica *Mat.* (Matemática) e seu conceito especializado. Podemos verificar esse processo no seguinte exemplo: **denominador** **Arit.** Na fração ordinária, o número que fica debaixo do traço, indicando em quantas partes se divide o numerador. **adj. sm. 2** Que ou aquilo que denomina. **Denominador comum 1** **Mat.** O mesmo denominador para várias frações ordinárias.

O mesmo ocorre com o dicionário HOUC, visto que também está adicionado o campo de locuções no verbete, em que encontramos dois conceitos para a área de *Mat.* (Matemática). O primeiro contempla o número que representa o divisor na fração; já em *d. comum* (denominador comum), a primeira acepção discorre acerca de um conjunto de frações de múltiplos denominadores. Averiguamos esse processo por meio do exemplo: **de.no.mi.na.dor** **2** **MAT** número ou termo situado sob o traço de fração, e que representa o divisor [ETIM: lat. denominador, ôris 'o que dá nome'] ■ **d. comum** *loc. subst.* **1** **MAT** qualquer múltiplo dos denominadores de um conjunto de frações

Na sequência, o dicionário AUL considera seis definições para o termo, consistindo em três definições para a entrada em sua forma simples e três para as locuções. Na parte inicial do verbete, temos a primeira acepção que registra a MDT *Mat.* (Matemática) e o seu sentido na equação; por sua vez, o *denominador comum* é determinado por três definições, na primeira

delas, há a MDT *Mat.* (Matemática) e o sentido de um conjunto de frações. Podemos verificar esse processo a seguir: **denominador** *Mat.* Numa fração, o termo que fica abaixo do traço e que indica em quantas partes está dividida uma quantidade [F.: Do lat. *denominator, oris*] ~ **comum 1. *Mat.*** Em um conjunto de frações ordinárias, um múltiplo de todos os denominadores do conjunto

O termo *escaleno* aparece no primeiro dicionário com o registro *Geom.* (Geometria). A Geometria é uma área da matemática que estuda as formas geométricas, dessa forma, a obra discorre a respeito do seu sentido em seu formato. Em contrapartida, o HOUC não marca nenhuma técnica para a UL e a conceitua de maneira clara e objetiva, dando conta de explicitar o sentido especializado da entrada. A terceira obra, não obstante, engloba dois conceitos para o termo, sendo o primeiro responsável por conter o registro técnico *Geom.* (Geometria) e sua definição técnica.

À vista das análises acima, observamos que a obra DLPEB, para o termo *denominador*, registra a marca técnica *Arit.* (Aritmética) que faz parte do campo de estudo. Também traz sua definição técnica e, logo depois, inclui uma locução e a MDT *Mat.* (Matemática) com o seu sentido. Já, na UL *escaleno*, a obra demarca a área especializada *Geom.* (Geometria), outra área situada na matemática, e seu sentido específico. O HOUC, para o primeiro termo, integra a marca *Mat.* (Matemática) tanto na definição comum quanto na definição por locução e seus respectivos conceitos técnicos. Em *escaleno*, a obra não tem MDT mas a define de forma objetiva.

Por sua vez, o dicionário AUL inclui seis definições para *denominador*, duas delas estão registradas pela terminologia *Mat.* (Matemática) e com conceitos técnicos do campo de estudo. Em *escaleno*, a obra integra duas conceituações, sendo uma delas com o registro técnico *Geom.* (Geometria) e seu sentido. Tendo em vista o que examinamos, concluímos que os dicionários AUL e DLPEB, para os termos *denominador* e *escaleno* são os que trazem os registros das MDT de forma clara para o consulente.

4.11 Análise dos termos da área de Química

Para a disciplina de Química, os termos analisados e expostos são: *hidrocarboneto* e *oxidação*.

Quadro 28 - Termos *hidrocarboneto* e *oxidação* – Química

Dicionários	Termo: hidrocarboneto	Termo: oxidação
-------------	-----------------------	-----------------

DLPEB	hidrocarboneto (hi.dro.car.bo.ne.to) [ê] <i>sm.</i> Quím. <u>Composto químico constituído de átomos de carbono e de hidrogênio.</u> * [De <i>hidr(o)-</i> + <i>carboneto</i>]	oxidação (o.xi.da.ção) [cs] <i>sf.</i> 1 Ação ou efeito de oxidar(-se); oxigenação. 2 Quím. <u>Processo de perda de um ou mais elétrons por um átomo, molécula ou substância.</u> 3 Quím. <u>Processo por meio do qual uma substância se liga a uma molécula de oxigênio, ou em que ela perde uma molécula de hidrogênio.</u> 4 Quím. <u>Processo em que o número de oxidação de um elemento aumenta.</u> [Pl.: <i>oxidações.</i>]
HOUC	hi.dro.car.bo.ne.to /ê/ <i>s.m.</i> <u>composto formado apenas por carbono e hidrogênio</u> [ETIM: <i>hidr(o)-</i> + <i>carboneto</i>]	o.xi.da.ção /cs/ [pl.: -ões] <i>s.f.</i> ato ou efeito de oxidar [ETIM: <i>oxidar</i> + -ção] o.xi.dar /cs/ <i>v.</i> {mod. 1} <i>t.d.</i> e <i>pron.</i> 1 combinar(-se) com oxigênio 2 <i>p.ext.</i> cobrir(-se) de ferrugem; enferrujar(se) < desenferrujar t.d. QUÍM 3 <u>provocar perda de elétrons</u> a (íon, molécula) [ETIM: <i>óxido</i> +-ar]
AUL	Hidrocarboneto (hi.dro.car.bo.ne.to) [ê] <i>sm.</i> Quím. <u>Substância composta por átomos de carbono e hidrogênio;</u> HIDROCARBURETO [F.: <i>hidro(o)-</i> + <i>carboneto</i>]	oxidação (oxi.da.ção) [cs] Quím. <i>sf.</i> 1 <u>Ação ou resultado de oxidar;</u> OXIGENACÃO 2 <u>Fixação de oxigênio em um corpo</u> 3 <u>Processo reativo que, ao envolver um elemento químico, acarreta perda de elétrons e, como consequência, aumento de sua carga</u> [Pl.: -ções.] [F.: <i>oxidar</i> + -ção. Ant. ger.: <i>desoxidação.</i>]

Fonte: Elaboração própria.

Para o termo *hidrocarboneto*, o DLPEB registra a MDT *Quím.* (Química) e seu sentido aparece com uma conceituação específica do âmbito de estudo. No dicionário HOUC, por sua vez, não está inserida nenhuma MDT e o conceito evidenciado trata da referência ao composto químico. Em contrapartida, na obra lexicográfica AUL, além de conter a marca terminológica *Quím.* (Química), também há a definição especializada da substância em questão.

O termo *oxidação* é inserido pelo DLPEB com quatro acepções, sendo três delas registradas com a terminologia *Quím.* (Química). A primeira acepção em que a MDT é registrada, trata a respeito do processo de perda de elétrons; a segunda discorre sobre como se dá o processo; e a última refere-se ao processo em que o número de oxidação aumenta. Esses conceitos técnicos podem acabar confundindo o aluno do Ensino Médio, já que são definições difíceis. Visto isso, o autor poderia utilizar definições mais simples, contanto que sejam claras e objetivas para o consulente.

Ao averiguar o termo *oxidação*, no dicionário HOUC, encontramos a definição “ato ou efeito de oxidar”. Supondo que o discente não saiba o que é *oxidar*, ele recorrerá à UL *oxidar* e encontrará três definições. Por conseguinte, o usuário verificará que apenas a última acepção do verbete registra a MDT *Quím.* (Química), sendo assim, uma conceituação resumida e objetiva para o aluno. Por fim, o dicionário AUL, além de dispor o registro técnico *Quím.* (Química), discorre, nas três acepções, a respeito do sentido do termo em questão. Dessa forma, ele descreve a ação e o resultado do processo de oxidação.

Portanto, os termos *hidrocarboneto* e *oxidação*, no DLPEB, estão registrados pela MDT *Quím.* (Química) e conceituados em seus âmbitos científicos. O termo *oxidação*, em especial, está definido em três formas da química, assim, contribui para melhor entendimento do aluno. No dicionário HOUÇ, o termo *hidrocarboneto* não tem marcação técnica e a definição é realizada por meio da descrição de como é formado esse composto químico; o termo *oxidação* está com um conceito resumindo, direcionando o estudante a ir ao verbete *oxidar* e deparando-se com três acepções, sendo apenas a última relacionada e registrada pela técnica *Quím.* (Química).

Finalmente, o dicionário AUL, para os termos mencionados acima, além de registrar a marca técnica em todas as suas definições, ele também os conceitua de forma científica, especialmente *oxidação* que apresenta três concepções. Dessa maneira, notamos que os dicionários AUL e DLPEB, para esses termos, são os que trazem as melhores informações a respeito do conceito técnico e a MDT da área de Química.

4.12 Análise dos termos da área de Sociologia

No seguinte quadro, está exposto os termos *ideologia* e *sociedade* que fazem parte da disciplina de Sociologia:

Quadro 29 - Termos *ideologia* e *sociedade* – Sociologia

Dicionários	Termo: ideologia	Termo: sociedade
DLPEB	ideologia (ide:o.lo.gi.a) <i>sf.</i> <u>Conjunto das ideias que orientam as ações de um grupo, de uma pessoa, etc.</u> * [Do fr. <i>idéologie</i> .)]	sociedade (so.ci:e.da.de) <i>sf.</i> 1 Conjunto de seres que vivem em grupos organizados. sociedade de formigas. 2 <u>Conjunto de indivíduos que vivem em determinado território, sujeitando-se às mesmas regras e compartilhando costumes, história, etc.</u> 3 Associação de pessoas destinada a promover interesses ou atividades comuns. * <i>Sociedade para o Progresso da Ciência</i> . 4 <i>Jur.</i> Duas ou mais pessoas que se juntam para determinado negócio.  Sociedade anônima <i>Econ.</i> Empresa com capital dividido em ações e responsabilidade limitada ao capital social. Sociedade da informação Modelo de organização em que produção, processamento e distribuição de informação são as atividades primárias. Sociedade do conhecimento Modelo de organização que tem por base o capital humano ou intelectual, no qual o conhecimento é o principal fator estratégico de riqueza e poder, tanto para as organizações quanto para os países. * [Do lat. <i>societas, atis</i> .]

<p>Houc</p>	<p>ide.olo.gi.a s./ 1 ciência das ideias 2 conjunto de ideias, crenças, tradições, princípios e mitos, sustentados por um indivíduo ou grupo social, de uma época, de uma sociedade [ETIM: <i>ide(o)- + -logia</i>]</p>	<p>so.ci.e.da.de s.f. 1 agrupamento de seres que convivem em colaboração mútua 2 conjunto de pessoas que vivem em determinado período de tempo e lugar, seguindo normas comuns (s. <i>medieval</i>) 3 grupo de pessoas que vivem, por vontade própria, sob normas comuns; comunidade, coletividade 4 grupo que, sob contrato, une recursos para certo fim, negócio etc. [ETIM: lat. <i>societas, dtis</i> 'associação, reunião, sociedade, comunidade, participação; a sociedade humana' E] * s. anônima loc.subst. empresa mercantil cujo capital é dividido em ações * alta s. loc.subst. elite, alta-roda</p>
<p>AUL</p>	<p>ideologia (i.de:o.lo.gi.a) sf 1 Ciência da formação das ideias e de um sistema de ideias 2 <i>Fil. Pol. Rel. Soc.</i> Sistema articulado de ideias, valores, opiniões, crenças etc., organizado como corrente de pensamento, como instrumento de luta política, como expressão das relações entre classes sociais, como fundamento de seita religiosa etc. 3 <i>Fil.</i> No marxismo, o conjunto das formas de consciência social que tem por finalidade legitimar a classe dominante ou, no lado oposto, os interesses revolucionários da classe proletária 4 <i>Hist.</i> Conjunto das ideias e convicções próprias de uma época, uma sociedade, uma classe etc., e que caracterizam uma situação histórica [F.: <i>ideo-</i> + <i>-logia</i>.]</p>	<p>Sociedade (so.ci.e.da.de) sf. 1 Qualquer conjunto de seres vivos que mantêm uma organização coletiva (<i>sociedade</i> humana/ de formigas) 2 Conjunto de pessoas que desfrutam o mesmo território e a mesma história, com costumes e leis comuns (<i>sociedade</i> russa/brasileira) 3 Conjunto de pessoas que vivem numa mesma época e contexto cultura (<i>sociedade</i> bizantina/moderna) 4 Agrupamento de pessoas que têm ideais e normas comuns (<i>sociedade</i> de frades/de <i>hippies</i>) 5 Vida gregária, de convivência, comunicação: <i>Mal ou bem, vai ter de viver em sociedade</i> 6 Grupo de pessoas que se reúnem formalmente em torno de atividade ou interesse comum, como associação, gremiação ou equivalente (<i>sociedade</i> de músico/de comerciantes) 7 <i>Jr</i> Participação, como sócio, do capital de uma empresa: <i>Ambos têm sociedade Aires & Cia</i> 8 Associação de pessoas com objetivos humanitários, filantrópicos culturais (<i>sociedade</i> beneficente, <i>sociedade</i> de astronomia) 10 O local onde se reúnem essas pessoas 11 Conjunto das pessoas de classe alta que se reúnem, se frequentem na vida mundana; SOÇAITE 12 Frequência, convivência habitual de pessoas de um mesmo lugar: <i>É um lugar pequeno, atrasado, há pouca sociedade.</i> 13 <i>Soc.</i> Reunião de indivíduos que vivem num determinado período num certo regime econômico (de produção e de consumo) e político, sob as mesmas leis e normas de conduta e que, mesmo estruturados em distintos níveis sociais, têm a percepção de formarem um grupo [F.: Do lat. <i>Societas, atis</i>] Alta ~ <i>Pop.</i> Designação da camada social das pessoas ricas, ou consideradas importantes no contexto social Em ~ 1 Em parceria, em associação de interesses: <i>Montaram o quiosque em sociedade.</i> 2 No contexto da alta sociedade, <i>Em sociedade, nenhum segredo se mantém por muito</i></p>

		<p><i>tempo.</i> Grandes ~s <i>Ant.</i> Antigas agremiações carnavalescas que organizavam desfile de carros alegóricos, esp. No Rio de Janeiro, ger. na terça-feira de carnaval ~ anônima <i>Jur.</i> <i>Com.</i> Empresa que visa o lucro e cujo capital é dividido em ações, cabendo a cada proprietário de ações responsabilidade proporcional ao percentual de ações que possui ~ civil 1 <i>Jur.</i> Aquela que não por ser objetivo atividade comercial, ou que vise a lucro 2 <u>A sociedade considerada como conjunto de associações e interações entre os cidadãos organizados segundo valores ou ideais ou interesses, relativos aos vários aspectos da vida social (econômicos, políticos, religiosos, de trabalho etc.)</u> e p. opos. À ação universalista do Estado ~ comercial <i>Com.</i> <i>Jur.</i> Associação de pessoas num contrato social que visa a desenvolver atividade comercial, com rateio de investimento, custeio, lucro e perda ~ da informação Estado ou condição de uma sociedade na qual é grande a importância social, política, economia e cultural da produção e divulgação de informação ~ de capital e indústria <i>Com.</i> <i>Jur.</i> A que é formada por dois tipos de sócios: o que investe os fundos (capital) para sua formação de uma cultura e um comportamento típico) na produção e no consumo de grande variedade de bens materiais e serviços ~ de economia justa <i>Jur.</i> <i>Com.</i> Empresa de economia mista (ver no verbete empresa) ~ de economia mista <i>Jur.</i> <i>Com.</i> Empresa de economia mista ver no verbete empresa) ~ por cotas <i>Jur.</i> <i>Com.</i> Sociedade mercantil ou civil cujo capital é dividido em cotas que limitam, cada uma, a responsabilidade do sócio que a detém, e que tem a designação de limitada em sua razão social.</p>
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Para ser possível analisar os termos da área de Sociologia, os seguintes lemas foram escolhidos: *Ideologia* e *Sociedade*. Em relação ao primeiro termo, o DLPEB não insere MDT referente à área de Sociologia e apenas inclui uma definição técnica da UL. Por sua vez, o dicionário HOUC, abrange dois conceitos para a expressão, sendo a segunda acepção responsável por descrever uma concepção específica do campo de estudo.

Em contrapartida, a obra lexicográfica AUL engloba 4 acepções para a UL, dentre elas, só a segunda tem o registro técnico *Soc.* (Sociologia) e de outras áreas: *Fil.* (Filosofia), *Pol.* (Política) e *Rel.* (Religião). Esta definição inclui os diversos âmbitos de estudo, conceituando o sistema de crenças, valores, ideias e opiniões que envolvem o termo em sociedade. Assim, além

dos registros técnicos, o consulente também terá os diferentes domínios para compreender o sentido da expressão.

Para a expressão *Sociedade*, o DLPEB contém quatro acepções e três locuções relacionadas às diferentes sociedades. Dentre esses registros, nenhum demarca a terminologia em questão. Já o sentido, o segundo apresenta maior proximidade com o conceito utilizado no campo de estudo, considerando que nele contém o registro especializado da área. Por seu turno, o dicionário HOUC abarca quatro acepções e em nenhuma das definições há a MDT. Porém, unicamente a segunda aborda o conceito relacionado à área em questão.

Em contrapartida, a obra lexicográfica AUL inclui treze acepções e onze locuções. A locução ~ *civil* (sociedade civil), em seu segundo conceito, está referindo-se à concepção técnica do campo da Sociologia. Apesar disso, essa acepção não tem nenhuma demarcação. Por outro lado, a décima terceira definição faz parte do âmbito de estudo e está registrada como *Soc.* (Sociologia), dessa forma, ela aborda o conceito científico da esfera sociológica.

Nesse sentido, ao examinarmos os termos da área de Sociologia, notamos que, no dicionário AUL, os termos *Ideologia* e *Sociedade* não apresentam MDT, apenas registram uma definição técnica para o lema. No HOUC, ocorre o mesmo que no dicionário anterior: não há registro de MDT para os dois termos e, das definições incluídas, há somente um registro especializado do âmbito de estudo em questão. Por fim, o dicionário AUL, para a expressão *Ideologia*, registra a marca técnica *Soc.* (Sociologia) e a sua definição científica; e, para *Sociedade*, há um registro da MDT *Soc.* (Sociologia) e duas acepções que englobam o campo de estudo. À vista disso, concluímos que a obra lexicográfica AUL, para os lemas citados acima, é o dicionário adequado ao público-alvo, tendo em vista sua conjuntura de informações.

4.13 Considerações sobre os dados

Nas subseções anteriores, analisamos os dados de cada dicionário em relação ao tratamento das MDT. O quadro 30 retrata essa análise por meio das potencialidades e fragilidades encontradas nessa análise dos termos, destacando se cada obra inclui a MDT, se oferece definições, e de que forma essas informações são apresentadas. Essa análise nos permitiu identificar os pontos fortes e fracos de cada obra e estabelecer critérios para os parâmetros lexicográficos que apresentamos na seção 5. Vejamos o quadro 31 com as potencialidades e fragilidades dos três dicionários:

Quadro 30 - Potencialidades e fragilidades dos termos analisados

Dicionários	Potencialidades	Fragilidades
DLPEB	<ul style="list-style-type: none"> • Na <i>Front Matter</i> da obra, as abreviações utilizadas para designar as MDT, estão inseridas separadamente das demais abreviações. • Na maioria dos termos, o DLPEB evidencia as MDT ou alguma área especializada que está dentro do âmbito de estudo central, exemplo de: <i>coesão</i> Ling. Percebe-se que a → linguística é um ramo da Língua Portuguesa; visto isso, o consulente • Na maioria dos termos, o dicionário define às UL com seu sentido científico. • Nota-se que, em algumas UL, as acepções incluem locuções com expressões referentes ao conceito técnico, por exemplo: <i>denominador</i> → e <i>denominador comum</i>. Ambos os termos apresentam o registro diatécnico da área. • Na UL <i>impressionismo</i>, além da marca técnica e o sentido científico da área, o dicionário pede para conferir em outro lema <<i>expressionismo</i>>. Assim, o consulente terá mais informações dos movimentos que ocorreram na época. • Em diversas UL, o DLPEB insere vários sentidos para a UL ou inclui uma definição plena dela. • Em <i>homeostase, basquete e vôlei</i>, o dicionário sugere ao consulente verificar em <i>homeóstase, basquetebol e voleibol</i>, indicando ao aluno as formas extensas da UL para entender que há formas reduzidas. • Definições científicas para definir os termos e na obra há campos de locuções com expressões referentes ao conceito técnico. 	<ul style="list-style-type: none"> • Em alguns termos, o dicionário não registra a MDT da UL, como verificado em: <i>vanguarda, homeostase, território, absolutismo, ideologia, sociedade</i>, dificultando a compreensão do discente em relação à área da unidade. • Nas UL <i>território, absolutismo e sociedade</i> a obra lexicográfica insere apenas a MDT de outros âmbitos técnicos, como verificado em: <i>território</i> → Jur.; <i>absolutismo</i> → Pol.; <i>sociedade</i> → Econ., Jur., deixando de registrar o âmbito da Geografia, da História e da Sociologia. • Não há informações na <i>Middle Matter</i> dos termos averiguados.

HOUC	<ul style="list-style-type: none"> • Em algumas UL, há mais de um sentido. • Nos termos <i>denominador</i> e <i>escala</i>, o dicionário insere as MDT de ambas as áreas, a Matemática e a Física, incluindo os campos de locuções. • Nos termos <i>mutação</i> e <i>regência</i>, a obra dispõe das MDT nos verbetes de ambas as áreas, Biologia e Língua Portuguesa. • Os termos <i>escaleno</i>, <i>oxidação</i>, <i>feudalismo</i>, <i>geopolítica</i>, <i>termodinâmica</i> e <i>homeostase</i>, possuem sentidos simplificados para que os alunos entendam melhor os conceitos. • Em <i>geopolítica</i>, <i>hemóstase</i> e <i>basquete</i> o dicionário indica remissiva com a forma por extenso. 	<ul style="list-style-type: none"> • Na <i>Front Matter</i> da obra, as abreviações utilizadas para designar as MDT, estão juntas com as demais abreviações utilizadas no dicionário, dificultando a compreensão do aluno. • A grande parte dos termos analisados não possuem o registro diatécnico. • No termo <i>geopolítica</i>, não há o registro da MDT e do sentido científico da UL. O dicionário aponta o termo por extenso, que pode ser a forma mais utilizada. • Em <i>escaleno</i>, não há demarcação da MDT do âmbito científico. • O termo <i>oxidação</i> é definido como “ato ou efeito de oxidar”, percebe-se que não há um sentido técnico e nem a presença da MDT. Para uma melhor compreensão do termo, é necessário consultar o verbete <i>oxidar</i>. No entanto, o dicionário não indica a necessidade de consultar o termo <i>oxidar</i>, o que dificulta a pesquisa e demonstra uma lacuna na obra lexicográfica. • Em <i>homeostase</i>, não há o sentido técnico dessa unidade. Por isso, o usuário precisa verificar o termo <i>homeostasia</i> para compreender a UL em sua totalidade. Em ambos os termos não há o registro diatécnico. • O termo <i>basquete</i> não possui marcação especializada e nem uma definição da UL. O consulente deve consultar o termo <i>basquetebol</i> para entender o sentido técnico. • Não há informações na Middle Matter dos lemas examinados.
AUL	<ul style="list-style-type: none"> • Na <i>Front Matter</i> da obra, as abreviações utilizadas para designar as MDT estão inseridas separadamente das demais abreviações. Avaliamos como positivo esse procedimento no dicionário, visto que o consulente não terá dificuldades para separar o que 	<ul style="list-style-type: none"> • Nos termos <i>território</i> e <i>absolutismo</i>, o dicionário AUL não insere a MDT. • Os termos <i>escala</i> e <i>coesão</i>, não estão registrados no dicionário AUL.

	<p>é uma abreviação da MDT das demais abreviações.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A grande parte dos termos analisados, apresentam o registro da MDT das respectivas UL. • Todos os termos analisados tem o registro do seu sentido técnico. • Nos verbetes referentes aos lemas <i>vôlei</i>, <i>voleibol</i> e <i>feudalismo</i>, além de apresentarem os registros terminológicos de cada área e seus sentidos técnicos, o AUL adicionou uma abordagem enciclopédica. Nela está presente um resumo das informações relacionadas ao contexto social, cultural, científico etc., do termo. • O termo <i>homeostase</i>, no dicionário AUL, está com a definição e o registro terminológico. 	
--	--	--

Fonte: Elaboração própria.

Com base no quadro 31, no DLPEB, encontramos um número quase equivalente de potencialidades e fragilidades. Observamos que a principal potencialidade encontrada nesse dicionário é o registro das MDT na maioria dos termos. Além dessa recorrência, a obra lexicográfica insere definições científicas precisas para definir os termos e preocupa-se em adicionar o campo de locuções com expressões referentes ao conceito científico. Outro aspecto importante, é a solicitação de conferir outros lemas relacionados, o que auxilia na compreensão do sentido e proporciona um melhor entendimento ao consulente.

No entanto, nos termos *vanguarda*, *homeostase*, *território*, *absolutismo*, *ideologia* e *sociedade*, o dicionário não registra as MDT das UL. Por isso, o usuário necessita ter um conhecimento prévio dos âmbitos de estudo para que entenda de qual área é cada termo. Notamos, também, que o dicionário prioriza outros campos de estudo ao deixar de registrar o âmbito da Geografia, da História e da Sociologia nos seguintes lemas *território*, *absolutismo* e *sociedade*, limitando o entendimento do aprendiz sobre esses conceitos.

Ao analisar o DLPEB, verificamos que, apesar das fragilidades, o dicionário tem potencial de melhoria para se tornar um material didático eficaz para seu público-alvo, visto que essa obra lexicográfica registra, na maioria das UL, a área terminológica e seu sentido técnico, além de incluir nas acepções as locuções e remissões a outros lemas, facilitando a

compreensão do usuário. No entanto, as fragilidades encontradas no DLPEB são questões a serem resolvidas para que se torne uma ferramenta didática efetiva em sua totalidade.

No dicionário HOUC identificamos alguns pontos como a falta de inclusão de determinadas áreas e a ausência na apresentação de informações relativas às MDT. Entre as potencialidades, a obra lexicográfica registra alguns termos com mais de uma definição e, nas UL *denominador e escala*, o dicionário insere as MDT de ambas as áreas, especificando o sentido técnico e o campo de locuções de cada uma.

As fragilidades encontradas nesse dicionário são diversas: a maioria dos termos não possui o registro terminológico; na UL *geopolítica*, está evidenciado apenas o termo por extenso, faltando a definição e a marca terminológica, o que demonstra uma grande fragilidade; em *oxidação*, o termo não possui a MDT, assim, o consulente precisa fazer a leitura da definição fornecida pelo dicionário e, por conta própria, verificar o termo *oxidar* para verificar a MDT.

Apesar de não incluírem o registro diatécnico em todos os lemas, a obra explica em sua *Front Matter* como está disposta a MDT: “As acepções neste dicionário, especialmente quando se trata de terminologia, têm indicação da área do saber ou fazer humano a quem pertencem por meio de uma rubrica temática [...]” (Houaiss, 2011, p. 13). Observa-se que o autor da obra reconhece a importância de indicar as áreas nos lemas técnicos, porém, não encontramos essa marcação em metade dos termos analisados.

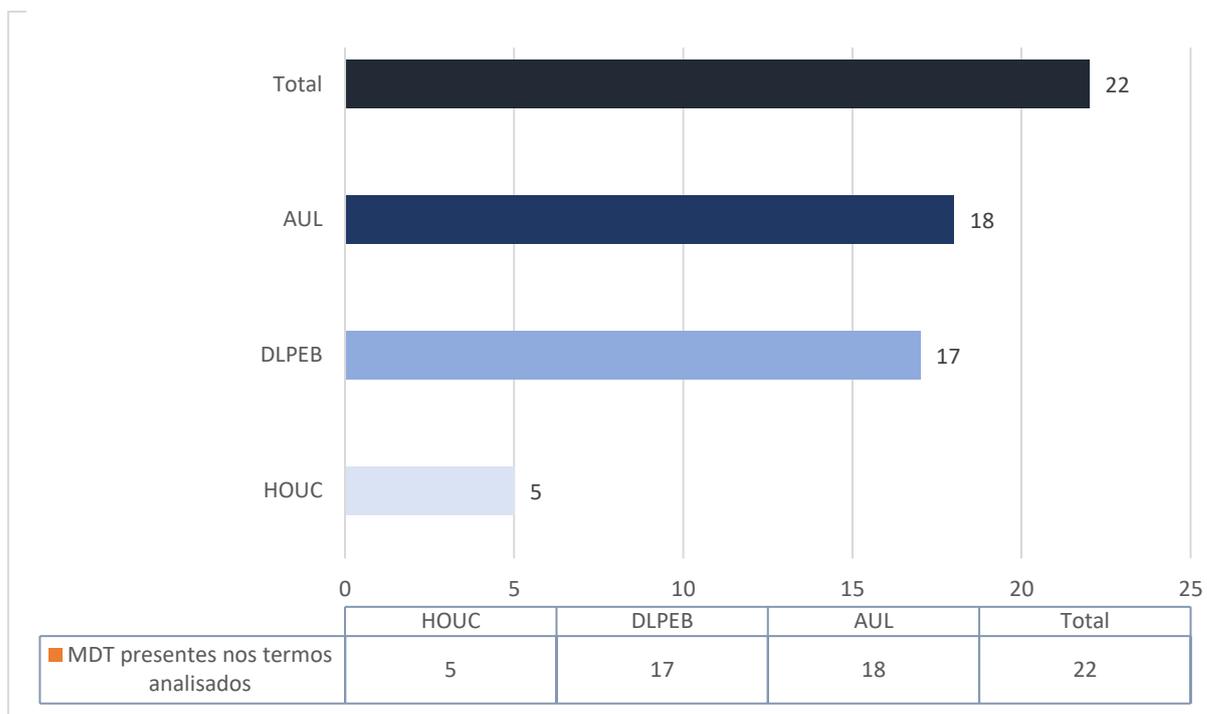
Conforme verificado no quadro 31, apenas o dicionário AUL que insere informações adicionais, como às achegas enciclopédias, para os termos *vôlei* e *feudalismo*. Esse recurso é necessário para o consulente ter mais informações sobre os lemas, por isso, é importante os dicionários HOUC E DLPEB adicionarem intervenções em formas de ilustrações ou informações verbais, como o caso da obra AUL, para que o aluno tenha mais informações a respeito do lema verificado e o compreenda melhor.

O dicionário HOUC possui muitas lacunas, dificultando o entendimento dos termos. Para garantir que essas lacunas sejam preenchidas e que essas fragilidades sanadas, o lexicógrafo da obra deveria garantir que os termos tenham as MDT para sanar as possíveis dúvidas do público-alvo. São recursos que necessitam ser utilizados para que o dicionário HOUC se torne uma ferramenta didática mais completa e eficaz, podendo ser utilizada em todas as suas potencialidades.

No dicionário AUL, o número de potencialidades é superior ao de fragilidades, visto que quase todos os termos analisados possuem o registro da MDT e a definição com o sentido especializado. As fragilidades, por sua vez, estão na falta de registro técnico nos termos *território* e *absolutismo*, bem como na ausência dos termos *escala* e *coesão* no dicionário.

Para verificar as porcentagens de MDT em cada dicionário, elaboramos o quadro 32 que apresenta um gráfico comparativo da frequência dessas marcas nos dicionários analisados, permitindo identificar qual obra apresenta maior quantidade dessas marcas nos termos examinamos. A saber:

Quadro 31 - Gráfico quantitativo das marcas diatécnicas



Fonte: Elaboramos própria

O quadro 32 mostra que o dicionário AUL apresenta maior quantidade de MDT entre os três dicionários analisados, com 18 ocorrências dos 22 lemas analisados. O DLPEB registra 17 ocorrências, enquanto o HOUC apresenta apenas 5. Por conseguinte, verificamos que o AUL é o dicionário que apresenta o maior número de MDT do que os demais dicionários analisados.

4.14 Considerações gerais sobre as análises

Nesta seção, apresentamos uma análise dos critérios lexicográficos empregados para os termos selecionados. Para tanto, consideramos as questões que utilizamos para orientar nossa pesquisa e, com base nos objetivos estabelecidos, temos:

- (i) As marcas diatécnicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa?

Conforme as análises e as reflexões realizadas, averiguamos que todos os dicionários trazem o registro da MDT, ainda que alguns dicionários registrem essa marca regularmente em seus termos e outros não.

O DLPEB apresenta o registro da MDT em quase todos os lemas examinados. Porém, nos termos das áreas da Artes – *impressionismo (Art. pl.)*; Biologia – *homeóstase (Fisiol. Med.)*, *mutação (Fisiol.)*; Educação Física – *basquete (Esp.)*, *basquetebol (Esp.)*, *vôlei (Esp.)*, *voleibol (Esp.)*; Língua Portuguesa – *coesão (Ling.)*, *regência (Gram.)*; Matemática – *denominador (Arit.)*, *escaleno (Geom.)*; e Geografia – *geopolítica (Geog. Pol.)*, vemos que o dicionário, em vez de registrar o âmbito de estudo central, registra algum ramo de estudo que está dentro da área principal. Esse registro não é considerado uma fragilidade do dicionário, levando em consideração que a obra está especificando o âmbito da UL, facilitando a relação do consulente entre o termo e a sua área de estudo.

Em relação aos termos das áreas de Química – *hidrocarboneto (Quim.)*, *oxidação (Quim.)*; Matemática – *denominador comum (Mat.)*⁵⁵; História – *feudalismo (Hist.)*; Física – *termodinâmica (Fís.)*, *escala (Fís.)*; Filosofia – *ética (Fil.)*, *moral (Fil.)*, nota-se que estão demarcadas com a área terminológica de cada um, evidenciando o campo principal de estudos de cada área. Por fim, as demais UL não abrangem a área técnica ou possuem a demarcação de outros campos de estudos, que não estão relacionados com as disciplinas analisadas nesta pesquisa.

Observa-se que, por meio das análises, o DLPEB apresenta, por um lado, o registro das marcas técnicas na maioria dos termos examinados, demarcando algum ramo da área de estudo ou a própria área. Por outro lado, os lemas que não estão marcados com o âmbito de estudo dispõem de fragilidades, o que evidencia a precisão do dicionário atentar às necessidades do consulente, uma vez que é essencial que o usuário tenha uma compreensão mais objetiva do termo.

No dicionário HOUC, apenas os termos das áreas Matemática – *denominador (MAT.)*; Física – *escala (Fís.)*; Biologia – *mutação (GEN.)*; e Língua Portuguesa – *regência (GRAM.)* possuem a MDT do campo de estudo ou de um ramo específico da área. Constatamos, assim, que esse dicionário apresenta fragilidades, uma vez que a obra registra as marcas terminológicas em poucas UL, e, em alguns lemas, não insere os sentidos especializado.

Desse modo, para amenizar essas fragilidades, o lexicógrafo pode necessitar registrar essas UL com as suas respectivas áreas terminológicas e apresentar os sentidos técnicos de cada

⁵⁵ Locução inserida no verbete do lema “Denominador”.

lema. Por exemplo, no termo *oxidação*, deveria constar a MDT da Química e a definição técnica diretamente na UL, e não em outro lema, sem remeter o consulente a outro verbete, de forma que ele compreendesse de maneira eficaz o sentido do termo em sua totalidade.

O dicionário AUL, das três obras analisadas, foi o que esteve mais completo em níveis de informações, a grande parte dos termos analisados apresentou a MDT. Ao averiguarmos as MDT, observamos que a maioria dos lemas apresenta o registro da área terminológica principal da UL, o que evidencia uma preocupação com o consulente. Ao apresentar o campo de estudo principal do lema, o usuário compreenderá de forma mais objetiva determinado termo.

Embora o dicionário AUL não tenha registrado dois lemas, ele se destaca como a obra mais adequada para ser utilizada como uma ferramenta didática, considerando o registro da MDT. Esses elementos são essenciais para uma obra escolar, especialmente quando direcionada ao público do Ensino Médio.

Podemos observar que, de modo geral, os dicionários trazem informações sobre o registro das MDT. Examinamos que a obra AUL registra na grande parte dos seus termos a marca terminológica; por sua vez, o DLPEB está em um meio termo quanto aos registros, demarcando as áreas técnicas ou algum ramo que pertença a ela; e, por fim, o dicionário HOUC, quase não registra o sentido terminológico e poucos termos estão demarcados com a técnica, o que demonstra uma grande fragilidade da obra.

- (ii) O tratamento lexicográfico referente às marcas diatécnicas nos dicionários do PNLDTipo 4 atendem às necessidades dos alunos do Ensino Médio?

Considerando as discussões realizadas nesta pesquisa e a análise do tratamento lexicográfico sob a perspectiva pedagógica, constatamos que uma obra lexicográfica, direcionada aos estudantes do Ensino Médio, deve ser organizada de forma didática e objetiva. Os consulentes dessa etapa de ensino necessitam de informações de fácil compreensão, principalmente quando se trata de UL terminológicas. Nesses lemas, o registro da MDT e do sentido especializado é indispensável para a compreensão do termo, pois, no decorrer do Ensino Médio, os alunos se deparam com disciplinas com o âmbito especializado, como as áreas física, matemática, biologia, química etc. Por isso, torna-se importante os lexicógrafos trazer esse registro em suas obras.

Nesse sentido, o dicionário AUL é o que melhor atende às necessidades dos alunos do ensino médio. Em primeiro lugar, porque essa obra lexicográfica registra, na maioria dos termos, a MDT, fundamental para compreensão técnica dos lemas especializados; em segundo

lugar, além de apresentar uma explicação na *Front Matter* sobre a MDT, a obra separa as abreviações das MDT das demais abreviações, fato que também ocorre com o DLPEB.

- (iii) Haveria a necessidade de pensar em parâmetros lexicográficos mais didáticos para o registro desse tipo de informação em dicionários escolares?

Com base nas análises dos termos nos três dicionários, verificamos a necessidade de se pensar em parâmetros lexicográficos mais didáticos para os registros das marcas terminológicas em dicionários pedagógicos. Tais parâmetros resultam em formas mais clara e objetivas de registros sobre esses termos. Considerando essas discussões, na próxima seção, apresentamos parâmetros lexicográficos para o tratamento das MDT em dicionários escolares.

5 PROPOSTA DE PARÂMETROS LEXICOGRÁFICOS PARA O REGISTRO DAS MARCAS DIATÉCNICAS EM DICIONÁRIOS PEDAGÓGICOS

De acordo com os objetivos da pesquisa, as análises, consequentes resultados e o referencial teórico que alicerçou todo o processo investigativo, apresentamos uma proposta de parâmetros para o registro das MDT em dicionários pedagógicos.

Considerando o entorno e o contexto, na nossa proposta de parâmetros para as MDT objetivamos o uso dessa teoria para conseguirmos compreender melhor essa proposição. Ao refletir sobre os termos e os possíveis registros das MDT, ponderamos que determinada UL pode ter um sentido em uma área e um sentido em outra área, e o que vai diferenciar esse sentido é o entorno e o contexto em que ela está sendo aplicada. Diante disso, propomos três maneiras de registrar os termos, a saber:

- I. Utilizar o símbolo de interseção “>” da matemática para expressar as relações entre a área e sua subárea. Escolhemos esse símbolo da matemática para dizer que a área e sua subárea utilizam do mesmo termo, porém a área é maior que a sua subárea, dentro daquele contexto especializado, como nos exemplos: Biologia > Genética; Física > Física Térmica; História > História Política; Linguística > Gramática; entre outros. Assim o aluno consegue perceber que a área e a subárea utilizam do mesmo termo, mas que, em determinada situação, a área é maior que a subárea.
- II. Realizar a marcação dupla quando houver duas áreas que utilizam o mesmo termo. Dessa forma, o aluno consegue compreender que determinado termo possui dois âmbitos de estudos que o empregam, mas com sentidos específicos em suas respectivas áreas. Por isso, é importante que a definição apresente os sentidos das duas áreas registradas. Podemos verificar esse caso por meio dos seguintes exemplos: História > História Política (Filosofia); Matemática > Geometria (Anatomia); Química > Eletroquímica (Biologia); Sociologia > Sociologia Jurídica (História); entre outros. Nesse caso, vemos que, logo depois do registro da interdisciplinaridade, a indicação da segunda área ocorre entre os parênteses, caracterizando a marcação dupla.
- III. Efetuar a marcação tripla quando houver três áreas que empregam o mesmo termo. Nesse contexto, é importante apresentar na definição os três sentidos dos respectivos âmbitos de estudo, para não gerar dúvidas nos consulentes sobre cada MDT. Verificamos esse caso nos exemplos: Biologia > Fisiologia (Medicina \cap Ecologia); Filosofia > Filosofia Moral (Direito \cap Sociologia); Física > Termometria (Geografia \cap Música); Geografia > Geopolítica (Direito \cap Biologia); entre outras. Como apresentado

na marcação dupla, vemos que, depois do símbolo de “maior que”, a indicação da segunda e da terceira área acontece entre parêntese e é separada pelo símbolo de “ \cap ”, indicando a marcação tripla.

- IV. Utilizar o símbolo “ \cap ” para expressar a relação de interdisciplinaridade quando ocorre a marcação tripla. Esse símbolo da matemática significa a interseção entre as áreas A e B ($A \cap B$), ou seja, o conjunto de conhecimentos, métodos ou conceitos são compartilhados ou estão em interface entre a área A e a área B. Dessa forma, as áreas se encontram e se influenciam. À vista disso, o símbolo “ \cap ” é uma representação para expressar a interdisciplinaridade que se manifesta entre as áreas do conhecimento e que compartilham elementos entre diferentes campos do saber. Podemos exemplificar o uso desse símbolo nos exemplos: Biologia > Genética (Medicina \cap Ecologia); Física > Física Térmica (Biologia \cap Química); Geografia > Geopolítica (Direito \cap Biologia); entre outros. Assim, por meio do símbolo, torna-se visível a relação de interdisciplinaridade entre as áreas.

À vista disso, o símbolo de maior que foi inserido para que o aluno perceba que as áreas e suas subáreas compartilham conhecimentos, conceitos etc., e são relacionadas. A marcação dupla ou tripla aparece conforme a necessidade do termo, ou seja, quando o termo for utilizado em duas áreas, terá o registro de marcação dupla, e quando o termo for utilizado em três áreas, terá o registro de marcação tripla. Inserir o símbolo “ \cap ” quando ocorrer a marcação tripla pode ajudar o aluno a compreender a existência de uma relação de interdisciplinaridade entre os termos. Considerando o exposto, almejamos que a proposta apresentada para o registro da MDT auxilie e facilite a compreensão dos consulentes no entendimento desse registro. A aplicação dessa proposta está explicitada na subseção 5.2.

5.1 Princípios e proposta para o registro da Front Matter

Vimos nas seções anteriores que a Front Matter exerce uma função essencial para a compreensão da organização da obra lexicográfica e seus registros. As informações contidas nela auxiliam o consulente no entendimento do dicionário como um todo, possibilitando que o usuário compreenda o registrado das MDT e questões relacionadas a essa marca.

As obras lexicográficas pedagógicas visam o aluno como público-alvo, por isso, o cuidado com a compreensão das diversas informações e das MDT é maior em dicionários desse tipo. À vista disso, os lexicógrafos podem considerar alguns aspectos antes de inserir esse tipo de marca nas obras, visto que, os alunos em relação aos termos, em alguns casos, podem se deparar com algumas dificuldades no entendimento.

O lexicógrafo pode utilizar os parâmetros em suas obras sempre visando o público-alvo, que neste caso é voltado aos alunos do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, e os objetivos propostos para o dicionário. Com isso, ele pode utilizar e/ou ajustar esses parâmetros para a Front Matter em seu dicionário.

Considerando os princípios propostos para o registro da Front Matter, os parâmetros apresentados para essa etapa em dicionário pedagógico, no que se refere às MDT, podem apresentar as seguintes características:

- i. Pontuar que as áreas utilizadas para demarcar a MDT são apresentadas por extenso, já que se trata de um dicionário pedagógico e, por isso, o uso dos termos por extenso torna-se relevante.
- ii. Evidenciar que em cada acepção há MDT por extenso correspondente à definição. Dessa forma, o consulente consegue compreender qual a MDT, que aparece por extenso no início do lema, é referente a cada definição.
- iii. Esclarecer que o símbolo ">" pode ser utilizado quando as áreas e suas subáreas utilizarem do mesmo termo, tendo em vista que ele simboliza que a área é maior que a subárea em relação à utilização do termo.
- iv. Esclarecer que em alguns termos pode ocorrer a marcação dupla e em outros a marcação tripla. Isso acontece a depender do termo, visto que determinado lema pode ser utilizado em duas áreas e outro em três áreas. Por isso, é importante deixar claro para o aluno qual o tipo de marcação.
- v. Para indicar essa marcação dupla ou tripla utilizamos parênteses e dentro dele as áreas estão separadas pelo símbolo de intersecção “∩”. Por meio do símbolo indica-se a interdisciplinaridade entre as áreas.
- vi. Explicar todos os sentidos que o lema apresenta na MDT. Para isso, é necessário pontuar que as definições dessa marca englobam os termos especializados e, para distingui-los das demais marcas, é importante utilizar recursos, como o itálico, para diferenciar o registro.
- vii. Trazer pelo menos uma informação de uso da MTD, a partir de um exemplo retirado de um verbete da macroestrutura do dicionário.
- viii. Listar os símbolos do campo de locuções substantivas e o símbolo que marca a intersecção entre as áreas. Para isso, é necessário anexá-los com seus determinados sentidos abaixo do guia de uso e inseri-los no guia de uso.

- ix. Inserir remissivas com às variantes dos termos, com a MDT, ou com a indicação de outros lemas para o consulente obter mais informações.
- x. Conformidade entre as informações das marcas de uso inseridas nas páginas iniciais e seu registro na macroestrutura da obra.

Por conseguinte, elaboramos um “Guia de Uso” para que seja possível visualizar tais preposições sendo aplicada na *Front Matter*. A saber:

Figura 13 - Guia de uso

GUIA DE USO

Este guia de uso apresenta as diversas informações que este dicionário oferece, para tornar sua consulta fácil e rápida.

1. Entrada → **absolutismo** s.m. **História** > **História Política (Filosofia)**.

7. Definição → **1** ∩ Sistema político no qual o chefe de Estado tem poderes ilimitados: *O reinado de Luís VIX na França é o ápice do absolutismo monárquico, concentrando todo o poder nas mãos do rei.* **2** *Filosofia.* Ramo da filosofia que debate sobre as teorias de soberania, poder e os direitos dos indivíduos versus o Estado: *Para o filósofo Thomas Hobbes, o absolutismo do soberano era a única saída para que a sociedade não virasse um caos, já que sem um poder forte, as pessoas viveriam em constante guerra* [ETIM: Do Fr. *absolutisme*.]

2. Classe gramatical → **ética** s.f. **Filosofia** > **Filosofia Moral (Direito)** ∩ **Política**.

6. Símbolo que marca a relação de interdisciplinaridade entre as áreas → ∩

5. Marcação tripla: o uso do termo em três áreas do saber

11. Remissiva: remeter o consultante a verificar outro lema → **(Outra forma: Moral)**. [ETIM: Do Gr. *ethiké*.] **ethica**.]

12. Etimologia do lema → [ETIM: Do Lat. *denominator*; *oris*]

10. Símbolo utilizado para as locuções substantivas → **d.** **comum** **1** Em um conjunto de frações ordinárias, um múltiplo de todos os denominadores do conjunto.

8. Exemplo de uso → **mutação** s.f. **Biologia** > **Genética (Agronomia)**. **1** ∩ Alteração súbita de características genéticas, sem relação com os ascendentes, mas que pode ser herdada pelos descendentes: *ocorreu uma mutação na sequência do DNA.* **2** *Agronomia.* Alterações espontâneas ou induzidas no material genético (DNA) de plantas cultivadas, que podem resultar em novas características: *Essa característica surgiu por meio da mutação.* [ETIM: Do Lat. *mutatio,ónis*]

3. Símbolo que marca a relação da área com sua subárea → >

4. Marcação dupla: o uso do termo em duas áreas do saber.

SÍMBOLOS

- campo de locuções
- ∩ Interdisciplinaridade entre as áreas

Fonte: Elaboração própria

5.2 Orientação de registro das Marcas Diatécnicas na microestrutura

Apresentamos, nesta subseção, os parâmetros para os registros das MDT na microestrutura em dicionários pedagógicos.

Sugerimos que as MDT sejam registradas de acordo com as seguintes orientações:

- i. Registro das MDT logo depois do lema, no início do verbete. Isso é necessário para que o consulente possa visualizar de imediato, e se possível utilizar um recurso que possa destacar essa marca, por exemplo uma cor que evidencie a MDT, para que fique bem visível para o usuário.
- ii. Incluir as MDT em sua forma por extenso pode auxiliar o usuário a compreender melhor a referente marca, principalmente quando se trata dos alunos nessa faixa-etária de ensino.
- iii. Realizar a marcação das áreas e subáreas por meio do símbolo ">". Nos termos analisados, ocorre interseções dos campos de estudos, e para que o aluno consiga compreender, relacionamos por meio do símbolo ">", por exemplo: Artes > Artes Plástica; Biologia > Fisiologia; Esporte > Educação Física; entre outros. Nos termos analisados, há a presença de áreas e subáreas que se relacionam, assim, utilizamos o símbolo de “maior que” para relacionar a área com sua subárea, motivo pelo qual ocorre o vínculo por meio do símbolo apontado nos casos apresentados. Isso se justifica pela importância de o consulente entender que naquele termo existe um âmbito que está constituído por subáreas.
- iv. Registrar a marcação dupla ou tripla, quando necessário. Para isso, é necessário inserir as áreas que utilizam o mesmo termo, ou seja, quando duas ou três áreas usam esses termos em seus âmbitos de estudos. Para indicar essa marcação dupla ou tripla utilizamos parênteses e dentro dele as áreas estão separadas pelo símbolo de intersecção “∩”, mostrando a interdisciplinaridade entre as áreas. Podemos verificar os exemplos dessas marcações:
 - Exemplo de marcação dupla: Geografia > Geopolítica (História); História > História Política (Filosofia); Matemática > Geometria (Anatomia); entre outras,
 - Exemplo de marcação tripla: Artes > Artes Plástica (Literatura ∩ Música); Biologia > Fisiologia (Medicina ∩ Ecologia); Esporte > Educação Física (Moda ∩ Jornalismo Esportivo); Física > Termometria (Matemática ∩ Química); entre outros.

- v. Explicar que em cada acepção há MDT por extenso correspondente à definição. Dessa forma, o consulente consegue compreender qual a MDT, que aparece no início do lema, é referente a cada definição.
- vi. Inserir definições com os respectivos sentidos especializados de forma clara e objetiva para cada MDT. Não é objetivo desta pesquisa tratar das definições nas obras lexicográficas, no entanto, ressaltamos a importância de a definição dos termos de especialidades estar adequado com o nível de competência comunicativa do consulente.
- vii. Incluir locuções substantivas quando for o caso e inserir o símbolo “*” para diferenciar a locução da definição, por exemplo: vôlei - * v. de praia; denominador - * d. comum.; entre outros.
- viii. Integrar os exemplos de uso que estejam de acordo com o sentido do termo. Exemplos de uso também não é o objetivo desta pesquisa, entretanto, salientamos a importância desse tipo de informação na microestrutura das obras, visto que os termos quando aplicados em um contexto de uso dentro de um verbete, pode auxiliar o consulente na elucidação da informação.
- ix. Adotar o procedimento de remissiva, e inserir a MDT nos verbetes do lema da remissiva, em casos em que há variantes do lema ou de outros lemas que possam agregar mais informações, isso permite com que o aluno conheça a existência de outras UL. Podemos averiguar esse caso nos seguintes termos: basquete – basquetebol; vôlei – voleibol; homeostase – homeóstase. As obras lexicográficas inseriram essas remissivas para que o aluno conhecesse a existência dessas outras UL.
- x. No final do verbete, é interessante o lexicógrafo considerar incluir a etimologia da UL, pois estamos tratando de termos de áreas específicas, então conhecer de onde a palavra surgiu costuma auxiliar o consulente na compreensão do sentido especializado de determinada UL.

Seguindo as orientações apresentadas, as MDT presentes em dicionários monolíngues pedagógicos podem ser organizados na seguinte estrutura de verbete, a depender do objetivo do lexicógrafo, aplicando os parâmetros propostos nos verbetes:

lema. classe.gram. > *Marca Diatécnica* (marcação dupla ou \cap tripla). Definição. * loc. sub (opcional). *exemplo de uso.* *Remissiva* (opcional). [Etimologia].

Por conseguinte, apresentamos a aplicação dos parâmetros, organizados de acordo com os critérios propostos e seguindo a ordem alfabética das áreas analisadas. Para tal finalidade, os

verbetes foram elaborados com base nos dicionários examinados neste trabalho, sendo priorizado aqueles que ofereciam informações mais completas sobre o lema. As nossas inserções e ajustes estão destacados em vermelho para facilitar a identificação.

ARTE

vanguarda s.f *Artes > Artes Plástica (Literatura \cap Música)*. **1** \cap Movimento, geral artístico, que propõe ideias novas, avançadas: *A bossa-nova esteve na vanguarda da música popular brasileira*. **2** *Literatura*. Conjuntos de movimentos inovadores que surgiram principalmente no início do século XX, caracterizados por obras literárias e músicas que rompem com as tradições, inovando-as: *Sua poesia de vanguarda chocou a crítica da época*. **3**. *Música*. Movimento que desafiava as normas e convenções musicais estabelecidas, explorando novas formas de expressão e técnica: *O Free Jazz foi uma vanguarda radical nos anos 60*. [ETIM: Do Fr. *avant-garde*] (AUL, 2011).

impressionismo s.m *Artes > Artes Plástica (Literatura \cap Música)*. **1** \cap Movimento na pintura do fim do séc. XIX, que usou os efeitos da luz e da cor para retratar a realidade: *“Parou em seguida diante de um quadro (...) manche de impressionismo, de um plenarismo ofuscante...”* (Júlio Dantas, *Espadas e rosas*). **2** *Literatura*. Busca capturar a essência de uma experiência sensorial, utilizando a atmosfera, a subjetividade da percepção, o individualismo e elementos da natureza.: *No impressionismo literário, a descrição detalhada da paisagem cede lugar à captura de flashes sensoriais*. **3**. *Música*. Movimento que busca evocar ambientes e sensações em vez de desenvolver temas musicais de forma tradicional.: *Muitas trilhas sonoras de filmes usam técnicas impressionistas para evocar emoções em vez de definir temas tradições*. [ETIM: Do Fr *impressionisme*] (AUL, 2011)

BIOLOGIA

homeostase s.f *Biologia > Fisiologia (Medicina \cap Ecologia)*. **1** \cap Estado de equilíbrio das várias funções e composições químicas do organismo, como, p.ex., a pressão arterial, o pulso, a temperatura, a taxa de açúcar no sangue etc.: *homeostase da temperatura corporal é crucial: se a temperatura sobe, o corpo aciona mecanismos como a transpiração para resfriar-se e manter os 37°C*. **2** *Medicina*. Refere-se à capacidade do organismo de manter suas condições internas relativamente estáveis e equilibradas, mesmo diante de variações no ambiente externo ou interno.: *Vou ao médico fazer a avaliação da homeostase*. **3** *Ecologia*. Capacidade inerente do ecossistema de se autorregular e persistir ao longo do tempo, mantendo um estado de relativa estabilidade e equilíbrio dinâmico.: *A homeostase do ecossistema amazônico é desafiada pelo desmatamento e pelas queimadas, que comprometem sua capacidade de autorregular o clima e a biodiversidade*. (Outras formas: *homeostase ou homeostasia*). [ETIM: Do Greg. *hómoios*] (AUL, 2011)32

mutação s.f *Biologia > Genética (Agronomia)*. **1** \cap Alteração súbita de características genéticas, sem relação com os ascendentes, mas que pode ser herdada pelos descendentes: *ocorreu uma mutação na sequência do DNA*. **2** *Agronomia*. Alterações espontâneas ou induzidas no material genético (DNA) de plantas cultivadas, que podem resultar em novas características.: *Essa característica surgiu por meio da mutação*. [ETIM: Do Lat. *mutatio,ônis*] (HOUC, 2011)

EDUCAÇÃO FÍSICA

basquete s.m. *Esporte > Educação Física (Moda ∩ Jornalismo esportivo)*. **1** ∩ Jogo entre duas equipes de cinco jogadores, numa quadra retangular em que há duas cestas (aros metálicos circulares) em extremidades opostas, e no qual cada equipe, para obter pontos, tenta fazer com que a bola entre na cesta defendida pelo adversário, ao mesmo tempo em que procura defender a própria cesta.: *Fizeram muitos arremessos durante o jogo de basquete (Outra forma: basquetebol)*. **2 Moda**. Fonte de estilo, identidade, colaboração criativa e um elemento cultural significativo.: *A nova coleção da marca aposta na estética do basquete dos anos 90*. **3 Jornalismo Esportivo**. Um tema dinâmico e constante de informação, análise e narrativa sobre a modalidade.: *A cobertura de basquete no jornal esportivo tem ganhado destaque*. [ETIM: Do Lat. *mutatio,ônis*] (AUL, 2011)

vôlei s.m *Esporte > Educação Física (Marketing ∩ Jornalismo esportivo)*. **1** ∩ Esporte praticado entre duas equipes de seis jogadores que devem passar a bola de um lado a outro de uma quadra retangular, dividida ao meio por uma rede, usando as mãos e os punhos: *A seleção de vôlei feminina do Brasil não conseguir chegar às finais das Olimpíadas de 2024*. * **v. de praia** *loc.subst.*_modalidade adaptada de vôlei jogada em quadra de areia (ger. na praia), com equipes de dois ou quatro jogadores. **2 Marketing**. Esporte com diversas qualidades que podem ser exploradas para atrair consumidores, patrocinadores e fortalecer marcas.: *A empresa de material esportivo lançou uma campanha focada no vôlei*. **3 Jornalismo Esportivo**. Meio constante de notícias, sendo um tema de interesse público, fornecendo informações, análises e narrativas sobre o esporte e seus protagonistas.: *No noticiário, o repórter destacou a performance excepcional da seleção brasileira de vôlei na Liga das Nações, enfatizando a invencibilidade do time*. (Outra forma: voleibol). [ETIM: Do Ing. *Volley ball*] (HOUC, 2011)

FILOSOFIA

ética s.f *Filosofia > Filosofia Moral (Direto ∩ Política)*. **1** ∩ Parte da filosofia que trata das questões e dos preceitos que se relacionam aos valores morais e à conduta humana.: *Debates sobre ética envolvem dilemas morais*. **2 Direito**. Conjunto de princípios e regras que orientam a conduta de advogados e juristas, de modo a garantir o exercício profissional ético.: *O juiz deve decidir com base na lei e na ética*. **3 Política**. Conjunto de princípios, normas e regras que devem ser seguidos para que se estabeleça um comportamento moral exemplar.: *A crise na corrupção recente evidenciou a urgência de restaurar a ética na política*. (Herbert de Souza – Betinho, 1993). [ETIM: Do Gr. *ethiké. ethica.*] (AUL, 2011)

moral s.f. *Filosofia > Filosofia Moral (Direto ∩ Sociologia)*.. **1** ∩ Conjunto de regras de conduta desejáveis num grupo social ***m. burguesa** *loc.subst* “*A moral, propriamente dita, não é a doutrina que nos ensina como sermos felizes, mas como devemos tornar-nos dignos da felicidade*” (Immanuel Kant, 1987). **2 Direito**. Fonte de legitimidade, buscando incorporar valores morais para garantir a justiça.: *A decisão do tribunal levou em conta não apenas a legislação vigente, mas também a moral pública, buscando uma sentença que ressoasse os valores da comunidade*. **3 Sociologia**. Fenômeno social construído, mantido e variado por fatores sociais e culturais, essencial para a dinâmica das sociedades humanas.: *A moral de uma comunidade rural, muitas vezes valoriza a solidariedade e a ajuda mútua como pilares de sua organização social*. [ETIM: lat. *moraális*] (HOUC, 2011)

FÍSICA

termodinâmica s.f. *Física > Física Térmica (Biologia ∩ Química)*. **1** ∩ Estuda os processos de transformação de energia e de que maneira os sistemas se comportam durante tais processos: *Para realizar o estudo de energia, precisamos verificar a termodinâmica.* **2** *Biologia*. Parte da biologia que compreende os processos energéticos nos sistemas biológicos, como o metabolismo celular e a transferência de energia nos ecossistemas.: *A termodinâmica explica como as células convertem a energia dos alimentos em trabalho, obedecendo às leis de conservação de energia.* **3** *Química*. Estuda a energia envolvida em reações químicas, equilíbrio químico e propriedades termodinâmicas de substâncias.: *A termodinâmica permite prever se uma reação química será espontânea e quanta energia ela pode liberar ou absorver.* [ETIM: grego *therme*, que significa "calor", e *dynamis*, que significa "movimento"] (AUL, 2011)

escala s.f. *Física > Termometria (Geografia ∩ Música)* **1** ∩ Graduação de um instrumento de medida.: *Para medir o comprimento de uma mesa, usamos uma régua na escala de centímetros.* * **e. Celsius** *loc. subst.* escala de temperatura baseada em dois pontos fixos: o de fusão do gelo e o de ebulição da água, aos quais se atribuem os valores 0 e 100, respectivamente, estando ambos sob pressão de uma atmosfera => cf. *Celsius* na parte enciclopédica; * **e. de Richter** *loc. subst.* escala que mede o grau de intensidade dos tremores de terra; * **e. Fahrenheit** *loc. subst.* escala de temperatura us. em países de língua inglesa baseada em dois pontos fixos: o de fusão e o de ebulição da água, aos quais se atribuem os valores 32 e 212, respectivamente => cf. *Fahrenheit* na parte enciclopédica. **2** *Geografia*. ***e. Cartográfica** *loc. subst.* representa a relação entre as dimensões de um mapa e as dimensões reais da superfície; ***e. Geográfica** *loc. subst.* refere-se ao nível de análise espacial, que pode variar de local a global.: *Um mapa de pequena escala representa uma área geográfica muito grande, com menos detalhes.* **3** *Música*. **e. Musical** *loc. subst.* uma sequência ordenada de notas musicais dentro de uma oitava, separadas por intervalos específicos => escala maior, escala menor etc.: *O pianista praticava as escalas maiores e menores para aprimorar sua técnica.* [ETIM: lat.tar. *scala,ae* 'escada', no lat. cl, mais us. no. pl. *scalae, arum* 'degraus, escadaria, escada'] (HOUCE, 2011)

GEOGRAFIA

território s.m. *Geografia > Geopolítica (Direito ∩ Biologia)*. **1** ∩ Extensão de terra significativa em relação a seus ocupantes ou a uma unidade política qualquer: *Esse território pertence ao município de Três Lagoas – Mato Grosso do Sul.* **2** *Direito*. Normas definidas por cada país sobre a extensão e a organização do território nacional.: *A invasão do território nacional sem autorização configura uma violação da soberania do país, com graves implicações legais e diplomáticas.* **3** *Biologia*. Refere-se à área que um animal ou grupo de animais defende contra outros da mesma espécie ou de espécies diferentes.: *O leão macho demarca seu território com urina e rugidos para afastar rivais e garantir o acesso aos recursos para o seu grupo.*[ETIM: Do lat. *territorium*] (AUL, 2011)

geopolítica s.f. *Geografia > Geopolítica (História)*. **1** ∩ Campo de estudo que focaliza a importância da influência de fatores econômicos, geográficos e demográficos sobre a política, esp. nas relações internacionais.: *A geopolítica criará estratégias para administrar esse território. (Outra forma: geografia política)* **2** *História* Área de estudo fundamental para entender as causas e consequências de eventos históricos, como guerras, expansões territoriais, formação de aliança e mudanças na ordem mundial.: *A geopolítica da Guerra Fria foi marcada pela divisão do mundo em blocos ideológicos, com os Estados Unidos e a União Soviética disputando áreas de influências estratégicas em diferentes continentes.*[ETIM: *ge(o)- + política*] (AUL, 2011)

HISTÓRIA

absolutismo s.m. *História > História Política (Filosofia)*. **1** \cap Sistema político no qual o chefe de Estado tem poderes ilimitados.: *O reinado de Luís VIX na França é o ápice do absolutismo monárquico, concentrando todo o poder nas mãos do rei.* **2** *Filosofia*. Sistema que debate sobre as teorias de soberania, poder e os direitos dos indivíduos versus o Estado.: *Para o filósofo Thomas Hobbes, o absolutismo do soberano era a única saída para que a sociedade não virasse um caos, já que sem um poder forte, as pessoas viveriam em constante guerra.* [ETIM: Do Fr. *absolutisme*.] (DLPEB, 2011)

feudalismo s.m. *História > História Política (Sociologia)*. **1** \cap Regime socioeconômico em que os donos de feudos detinham o poder político.: *A vida na Idade Média, com os castelos e os camponeses trabalhando na terra, é um exemplo de como funcionava o feudalismo.* **2** *Sociologia*. Estrutura social com baixa mobilidade social, onde as relações de produção e poder eram fortemente ligadas à posse da terra e aos laços pessoais de dependência.: *O feudalismo mostra como a sociedade era dividida de forma bem clara, com os nobres que tinham a terra e os camponeses que defendiam deles, sem muita chance de subir na vida.* [ETIM: Do Fr. *fóodalisme* ou de *fedal- + -ismo*]. (HOUC, 2011)

LÍNGUA PORTUGUESA

coesão s.f. *Linguística > Gramática*. **1** \cap Conexão gramatical ou lexical entre os elementos que compõem uma frase ou texto: *Esse texto não tinha coesão entre as palavras.* [ETIM: Do Fr. *cohésion*.] (DLPEB, 2011)

regência s.f. *Linguística > Gramática*. **1** \cap Relação entre um termo regente (p. ex.: o verbo) e outro termo que o complementa (p. ex.: o objeto), estabelecida através de uma preposição.: *A frase “Eu assisti ao filme” é um exemplo de regência verbal, pois o verbo “assistir” (no sentido ver) exige a proposição “a” para introduzir seu complemento.* [ETIM: Do Lat. *regentia, ae*.] (AUL, 2011)

MATEMÁTICA

denominador s.m. *Matemática > Aritmética*. **1** \cap Numa fração, o termo que fica abaixo do traço e que indica em quantas partes está dividida uma quantidade: *A inovação se tornou o denominador de sucesso nessa empresa* * **d. comum** **1** Em um conjunto de frações ordinárias, um múltiplo de todos os denominadores do conjunto. [ETIM: Do Lat. *denominator, oris*] (AUL, 2011)

escaleno adj. *Matemática > Geometria (Anatomia \cap Fisiologia)*. **1** \cap Que tem os dois lados desiguais (diz-se de triângulo).: *Minha vida é como um triângulo escaleno – cada um dos meus hobbies tem uma importância diferente.* **2** *Anatomia*. Grupo de três músculos localizados na parte lateral do pescoço: o escaleno anterior, o escaleno médio e o escaleno posterior.: *No estudo do pescoço, o músculo escaleno anterior é um ponto de referência importante para a localização de nervos e vasos sanguíneos.* **3** *Fisiologia*. Estuda o funcionamento e os processos que ocorrem no corpo, especialmente na respiração e nos movimentos do pescoço.: *Durante um esforço físico intenso, a ativação dos músculos escalenos é essencial na fisiologia respiratória, pois eles elevam as costelas, expandindo a caixa torácica e permitindo uma maior entrada de ar nos pulmões.* [ETIM: Do Gr. *skalenos, é, ón, ‘coxo; oblíquo’*] (HOUC, 2011)

QUÍMICA

hidrocarboneto s.m. *Química > Química Orgânica (Geologia)*. **1** \cap Composto formado apenas por carbono e hidrogênio.: *O plástico da embalagem é feito a partir do petróleo, que é uma mistura de hidrocarbonetos.* **2 Geologia.** Estuda a formação, a ocorrência e a distribuição de hidrocarbonetos na crosta terrestre, bem como os processos geoquímicos envolvidos na sua gênese.: *A formação de hidrocarbonetos como o petróleo e o gás natural é um processo geológico lento, que ocorre ao longo de milhões de anos a partir da decomposição de matéria orgânica soterrada sob alta pressão e temperatura.* [ETIM: Grego *hidr(o)-* + *carboneto*] (HOUC, 2011)

oxidação s.f. *Química > Eletroquímica (Biologia)*. **1** \cap Processo reativo que, ao envolver um elemento químico, acarreta perda de elétrons e, como consequência, aumento de sua carga: *A mudança de cor em algumas frutas, como a maçã, ao ser cortada e exposta ao ar, é causada por uma reação de oxidação. (Outra forma: Oxidar)* **2 Biologia.** Processo químico crucial para a produção de energia nas células através da respiração celular.: *A oxidação da glicose é a principal forma como as células obtêm energia, através da respiração celular, que quebra a molécula de açúcar liberando elétrons.* [ETIM: *oxidar* + *-ção*. Ant. ger.: *desoxidação*.] (AUL, 2011)

SOCIOLOGIA

ideologia s.f. *Sociologia > Sociologia Empírica (Filosofia)*. **1** \cap Conjunto de ideias, crenças, tradições, princípios e mitos, sustentados por um indivíduo ou grupo social, de uma época, de uma sociedade.: *A ideologia de uma pessoa pode influenciar suas decisões políticas e sociais.* **2 Filosofia.** Debate a natureza das ideologias e a relação entre ideologia, verdade e conhecimento.: *Para alguns filósofos contemporâneos, a ideologia não é apenas um sistema de ideias, mas também um conjunto de práticas sociais que reproduzem e justificam certas estruturas de poder.* [ETIM: Do francês *idéologie*] (HOUC, 2011)

sociedade s.f. *Sociologia > Sociologia Jurídica (História)*. **1** \cap Reunião de indivíduos que vivem num determinado período num certo regime econômico (de produção e de consumo) e político, sob as mesmas leis e normas de conduta e que, mesmo estruturados em distintos níveis sociais, têm a percepção de formarem um grupo: *Em sociedade, nenhum segredo se mantém por muito tempo.* **2 História.** Estudo das sociedades do passado, analisando sua formação, desenvolvimento, transformação, interações e legados.: *No Brasil colonial, a sociedade açucareira era hierárquica e escravocrata, com a vida social, política e econômica girando em torno da produção de açúcar.* [ETIM: Do lat. *Societas, atis*] (AUL, 2011)

Conforme observado nos verbetes ajustados, as pequenas inserções pensadas nas necessidades dos consulentes tornam o dicionário mais didático e com informações mais acessíveis e claras para esses alunos sobre os termos em que se deparam diariamente em suas disciplinas. Para finalizarmos a dissertação, trazemos na próxima seção as considerações finais desta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e ideias (Biderman, 1981, p. 132).

O léxico nomeia e caracteriza, pelo processo de categorização, no qual cada indivíduo irá classificar as experiências humanas de uma cultura. Além disso, o sistema léxico abarca todos os lemas técnico-científicos e torna-os patrimônio universal, considerando que as categorizações lexicais especializadas são utilizadas amplamente no mundo em função dos avanços e divulgações das áreas especializadas, tanto técnicas como científicas. Para esse fim, o dicionário terá como função registrar tanto as UL gerais da língua quanto o léxico especializado de uma língua.

Notamos que, em um dicionário pedagógico, estão registradas as especificidades de uma língua, e, para designá-las, se utilizam as diferentes marcas de uso. Neste trabalho, vimos que cada marca de uso tem uma função dentro de uma obra lexicográfica, elas demarcam um registro da língua e especificam suas funções dentro dela. Dentre as marcas e suas particularidades, neste trabalho, nós nos aprofundamos na MDT.

A MDT registra a área de conhecimento, ou seja, determina se a UL faz parte de uma área especializada. No dicionário, essa marca é indicada por meio de uma abreviação que vem antes da definição relativa a um âmbito específico e a presença dela é fundamental em um dicionário pedagógico, visto que é importante o aprendiz compreender que a UL faz parte de uma determinada área.

Com base nas informações apresentadas e com vistas a verificar se as MDT, presentes em três obras lexicográficas do PNL D tipo 4 que são direcionadas aos alunos do Ensino Médio, propomos os seguintes objetivos para essa investigação: i) revisar o conceito de marcas diatécnicas no âmbito da Lexicografia, levando em conta suas particularidades em comparação às outras marcas de uso; ii) discorrer sobre os princípios da Lexicografia Pedagógica e a possibilidade de ajustes no registro das marcas diatécnicas em dicionários direcionados ao Ensino Médio; iii) examinar o registro de informações sobre termos usados em disciplinas do Ensino Médio, analisando, para tanto, todas as partes que compõem um dicionário escolar.

Além de orientar-nos nos procedimentos teóricos e metodológicos da Lexicografia Pedagógica (LEXPED), procuramos responder, durante o desenvolvimento do trabalho, as

seguintes questões: i) as marcas diatécnicas são registradas nas obras lexicográficas escolhidas para a pesquisa? ii) o tratamento lexicográfico referente às marcas diatécnicas nos dicionários do PNLD tipo 4 atendem às necessidades dos alunos do Ensino Médio? iii) haveria a necessidade de pensar em parâmetros lexicográficos mais didáticos para o registro desse tipo de informação em dicionários escolares?

Considerando os objetivos estabelecidos e as perguntas norteadoras, chegamos às seguintes conclusões:

As MDT, no âmbito da Lexicografia, descrevem o léxico de uma especialidade, assim, são responsáveis por englobar as UL técnicas dos linguistas, médicos, advogados e quaisquer áreas que englobam contextos especializados. No entanto, muitos dicionários não dedicam a atenção necessária a essa marca, como vimos nos apontamentos de Fajardo (1997) e Carevic' (2018) na subseção da MDT. É fundamental que os autores de dicionários, principalmente os destinados à escola, expliquem em seus guias de uso como as MDT são registradas, garantindo a compreensão dos usuários e a qualidade da obra.

Ao discorrer sobre a LEXPED, verificamos que um dos seus objetivos é elaborar obras para aprendizes, que sejam utilizadas para auxiliar o ensino e a aprendizagem de língua. Nesse sentido, procuramos ajustar, por meio dos parâmetros, o registro da MDT nos dicionários voltados para o ensino médio, utilizando uma dupla ou tripla marcação nos lemas especializados para indicar tanto a área geral quanto a específica, além da intersecção entre as áreas. Essa abordagem visa facilitar a compreensão dos estudantes e tornar o dicionário um material didático mais eficaz para o aprendizado.

Nesta pesquisa foi importante examinar todas as informações dos termos escolhidos em todas as partes dos dicionários, ou seja: *Front Matter*, *Middle Matter* e *Back Matter*. Nos dicionários analisados, as obras lexicográficas que apresentaram abreviações das MDT separadamente foram o Novíssimo Aulete dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa (2011) e o Dicionário da Língua Portuguesa – Evanildo Bechara (1ª edição, 2011). Os respectivos dicionários evidenciam uma lista na *Front Matter* com as abreviações de todas as áreas terminológicas que estão registradas. Por sua vez, o Dicionário Houaiss Conciso (1ª edição, 2011) apresenta as abreviações das MDT em conjunto com as demais marcas de uso na *Front Matter*. Conforme discutido nas análises, essa forma de listar as marcas de uso em conjunto com as demais pode dificultar a compreensão do discente.

Na microestrutura dos verbetes notamos que nem todos os termos analisados tiveram a demarcação do registro técnico da determinada área. Enquanto o DLPEB e o AUL registraram essa marca em grande parte dos termos analisados, o HOUC apresentou uma menor frequência,

marcando a MDT em apenas cinco lemas. Com isso, conclui-se que nem todas as obras lexicográficas analisadas registraram às MDT em suas UL especializadas.

Presumir algo assim em um dicionário pedagógico não é adequado, tendo em vista que o público-alvo dessa ferramenta didática são estudantes do Ensino Médio, e alguns deles podem ter dificuldades na compreensão ou podem não conhecer a área de estudo, especialmente aquele que está sendo introduzido a novos conceitos. Posto isso, a marcação técnica e as definições devem estar evidentes aos discentes.

Ao analisar os termos, observamos que poucos deles tinham informações na *Middle Matter*. Em virtude disso, seria necessário que houvesse um maior número de registros na *Middle Matter*, especialmente em verbetes terminológicos, nos quais os estudantes carecem de explicações detalhadas dos termos e, por isso, necessita de maiores informações para obter uma compreensão aprofundada.

As MDT dos verbetes analisados, em sua maioria, precisam de tratamentos lexicográficos para que possam atender ao público-alvo, os alunos do Ensino Médio. Por conseguinte, essas modificações, principalmente em verbetes especializados, podem torná-los mais didáticos e compreensíveis ao usuário, atendendo cada vez mais às necessidades dos usuários em sala de aula.

Diante do exposto, propusemos parâmetros lexicográficos mais didáticos para esses registros em dicionários escolares, a fim de que possam atender aos consulentes dessa etapa de ensino. Levando em consideração que nossa proposta de parâmetros foi elaborada pensando no aluno do ensino médio, utilizamos, por isso, símbolos da matemática que são recorrentes na vida desse aluno, como o símbolo de maior que “>”, para indicar que uma área é maior que a sua subárea, e o símbolo de intersecção “ \cap ”, à medida que apresenta a interdisciplinaridade entre as áreas. Ambos os símbolos empregados contribuem para uma proposta de parâmetros de fácil compreensão.

Além desses aspectos, apresentamos a marcação dupla e tripla para os termos. Assim, o consulente pode verificar que determinado termo é utilizado em duas ou três áreas respectivamente, já que a MDT indica termos de áreas especializadas. Dessa forma, os termos são indicados com essa marcação e, em seguida, são apresentadas todas as informações necessárias para a compreensão, como o sentido, exemplos de uso, remissiva etc.

A apresentação dessa proposta foi elaborada visando o avanço dos estudos sobre essa marca, tendo em vista que ela é fundamental para os estudos lexicográficos e terminológicos. Esperamos que este trabalho que buscou mostrar a importância do registro das marcas de uso, auxilie no desenvolvimento dos estudos da MDT em dicionários pedagógicos.

Para concluir, intentamos que o produto desta dissertação acrescente aos estudos do léxico e estimule outras pesquisas sobre o tema, principalmente em dicionários escolares, com o intuito de contribuir para a aprendizagem dos alunos.

REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. M. Sociolinguística. In. MUSSALIM, F., BENTES, A. C. (Org.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2003, p. 21-47.
- ALMEIDA FILHO, J. C. P. de. **Fundamentos da ciência aplicada da linguagem**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2020.
- AZORÍN-FERNÁNDEZ, D. La Lexicografía como disciplina lingüística. In. MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p. 31-52.
- BAGNO, M. **Dicionário crítico de sociolinguística**. Local: Parábola, 2017.
- BARBOSA, M. A. Réflexions sémantiques sur l'article dans l'oeuvre lexicographique. **Meta**, v. 41, n. 2, p. 265-274, 1996.
- BECHARA, E. **Dicionário da língua portuguesa Evanildo Bechara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.
- BERTONHA, F. H. de C. **Marcas de uso e sua importância em dicionários escolares: proposta de etiquetagem em marcação dupla**. 2022. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociência Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. 2022.
- BERTONHA, Fábio Henrique de Carvalho. Proposta de marcação dupla em dicionários escolares. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 8, p. e0813, 2023. DOI: [10.14393/Lex-v8a2022/23-13](https://doi.org/10.14393/Lex-v8a2022/23-13). Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/68521>. Acesso em: 01 fev. 2025.
- BIBO, L. S. da S.; RODRIGUES PEREIRA, R. Marcas diassistemáticas em dicionários escolares do tipo 4: um estudo metalexigráfico. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 16, n. 2, p. 59-77, 2022. DOI: 10.35499/tl.v16i2.14788. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/14788>. Acesso em: 6 abr. 2024.
- BIDERMAN, M. T. C. As ciências do léxico. **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Local: Editora. v. 2, 2001a, p. 13-22.
- BIDERMAN, M. T. C. **Teoria lingüística: teoria lexical e lingüística computacional**. Martins Fontes, 2001b.
- BIDERMAN, M. T. C. Aurélio: sinônimo de dicionário? **Alfa: Revista de linguística**, 2000.
- BIDERMAN, M. T. C. Dimensões da palavra. **Filologia e linguística portuguesa**, v. 2, n. 1, 1998, p. 81-118.
- BIDERMAN, M. T. C. Léxico e vocabulário fundamental. **Alfa: revista de linguística**, v. 40, 1996. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3994>. Acesso em: 12 out. 2024.

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. **Estudos de filologia e lingüística**, 1981, p. 131-145.

BIDERMAN, M. T. C. A ciência da lexicografia. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 1-26, 1984a.

BIDERMAN, M. T. C. O dicionário padrão da língua. **Alfa**, São Paulo, 28 (supl.), p. 27-43, 1984b.

BINON, Jean; VERLINDE, Serge. Como otimizar o ensino e a aprendizagem de vocabulário de uma língua estrangeira ou secundária? In. LEFFA, Vilson J. **As palavras a sua companhia: o léxico na aprendizagem das línguas**. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 119-165.

BORBA, F. S. **Organização de dicionários: uma introdução à LEXICOGRAFIA**. São Paulo: UNESP, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. Elaboração Egon Rangel – **Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2012.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. Lexikon, 1ª ed., 1958.

CÂMARA JUNIOR, J. M. (1956) **Dicionário de lingüística e gramática: referente à língua portuguesa**. 19ª ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

CAREVIĆ, Meri. **Las marcas lexicográficas y su aplicación práctica**. 2018. Tese Doutorado. University of Zagreb. University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences. Department of Romance languages and literature. 2018.

CASARES, Julio. **Introducción a la lexicografía moderna**. Editorial CSIC-CSIC Press, 1992.

CASTILLO CARBALLO, M. A. **La macroestructura del diccionario**. España: Ariel, 2003.

COSTA, Lucimara Alves da Conceição. **Reflexões sobre a variação terminológica na lexicografia corrente no Brasil e a construção das bases teórico-metodológicos para o dicionário de lexicografia brasileira**. 2015. Tese (Doutorado em Estudos Linguístico) – Universidade Estadual Paulista (Unesp), Instituto de Biociência Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. 2015.

CORREIA, M. Lexicografia no início do século XXI: novas perspectivas, novos recursos e suas consequências. In: Júnior, Manuel Alexandre (coord). **Actas, LEXICON-Dicionário de Grego-Português**, p. 73-85, 2008.

COSERIU, E. Los conceptos de dialecto, nivel y estilo de lengua y el sentido propio de la dialectología. **LEA: Lingüística española actual**, v. 3, n. 1, p. 1-32, 1981.

COSERIU, E. Determinación y entorno: dos problemas de una lingüística del hablar. In: Coseriu, E. **Teoría del lenguaje y lingüística general**. Editorial Gredos, S. A., Madrid, p. 282-323, 1967.

MIGUEL GARCÍA, M^a Lourdes. La enseñanza del léxico del español como lengua extranjera. Resultados de una encuesta sobre la metodología aplicada en el aula. **MarcoELE. Revista de Didáctica Español Lengua Extranjera**, n. 1, p. 1-21, 2005.

ETTINGER, S. La variación lingüística en lexicografía. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La lexicografía**. Madrid: Gredos, 1982, p. 359-394.

FAJARDO, A. **Las marcas lexicográficas: concepto y aplicación práctica en la Lexicografía española**. Local: Editora. 1997.

FERNÁNDEZ-SEVILLA, J. M. **Problemas de lexicografía actual**. Bogotá: Instituto Caro y Cuervo, 1974.

FUENTES MORÁN, M. T. **Gramática en la Lexicografía Bilingüe**. Morfología y sintaxis en diccionarios español-alemán desde el punto de vista del germanohablante. Tübingen: Niemeyer, 1997, p. 44-97.

GARRIGA ESCRIBANO, C. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicográficas. MEDINA GUERRA, A. M. (coord.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003.

GONZÁLEZ PÉREZ, ROSARIO. La marca figurado en los diccionarios de uso. *Revista De Lexicografía*, vol. 7, 2019, p. 77-89.

HAENSCH, G. Aspectos prácticos de la elaboración de diccionarios. In: HAENSCH, G.; WOLF, L.; ETTINGER, S.; WERNER, R. **La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica**, 1982, p. 395-534.

HARTMANN, R. R. K. **Teaching and Researching and Researching Lexicography**. Longon: Pearson Educar Limited, 2001.

HERNÁNDEZ, H. **Los diccionarios de orientación escolar: Contribución al estudio de la lexicografía española**. Tubigen: Max Niemeyer Verlag, 1989.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss conciso**. São Paulo: Moderna, 2011.

KRIEGER, M. da G. Lexicografía: a dicionarização do léxico. **Estudos em lexicografía: aspectos teóricos e práticos**. Campinas: Pontes Editores, 2020, p. 16-27.

KRIEGER, M. da G.; MÜLLER, A. F. Lexicografía Pedagógica: uma proposição prática exemplificada. **Domínios de Lingu@ gem**, v. 12, n. 4, 2018.

KRIEGER, M. da G.; SANTIAGO, M. S.; CABRÉ, M. T. Terminologia em foco: uma entrevista comentada com Maria Teresa Cabré. **Calidoscópico**, v. 11, n. 3, p. 328-332, 2013.

KRIEGER, M. da G. Lexicologia e Lexicografia diacrônicas: qual o papel desse tipo de pesquisa. In: ISQUERDO, A. N.; BARROS, L. A. (org.). **As ciências do léxico**: Lexicologia, Lexicografia, Terminologia. Campo Grande: Editora UFMS, 2010, p. 135- 152.

KRIEGER, M. da G. Tipologias de dicionários: registros de léxico, princípios e tecnologias. **Caleidoscópio**, São Leopoldo vol. 04, n. 03, p. 141-147, 2006a.

KRIEGER, M. da G.; MÜLLER, A. F.; GARCIA, A. R. da R.; BATISTA, R. P. O século XX, cenário dos dicionários fundadores da lexicografia brasileira: relações com a identidade do português do Brasil. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 50, n. 2, 2006b.

LARA, L. F. O dicionário e suas disciplinas. In: ISQUERDO, A. N.; KRIEGER, M. da G. (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, volume II. Campo Grande, MS: Editora UFMS, 2004, p. 133-152.

LARA, L. F. **Teoría del diccionario monolingüe**. México: El Colegio de México, 1997.

LARA, L. F. El objeto diccionario. **Dimensiones de la lexicografía**: a propósito del Diccionario del español actual de México. El Colegio de México, 1990. p. 21-38.

LEFFA, Vilson J. Aspectos externos e internos na aquisição lexical. In. LEFFA, Vilson J. **As palavras a sua companhia**: o léxico na aprendizagem das línguas. Pelotas: EDUCAT, 2000, p. 15-44.

MATTOSO, Câmara Júnior. **Dicionário de linguística e gramática**: referente à língua portuguesa. 13ª ed. Petrópolis, Vozes, 1986.

MOLINA GARCÍA, Iniciais. **Fraseologia Bilingüe**: un enfoque lexicográfico-pedagógico. Granada: Comares, 2006.

MORANTE VALLEJO, Roser. **El desarrollo del conocimiento léxico en segundas lenguas**. Arco Libros, 2005.

OSTER, Ulrike. La adquisición de vocabulario en una lengua extranjera: de la teoría a la aplicación didáctica. **Porta Linguarum**, p. 33-50, 2009.

PEREIRA, Renato Rodrigues. **O dicionário pedagógico e a homonímia**: em busca de parâmetros didáticos. 2018. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2018.

PIRES DE OLIVEIRA, A. M. P. Brasileirismos e regionalismos. **ALFA: Revista de Linguística**, São Paulo, v. 42, n. 1, 1998. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4046>. Acesso em: 14 out. 2024.

PONTES, Antônio Luciano. Léxico e dicionário. In. PONTES, Antônio Luciano. **Dicionário para uso escolar**: o que é como se lê. Fortaleza: EdUECE, 2009, p. 17-56.

PORTO DAPENA, J. Á. La microestructura del diccionario. In. PORTO DAPENA, J. Á. **Manual de técnica lexicográfica**. Madrid: ARCO/LIBROS, S. A., 2002, p. 182-127.

RANGEL, Egon de Oliveira. Com direito à palavra: dicionários em sala de aula. **Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica**, 2012.

ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? **DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, v. 31, 2015, p. 105-141.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; ZAVAGLIA, C. Lexicografia: uma ciência interdisciplinar. **Revista GTLex**, Uberlândia, v. 8, p. e0818, 2023. DOI: 10.14393/Lex-v8a2022/23-18. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/GTLex/article/view/71976> . Acesso em: 14 out. 2024.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; ZACARIAS, R. A. S.; NADIN, O. L. Lexicografia Pedagógica em perspectivas. In. RODRIGUES-PEREIRA, R.; ZACARIAS, R. A. S.; NADIN, O. L. (Orgs.). **Lexicografia Pedagógica: caminhos teóricos e aplicados**. 1. Ed. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2023, p. 13-40.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; NASCIMENTO, C. P. Da palavra ao texto, do texto à palavra: percursos que se convergem. In. CASTIGLIONI, A. C.; DARGEL, A. P. T. P. (Orgs.). **Léxico e ensino: resultados de pesquisa**. 1.ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2022, p. 237-262.

RODRIGUES-PEREIRA, R. Parâmetros para a organização lexicográfica de formas homônimas homófonas não homógrafas destinadas a dicionários pedagógicos. In. RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. S. S. (Orgs.). **Estudos em Lexicografia: aspecto teóricos e práticos**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020a, p. 137-159.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. S. S. Prefácio. In. RODRIGUES-PEREIRA, R.; COSTA, D. S. S. (Orgs.). **Estudos em Lexicografia: aspecto teóricos e práticos**. Campinas, SP: Pontes Editora, 2020b, p. 07-11.

RODRIGUES-PEREIRA, R.; ZACARIAS, R. A. S.; NADIN, O. L. Léxico, ensino e suas interfaces. **Revista GTLex**, v. 5, 2019, p. 6-22.

SANTOS GARGALLO, S. **Linguística aplicada a la enseñanza-aprendizaje del español como lengua extranjera**. Madrid: Arco/Libros-La Muralla, S. L., 2017.

SECO, M. Problemas formales de la definición lexicográfica. In. SECO, M. (Org.). **Estudios de la Lexicografía española**. Local: Editorial Gredos, 2003, p. 25 – 46.

SOUSA, A. F. G.; DE CARVALHO, D. M.; PONTES, A. L. Dicionários escolares como ferramentas para prática de letramento situado/School dictionaries as tools for situated literacy practices. **Guavira Letras**, v. 15, n. 30, 2019.

STREHLER, R. G. Marcas de uso nos dicionários. In. PIRES DE OLIVEIRA, Ana Maria Pinto; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.) **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 1, Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 1998, p. 169-178.

VARGAS, Daré Mariana. Lexicografia Pedagógica: história e panorama em contexto brasileiro. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 12, n. 4, p. 1934–1949, 2019.

DOI: [10.14393/DL36-v12n4a2018-2](https://doi.org/10.14393/DL36-v12n4a2018-2).

Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/41472>. Acesso em: 17 ago. 2024.

WELKER, H. A. O que é lexicografia pedagógica. **Panorama geral da lexicografia pedagógica**. Brasília: Thesaurus, 2008, p. 13-27.

WELKER, H. A. A macroestrutura. In: WELKER, H. A. **DICIONÁRIOS**: Uma pequena introdução à lexicografia. 2. Ed. Revista e ampliada. Brasília: Thesaurus, 2004.

WERNER, R. Lexico y teoria general del lenguaje. In: HAENSCH, G. et al. **La Lexicografia**: De la Linguística teórica a la Lexicografia práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982. p. 20- 94.

WIEGAND, H. E. **On the structure and contents of a general theory of lexicography**. 1984. Disponível em: <https://www.degruyter.com/document/doi/10.1515/9783111593166-005/html>. Acesso em: 10 set. 2023.

XATARA, Claudia Maria; SOUZA, Vanzorico Carlos de; MORAES, Adriana Cardoso de. A AQUISIÇÃO DO VOCABULÁRIO BÁSICO E A COMPETÊNCIA LEXICAL. **Caderno Seminal**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 10, 2008. DOI: 10.12957/cadsem.2008.12670. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/cadernoseminal/article/view/12670>. Acesso em: 05 fev. 2025.

ZAVAGLIA, C.; NADIN, O. L. Lexicografía pedagógica. **Domínios de Lingu@ gem**, v. 12, p. 1921-1933, 2018.

ZAVAGLIA, C. Metodologia em ciências da linguagem: Lexicografia. In: GONÇALVEZ, A. V.; GÓIS, M. L. de S. **Ciências da Linguagem**: o fazer científico? v. 1. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p. 231-264.